



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA – CCSST
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – LCH**

GISELIA ALVES DOS SANTOS

MULHERES NA FRONTEIRA: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA.

**IMPERATRIZ – MA
2018**

GISELIA ALVES DOS SANTOS

MULHERES NA FRONTEIRA: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA.

Monografia apresentada junto ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do título de graduação na área especificada.

Sob orientação: Prof^ª. Dr^ª. Vanda Maria Leite Pantoja

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

dos Santos, Giselia Alves.

Mulheres na fronteira: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA / Giselia Alves dos Santos. - 2018.

100 f.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/MA, 2018.

1. Comportamento. 2. Decolonial. 3. Gênero. 4. Mulher. 5. Sexualidade. I. Leite Pantoja, Vanda Maria. II. Título.

GISELIA ALVES DOS SANTOS

MULHERES NA FRONTEIRA: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA.

Monografia apresentada junto ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do título de graduação na área especificada.

Sob orientação: Prof^ª. Dr^ª. Vanda Maria Leite Pantoja

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja

Prof^ª. Ma. Cláudia Silva Lima

Prof^º. Me. Jónata Ferreira de Moura

IMPERATRIZ – MA
2018

AGRADECIMENTOS

À Deus, que em sua Soberania e Onipotência tem me fortalecido na motivação e concretização deste trabalho;

A minha família: mãe, pai (*in memória*), irmãos que souberam compreender minhas ausências, sem esquecer-me do “digníssimo” marido, que mesmo sem compreender se virou sozinho na cama muitas noites, a minha segunda família (sogra, sogra, cunhadas e enteadas) que direta e indiretamente foram suportes preciosos nessa etapa difícil da minha vida e para a realização deste trabalho;

A todos os companheiros do curso, no qual tive a oportunidade de conhecer e compartilhar conhecimentos ao longo da trajetória aqui percorrida em cada aplicação acadêmica;

A todos os meus colegas de trabalho pelo apoio e sugestões durante este processo de construção de conhecimento;

A todas as mulheres que contribuíram diretamente como parte integrante na efetivação dessa conquista;

A Dr^a. Vanda Pantoja pela sua prontificação, observações e orientações no decorrer desse assunto.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

“Viajando para o “mundo” dos outros nós podemos entender o que é ser eles, e o que é ser nós mesmos aos olhos deles. Conhecer os “mundos” das outras mulheres é parte de conhecê-las e conhecê-las é parte de amá-las”. (LUGONES, 1987, p. 17).

RESUMO

Essa pesquisa tem como propósito compreender como as mulheres vivem sua sexualidade e o que pensam sobre o comportamento sexual de outras mulheres em Imperatriz-MA. O ponto de partida é situar a mulher no tempo para pensar a atualidade a partir do referencial teórico baseado na perspectiva de autores preocupados com a temática como Heleieth Saffiot (1990), Simone de Beauvoir (1970), Joan Scott (1990) ancorados em María Lugones (1987) em diante, nos dando uma visão da construção das interações com as implicações do gênero como categoria. Para essa pesquisa se fez uso do método dedutivo com enfoque fenomenológico, com pesquisas descritivas e de campo para nos ajudar a chegar ao objetivo acima, sendo este efetuada na cidade de Imperatriz – MA; a pesquisa tem revelado a percepção atual na desmistificação da sexualidade na visão das próprias mulheres, ao qual se percebe que houve um avanço no sentido do reconhecimento das próprias mulheres como sujeitos capazes de decidir sobre seus próprios desejos, no entanto, também se percebe o entrave, muitas permanências, herança do patriarcado e das formas tradicionais de se compreender a mulher, sobretudo quando o assunto é sexualidade e desejo, em que a cada passo avançado há dois passos de retrocesso, mas, essa afirmação é o que as deixa rumo a uma reflexão decolonial do feminismo.

Palavras – chave: Mulher. Gênero. Comportamento. Sexualidade. Decolonial.

ABSTRACT

This research aims to understand how women live their sexuality and what they think about the sexual behavior of other women in Imperatriz-MA. The starting point is to place the woman in time to think about the current situation based on the theoretical perspective based on the perspective of authors concerned with the theme such as Heleieth Saffiot (1990), Simone de Beauvoir (1970), Joan Scott (1990) anchored in Maria Lugones (1987) onwards, giving us an insight into the construction of interactions with the implications of gender as a category. For this research we used the deductive method with a phenomenological approach, with descriptive and field research to help us reach the above objective, which was done in the city of Imperatriz - MA; the research has revealed the current perception in the demystification of sexuality in the view of the women themselves, to which it is perceived that there has been an advance towards the recognition of the women themselves as subjects able to decide on their own desires, however, also the obstacle is perceived, many stays, inheritance of the patriarchy and the traditional ways of understanding the woman, especially when the subject is sexuality and desire, where each step forward is two steps backward, but, this statement is what leaves them towards a decolonial reflection of feminism.

Keywords: Woman. Genre. Behavior. Sexuality. Decolonial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A MULHER E AS MUDANÇAS NA “SOCIEDADE DOS HOMENS”	16
1.1 A mulher na sociedade: do recato do lar ao ambiente público	19
2. SEXO, AMOR E DESEJO	41
3. COMO AS MULHERES DE IMPERATRIZ-MA VÊEM AS MUDANÇAS?	45
3.1 MULHERES NA FRONTEIRA: como elas se expressam em Imperatriz/MA	52
CONSIDERAÇÕES	59
REFERÊNCIAS	63
ANEXO.....	67
APÊNDICE I – MODELO DO QUESTIONÁRIO.....	68
APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO	70
APÊNDICE III – ENTREVISTAS	71

INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres foram vistas, e algumas vezes se veem como pessoas desprovidas de escolhas e direitos. Isso as colocou em um lugar de rara expressão pública e pouca autonomia, pois, o homem era considerado o “macho dominante” em todos os espaços, ele apoderava-se das vontades femininas impondo-lhes ordens, direcionamentos e desejos de sua masculinidade, ou seja, as mulheres viviam apenas para obedecer e acatar o que os machos determinavam como correto e adequado a elas. Até mesmo no contexto das relações de intimidade, e sobretudo nelas, a relação era de dominação masculina. Esse contexto contribuiu para “[...] reproduzir a representação social da mulher naturalmente dependente do homem, incapaz de chegar à plena soberania de si” (LIPOVETSKY, 2000, p.24). Essa citação nos remete a perspectiva desta pesquisa, enquanto as mulheres contemporâneas tentam promover uma inversão às marcas da nossa construção colonial sócio histórica patriarcal, sintomas daqueles tempos continuam marcantemente impregnadas em nossa sociedade. Neste sentido discursivo faz-se necessário uma releitura do passado como forma de compreender historicamente a questão da mulher diante da sua própria sexualidade percebendo as nuances e mudanças frente aos elementos que proporcionaram tais mudanças para então tentarmos entender seu comportamento nos dias de hoje.

Neste sentido discursivo o trabalho aqui apresentado surgiu do seguinte questionamento: Na atualidade como as mulheres estão expressando sua sexualidade? Como elas se posicionam frente ao modelo patriarcal? Nosso objetivo consiste em compreender como as mulheres vivem sua sexualidade e o que pensam de outras mulheres em Imperatriz-MA.

A visão de mulher recatada, do lar, mãe de filhos e cuidadora da casa, a “Amélia” ao longo do séc. XX sofreu alterações, embora ponderadas, que em muito contribuíram para o cenário da sociedade atual, embora ainda exista vários tabus que de perto ou de longe atingem e questionam o comportamento manifestado de mulheres que lutam por autonomia na expressão de sua sexualidade, de seus corpos, atos e desejos.

A sexualidade sempre foi vista na sociedade como um aspecto de dominância do homem sobre a mulher em que este é que exerceria o papel de tomar a iniciativa, desde a conquista até à realização do ato em si, deste modo, visualizar a mulher como um ser humano de direitos iguais, e não objeto, que assim possa ter a atitude de se direcionar ao homem e expressar seu desejo por ele, é uma ação que ainda divide opiniões entre os homens e, para

nossa surpresa entre as mulheres, como apontou nossos dados de pesquisa. Essa mulher é vista como dominadora, considerada “atrevida”, “devassa” e “sem moral”, posto que, o tabu de que esta deve ser aquela personagem feminina e passiva, aquela que espera, que não toma a iniciativa, que não expressa sua sexualidade, tal qual o patriarcado nos ensinou e continua a nos ensinar.

É nessa perspectiva que surge a reflexão para um olhar decolonial do feminismo como propõe Lugones (1987) é repensar as suas práticas e atitudes diante do que ela própria considera bom e com isso a possibilidade de mudança. Requer também uma postura reflexiva que compreenda o gênero como invenção histórica, como um traço importante para se compreender a relação de dominação entre homem e mulher, mas, não apenas, pois implica pensar a questão para além da questão estrita de gênero, isto é, relação entre homens e mulheres, mas a própria invenção de marcadores de diferenciação e inferiorização entre pessoas.

Compreendemos que a modernidade trouxe diversos avanços no modo de vida dos indivíduos, e também mudanças nos comportamentos dos sujeitos, sendo que o comportamento entre os sexos foi uma destas grandes alterações, pois, a mulher contemporânea tem em si senso de liberdade, tal qual expressa a própria ideia de modernidade, essa mulher quer expressar suas vontades, ter autonomia, ter articulações de dominância em muitas situações da vida e principalmente frente às relações sexuais, embora muitas famílias não abram mão de educar suas filhas dentro do padrão patriarcal enraizado em uma cultura religiosa que detém em suas condutas a visão de moças que casarão na igreja portando suas virgindades intactas, se observa que as jovens da atualidade, mesmo recebendo esta educação, já não as valoriza em tamanha dimensão, como apontou nossa pesquisa também, até porque as relações sexuais sofreram muitas modificações a partir do avanço tecnológico, uma das marcas da modernidade.

Ser mulher nos dias de hoje, assim como ser homem, implica numa complexidade de relações que vem se configurando e reconfigurando ao longo dos anos. Sendo assim, não se trata de estabelecer tão somente relações de igualdade entre os gêneros, mas entender como se estabelece essas relações, pois, “não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia”, Saffioti (1992, p. 210), em que cada vez mais, há liberdade na realização dos comportamentos.

No que se refere às literaturas estudadas sobre essa temática de gênero em termos mais gerais, segundo Grandesso (2006), homens e mulheres são vistos com um enfoque narrativo diferente, a questão do gênero é marcada pelas diferenças impostas pela cultura, influência das diferenças na construção do *self* com a sociedade. Sendo os homens valorizados por suas realizações individuais, enquanto que a sensibilidade nas relações amorosas é vista como fraqueza, papel da mulher. Quando o inverso acontece, e as mulheres se veem dentro da categoria autonomia, traz consigo o ar de liberdade compondo esse cenário da uma outra identidade para a mulher, e nessa condição de liberdade, elas acabam por valorizar certos comportamentos que os homens aprenderam desde que nasceram. E com base nesse tipo de mudança de comportamento a da sociedade, especificamente da mulher contemporânea que se embasa minha pesquisa.

Ao me deparar com inúmeros trabalhos a respeito da temática de gênero, vi que a minha pesquisa seria mais uma gota d'água em um oceano de discursos sobre as relações entre gênero, porém, aprofundando-me, percebi que meu trabalho refletia muito além da questão em si, partia para um contexto pouco abordado na sociedade, ao se tratar de um assunto que as pessoas caracterizam como “tabu”, criado por convenções sociais, religiosas e culturais como meio de preservar os bons costumes da sociedade, evitando assim, falar de assuntos polêmicos como o sexo, quando vem enraizado de preconceito ao partir da iniciativa da mulher. Vê-se então a relevância social do meu trabalho, tendo em vista que se trata de uma perspectiva que vai de encontro ao modelo de sociedade patriarcal, por essa razão, sua importância para a análise que preza pela igualdade não apenas entre os gêneros, mas marcadamente igualdade entre pessoas.

Ao ler algumas referências ao tema, deparei-me com um artigo ao qual chamou a minha atenção ao fazer uma abordagem semelhante, porém, com análise freudiana na perspectiva narcísica, em que traz o feminino aos novos modos de erotismo da mulher, ficando claro seu objetivo em analisar esse tipo de comportamento do sujeito mulher se relacionar consigo mesmo e com o outro, tendo como tema, “O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade”, de Fernanda Jota (2007). Veio somar com o meu trabalho, assim como o artigo de Josênia Vieira (2005) “A Identidade da Mulher na Modernidade”, que vem tratar acerca das mudanças ocorridas na identidade da mulher na contemporaneidade em decorrência das suas conquistas no advento da globalização e seu intercuro sexual.

Considero meu trabalho de grande relevância para a Universidade e principalmente para o Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, em ver que, o acervo de pesquisas nesse

contexto é carente, reconhecimento para o curso com produção de material e para a região, tendo em vista que, não foi encontrado material com foco nessa temática no Maranhão.

Tentando analisar possíveis respostas para o questionamento apontado que, possa corresponder a uma tentativa da mulher de se auto afirmar. Que pode ser vista pela sociedade como uma inversão de valores. Pois, a construção dos valores da sociedade sempre esteve pautada a partir das características físicas do macho e maciçamente pela divisão das atividades associadas ao de trabalho, em que se estabelecem funções de gêneros sociais, atribuindo às mulheres a fragilidade física e ao homem o responsável pelo trabalho, mas as coisas mudaram juntamente com o tempo, e elaborar uma reflexão do que é o homem e mulher hoje, mediante sua formação sociológica, biológica, psicológica na construção do habitus, mostra que houve uma rearticulação nos padrões de gênero. A mulher passou a assumir papéis entendidos socialmente como masculinos, o que comprova a possibilidade de novas construções sociais e que os valores que são buscados são outros, como por exemplo, a auto satisfação sob influência da globalização, por outro lado, o universo masculino foi chamado a se adaptar ou mesmo a produzir formas de relação entre os gêneros, tanto no contexto do lar, passando pela intimidade, assim como no ambiente público. Isso nos indica que pensar a questão sobre a mudança de comportamento das mulheres, implicar pensar as mudanças de comportamento num contexto mais amplo da própria sociedade.

Pensando a dominação do patriarcalismo em todos os setores e tentando dialogar uma reflexão dessa dualidade que também foi um constructo violento empurrado goela a baixo – colonialidade reflexo da colonização, trago alguns parênteses a respeito da colonialidade do poder que nas palavras de Lugones (2008, p. 78),

Quijano entiende que el poder está estructurado en relaciones de dominación, explotación, y conflicto entre actores sociales que se disputan el control de «los cuatro ámbitos básicos de la existencia humana: sexo, trabajo, autoridad colectiva y subjetividad/intersubjetividad, sus recursos y productos.

Por essa razão se faz necessário voltar ao passado para entender a atualidade, analisando as conquistas que as mulheres conseguiram em meio a toda colonialidade do poder que exercem cotidianamente sobre elas.

Com o surgimento dos movimentos feministas por volta da década de 1960, lembrando aqui que esse feminismo é europeu e homogêneo segundo Lugones (1987), o arquétipo ideológico hegemônico de homem que a sociedade pregava não conseguia mais se manter, pois as mudanças ocorridas no cenário do trabalho, das relações amorosas, sociais e sexuais, sinalizava uma crise da masculinidade. O homem representava um ideal de virilidade

não podendo demonstrar sentimentos nem chorar, as coisas mudaram, o homem contemporâneo não se enquadra mais nesse perfil, ele é sensível ao invés de agressivo, executa tarefas domésticas, é mais participativo na educação dos filhos e exerce funções antes classificadas como “trabalho de mulher”. No que diz respeito ao sexo, antes dominador, agora já admite ser dominado, ao invés de ativo, passivo, sem deixar de falar das “identidades alternativas” segundo Nolasco (1993), como homossexuais, bissexuais e a transexual, que fazem parte da subjetividade masculina, tudo isso, em outras palavras, é uma desconstrução do masculino, segundo o modelo patriarcal, sem de fato deixar de pertencer ao universo masculino.

Assim, sendo, o desenvolvimento de uma pesquisa sempre requer um caminho a ser seguido, um percurso a ser transcorrido, neste sentido, a pesquisa aqui suscitada buscou construir um caminho que pudesse ser propício a construção do trabalho proposto.

Tendo assim essa concepção de que se faz necessário trilhar uma visão sistemática a ser empregada na proposição de uma problemática suscitada em uma pesquisa científica a ser elucidada, o trabalho aqui proposto traz como problema a ser investigado. Como as mulheres estão expressando sua sexualidade? Comportamento este, que, é bastante criticado na visão cultural de muitas pessoas, embora esteja todos vivendo um tempo de grandes transformações em muitos aspectos da vida e, principalmente de forma tão visível no modo de se portar da mulher na sociedade atual, ainda se tem um grande tabu diante de fatos que tratam das relações sexuais em que a mulher tenha a iniciativa. Procura, portanto, compreender como as mulheres vivem sua sexualidade e o que pensam de outras mulheres em Imperatriz-MA. Por essa razão,

o decolonial “por se tratar de uma corrente de pensamento abrangente – poder, saber e ser -, o caráter holístico da pesquisa foi preservado no intuito de demonstrar como campos que por vezes tentamos estudar isoladamente – como o geográfico, político, social e histórico -, imbricam-se num caleidoscópio que aglutina além deles, as diferentes formas que cada matiz cultural tem em enxergá-los e conectá-los” (OLIVEIRA, 2016, p. 5). O feminismo decolonial, que dá abertura para o ser humano perceber sua própria singularidade, novas formas de viver, pode ser um caminho teórico para compreensão das relações entre os gêneros.

Nessa perspectiva, esta pesquisa é de caráter descritivo com o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados a fim de descrever as características do grupo pesquisado em sua realidade, em conformidade com a visão de como a sociedade pensa a respeito do tema da pesquisa, e dedutivo porque se busca conhecer primeiramente aspectos globais sobre a visão

de mulher no passado até sua presença na contemporaneidade para então investigar-se o procedimento de ação que esta pode ter diante de do desejo e da sexualidade , observado que esta tem mudado nos diversos aspectos da vida como dominadora de muitas situações.

Este tipo de pesquisa descreve especificidades, características existentes nas relações entre os indivíduos e coletivamente com a comunidade segundo a realidade investigada, na perspectiva de Barros e Lehfeld (2000).

Os instrumentos utilizados para abordagem da pesquisa de campo foram permeados pela análise qualitativa, já que esse tipo de análise, segundo Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos aos quais não podem ser reduzidos à operacionalização variáveis e também em nível quantitativo, porque contou com a participação de vários sujeitos sobre suas percepções e opiniões na temática.

A pesquisa foi realizada em um primeiro momento com 50 mulheres da cidade de Imperatriz-MA, por meio do questionário, que teve como objetivo fazer a seleção das informantes para a segunda etapa da pesquisa que envolveu entrevistas estruturadas e menor número de informantes.

O questionário é composto de cinco (5) perguntas que visam nos fornecer informações capazes de permitir a seleção para as entrevistas.

A primeira questão visa o posicionamento das mulheres quanto ao comportamento. Que a iniciativa sexual, essa ação, sempre é feita pelo sexo masculino, visto que, este é considerado como o ser dominante em todos os aspectos de decisão na sociedade. Espera-se que, com essa questão, analisar esse ponto quando a iniciativa parte da mulher no que diz respeito a esse ato.

A segunda questão faz menção à manifestação social de comportamento, o fato do homem sempre pagar as contas em qualquer evidência, pois o papel do macho sempre foi de ser o provedor na sociedade orientada pelos valores patriarcais. Nesse sentido, essa questão vem revelar o que de fato as mulheres estão pensando quanto a isso.

No que diz respeito à terceira questão, sabemos, que várias culturas religiosas se mostram como paradigmas de que a mulher deve se preservar “pura” até o casamento, como também muitas famílias tradicionais ainda conservam no seio de suas famílias estes costumes. Assim, essa questão vem nortear o pensamento quanto a percepção das mudanças na mentalidade com relação aos desígnios religiosos.

A quarta questão, com relação a ideologia disseminada pela colonialidade do poder sempre afirmou o patriarcado como superior e assim, no que tange a autoridade, a família

sempre foi administrada em todos os termos pelo comando do homem. O que se espera a partir dessa questão é como se percebe isso na visão das mulheres na sociedade atual.

Na quinta e última questão, visa quanto o caráter monogâmico da relação em que a relação sexual deveria ser mantida apenas entre duas pessoas. E com isso, entender como as mulheres pensam a respeito de ter mais de um parceiro.

Para o segundo momento, as entrevistas, continuei utilizando a seguinte trajetória metodológica: segui por meio de uma abordagem qualitativa, por abranger as vivências dos indivíduos, numa visão mais global dos valores que são descritos por cada uma das informantes, utilizando-a num enfoque fenomenológico. Mas considera-se a sexualidade feminina, algo tão particular, como um fenômeno? Com base na definição de Forguiere (1990, p. 8), de certa forma, sim. Uma vez que o enfoque fenomenológico “abarca o existir humano em sua totalidade, abrangendo a tristeza e a alegria, a angustia e a tranquilidade, a raiva e o amor, a vida e a morte como pólos que se articulam numa única estrutura, e cuja vivência dá a cada um dos extremos, aparentemente opostos, o seu real significado”. Assim podemos dizer que o modo como a pessoa se vê e o significado que ela dá as coisas é que o define como ser no mundo, e não o que as outras pessoas pensam que são a respeito dela.

No processo de entrevista, as entrevistadas assinaram um Termo de Autorização para exposição de suas falas, (modelo em anexo). Quanto aos nomes apresentados, não fizeram objeções ao uso dos próprios nomes.

As entrevistadas responderam em média 10 perguntas norteadoras para as questões que vão de encontro ao comportamento, como elas pensam, o que elas acham das outras e como vivem sua sexualidade, com o propósito de alcançar o objetivo, dando ênfase assim ao tema, “MULHERES NA FRONTEIRA: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz-MA.”.

1. A MULHER E AS MUDANÇAS NA “SOCIEDADE DOS HOMENS”

Pra falar sobre o comportamento entre os gêneros historicamente devemos começar pela missão civilizatória da colonização. De acordo com Lugones (2014, p. 938) pela:

“missão civilizatória” colonial que era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (por exemplo, alimentando os cachorros com pessoas vivas e fazendo algibeiras e chapéus das vaginas de mulheres indígenas brutalmente assassinadas).

Sendo assim, a missão colonizadora não teve objetivo de reconhecer humanidade nos humanos aqui encontrados esse seria o ponto fundamental que justificaria os abusos praticados. No que refere às mulheres a questão teria mais agravantes, pois além de inferiorizadas, foram associadas, ao pecado, à impureza, à figura de Satanás. E entre tudo isso concretizavam a transformação civilizatória e conseqüentemente a colonização da memória na medida que o cristianismo se expandia como instrumento de poder. Nesse processo de exploração, temos os negros escravizados que permite-nos compreender a opressão, tendo como parâmetro o fenômeno da racialização.

E assim, pode-se pensar na colonialidade do gênero, ou seja, seres historicamente compreendidos como oprimidos que ainda permanece nos dias de hoje, inferiorizados pela colonização. Quando me refiro à colonialidade do gênero estou pensando em como a ação colonizadora deixou marcas de opressão na subjetividade das mulheres o que torna a resistência a isso um fenômeno difícil e complexa. Uma vez que, a “legitimidade, autoridade, voz, sentido e visibilidade são negados à subjetividade” (LUGONE, 2014, p. 940).

O mundo tem passado por muitas transformações ao longo do tempo e com isso as mulheres tiveram avanços no que diz respeito a sua autonomia, como por exemplo:

- O processo acelerado de urbanização - nos contingentes que se deslocaram progressivamente das áreas rurais para às urbanas, havia um grande número de mulheres. Esse deslocamento deu-se, em grande parte, pelo desenvolvimento da indústria agropecuária, que dispensou mão de obra no campo e concentrou a propriedade em torno de grandes empreendimentos (PEDRO, 2006. p. 240). A presença de mulheres nas cidades participando de grupos, associações reivindicando mais espaço promovendo o surgimento de várias líderes comunitárias no Brasil.
- Liberdade de expressão. Apesar de todos os obstáculos e censuras ainda por efeito da ditadura militar (período de insurgência de reivindicações no Brasil), observando o

grande potencial mercadológico, as emissoras de tv passaram a adotar algumas ideias voltadas para esse tipo de público em suas propagandas, como por exemplos, assuntos como: prazer, orgasmo, sexualidade, masturbação chegando até mesmo dá conselhos práticos às donas de casa. A facilidade de obter informações que se tem atualmente sobre o corpo e o prazer sexual que não existia em meados dos anos 1960 e início dos anos 1970 (PEDRO, 2006. p. 242).

- A pesquisa de caráter científica após 1970, sobre o comportamento sexual de pessoas comuns passaram a servir de ponto de partida para as pessoas pensarem na sua própria sexualidade. O assunto sexo deixava então de ser tão tabu e passou a virar tema de conversas e pouco depois, de reivindicações (PEDRO, 2006. p. 244).
- Métodos contraceptivos. As práticas sexuais foram alteradas na sociedade brasileira em meados da década de 60 com o advento do surgimento do anticoncepcional, uma verdadeira revolução sexual consequências da “revolução da pílula” (DINIZ, 2011. p.316). A existência desse método contraceptivo ajudou a consolidar na mentalidade das pessoas a separação entre procriação e sexualidade, tornando assim, o prazer das mulheres na relação sexual uma questão muito mais importante. O uso do medicamento levou as mulheres a se preocupar cada vez mais com que seu desejo fosse levado em consideração na hora da consumação do ato sexual. O que também levou as mulheres a planejar outros futuros adiando a maternidade ou quantos filhos queira ter em conformidade ao seu estilo de vida. (PEDRO, 2006. p. 244). As tecnologias reprodutivas trouxeram á tona outras formas de composição familiar subvertendo o padrão, outros arranjos familiares por propor técnicas que permitem como por exemplos um casal homossexual ter filhos. Considerado uma afronta a sociedade até então acostumado ao modelo de familiar nuclear. Porém, esse tipo de medicina foi descrito como uma especialidade voltada para um novo perfil de mulher (DINIZ, 2011. p.319), aquela mulher que cansou de viver à margem da sociedade e se profissionalizou e por conta do trabalho adiou o projeto da maternidade. Sendo um fator colaborativo para as mulheres se planejarem.

Já outros tópicos se fazem necessário um discurso maior, pois segundo Lugones (1987) a colonialidade do gênero perpassa a colonialidade do poder, relacionando a esfera do trabalho; a colonialidade do saber, relacionando a forma de dominação pelo conhecimento; e a colonialidade do ser enquanto indivíduo de direito e de escolhas no cotidiano de suas vidas públicas e privadas. Com a participação da mulher no mercado de trabalho, a educação como um fato recente e intenso, uma barreira que as mulheres só conseguiram romper legalmente

depois da década de 70, e a participação política. Sendo que, uma das consequências dessas transformações se deu no comportamento da mulher acerca de sua sexualidade nas suas reivindicações pelo direito ao prazer. Com base nessas mudanças, este trabalho tem como objetivo compreender a sexualidade feminina e suas formas de expressão nos dias de hoje na visão das mulheres na cidade de Imperatriz-MA.

Ao longo do tempo a mulher foi se percebendo como um sujeito de direitos e não só de deveres a ser realizados, como as atribuições que obrigatoriamente lhes foram concedidas: o de cuidadora da casa e das crianças. Tavares (2012, p. 06) em seus estudos sobre a trajetória da mulher expressa que:

Na história da humanidade a mulher teve uma educação diferente da que era oferecida ao homem, sendo educada para servir e o homem para ser o seu senhor. Quando ainda na casa dos pais, era dominada pelo pai ou então, pelo irmão mais velho e, ao se casar, esse domínio passava ao marido que exercia sua autoridade, sendo a mesma, tratada como um objeto.

Nesta fala, é possível perceber que a mulher era um ser bastante silenciado no que diz respeito aos aspectos sociais como política, trabalho e até muitas situações da religião, como a autora acima menciona, a mulher recebeu uma educação que lhe condicionasse a ser submissa ao homem e a responsabilizar-se pelos afazeres de casa, como também da missão de procriar e educar os filhos diariamente, o domínio sobre ela era constante coexistindo sempre uma presença masculina que assim pudesse exercer alguma espécie de autoridade sobre a mesma.

Refletir sobre o papel da mulher da atualidade é pensar que durante muito tempo, acreditou-se que a “mulher distinta”, “respeitável”, não sentia desejo, nem prazer, pois todo o seu ser deveria destinar-se à maternidade (PEDRO, 2006. p. 242), é também conceber em si as grandes conquistas, desta, alcançada ao longo do tempo, pois, para tais menções se fazem necessário realizar um passeio pelas articulações políticas, econômicas e sociais das relações que se estabeleciam nas sociedades, para assim, tentarmos entender a situação atual.

Gomes (2009, p. 11) em seus estudos sobre a mulher expressa que: “a origem da submissão feminina por muitas vezes foi explicada de forma biológica, como que por natureza a mulher teria o corpo mais fraco do que o homem”. Observe, portanto, que além das manifestações bíblicas outro fator que condiciona a submissão da mulher ao homem foi o fato de o seu corpo ser considerado mais fraco do que o do homem, ou seja, a força masculina se sobrepôs a aparente fraqueza do corpo feminino e assim a cultura de submissão perpassou os tempos, alcançando tal dimensão, capaz de ser visualizada ainda na atualidade. Esse ponto explica de forma satisfatória aquilo que Lugones (1987) citando Quijano chamou de

colonialidade do saber, construções discursivas capazes de compor subjetividades construídas pautadas na inferioridade.

Neste sentido, serão abordados em cada tópico que segue neste trabalho, menções direcionadas ao papel da mulher quanto ao seu percurso histórico, pois a imposição colonial do gênero perpassa questões educacionais, políticos, culturais e sexuais, ao se relacionar a espiritualidade e ao conhecimento prático vivido (exposto nas entrevistas), as mudanças de comportamentos das mulheres mediante as transformações da sociedade rumo a uma reflexão decolonial sobre feminismo, que aqui apenas esboçamos, tendo em vista um assunto novo para nós, pois trata-se de uma abordagem recente de apenas duas décadas e de poucos autores desta corrente.

1.1 A mulher na sociedade: do recato do lar ao ambiente público

A reflexão que quero fazer aqui é acerca do que a sociedade pensa das mulheres que tem um comportamento que se opõe ao que caracteriza o modelo recentemente personificado pela mídia na “bela, recatada e do lar” propagada por uma ideologia patriarcal. Um papel que as mulheres que fazem parte dos meios de produção capitalista, as trabalhadoras que, além disso, desempenham também as funções do lar, não conseguem alcançar devido as suas jornadas diárias e as posições políticas que adotam. Fazendo minhas as palavras de Lima (2016, p. 3),

A concepção de que tais requisitos comportamentais femininos sejam essenciais à postura de uma mulher restringe a independência e a liberdade de escolha das mulheres sobre os rumos de sua própria vida e personalidade, condicionando-a a limites frutos de velhos estereótipos e constantemente instigada, de tempos em tempos, por veículos de comunicação, com o sub-reptício propósito de perpetuar a cultura de subordinação feminina e perpetuação de uma sociedade patriarcal.

Como uma ideologia, que a cultura patriarcal tenta modelar a sociedade impondo padrões como modelo, tendo os “meios de comunicação, assim como os partidos em seu trabalho de direção política, desempenha o papel de formar opinião pública, organizando certos elementos da sociedade civil em torno de determinadas propostas e ações” (SCHLESENER, 2007, p. 31). O que nos mostra o quanto a mídia, como meio propagador e formador de opinião é eficaz para a hegemonia de um grupo na manutenção dos seus interesses.

Em meio às teorias feministas, a categoria mulher é uma identidade em formação, que se constitui, que não só serve para objetivar os interesses particulares, mas também, para favorecer um grupo ao qual representa politicamente. Butler (2016) fazendo referência a outros autores, como Foucault, faz uma crítica a performance, dessas identidades fundacionais da sociedade:

[...] a crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origens são múltiplos e difusos (BUTLER, 2016, p. 9-10).

Trazer a discussão desde a origem com o modelo “Amélia”¹ é voltar atrás pra se pensar o presente, um modelo antigo que se atualizou em tempos recentes.

[...] Amélia um símbolo da mulher compreensiva, amiga, solidária. É certo, entretanto, que permanece até hoje o símbolo da mulher dominada, humilhada, explorada e submetida, gerado também pela letra da música. É sobre este símbolo que se centram as restrições libertárias feministas, buscando independência pessoal e profissional das mulheres anos depois (CARVALHO, 2015, p.5).

Estamos falando do modelo “bela, recatada e do lar”, um estereótipo criado no seio da propagação ideológica política personificado no sujeito “mulher de político”, assunto polêmico tendo em vista as condições a qual se estrutura esse perfil. O que poderíamos afirmar usando as palavras de Gramsci citado por Schlesenser (2007) ao fazer análise das forças que atuam na história em um determinado período e a relação entre elas.

Nas circunstâncias políticas de profunda crise hegemônica (econômica, política e cultural), os regimes intervencionistas visam recuperar o país e reorganizar a produção através de um deslocamento da direção hegemônica para a dominação e um consequente processo de estatização e burocratização (SHLESENSER 2007, p. 35).

Neste contexto, altera-se a relação no seio da sociedade e, essa crise passa ser o palco para um cenário de reivindicações econômicas, políticas e culturais. E onde estão às mulheres neste referido cenário? Depende de quais mulheres estamos falando. As empoderadas ou as mulheres modelos do “imaginário social” (LEGROS et al ,2014, p. 29) (referindo aqui pelo modelo bela, recatada e do lar).

¹ O discurso aqui sobre a Amélia foi considerado a partir da canção de Ataulpho Alves “Ai, que saudades da Amélia”. Que a partir dessa canção popularizou-se o mito da Amélia: idealização da mulher que aceita tudo por amor e conformada com o destino. Assim descrito no texto O mito da Amélia sob a ótica da análise crítica do discurso de Fabiana Catro Carvalho (UFES) 2015.

O imaginário social aqui em representação, na Bela, recatada e “do lar”, procede das estruturas mentais em que o objeto interiorizado em concepção que mudam de formato, ou seja, esses objetos podem perder sua originalidade real na formação de estereótipos. Se analisarmos essas imagens estereotipadas sob a ótica marxista, “as ideias, as imagens e todas as criações das consciências são [...] intimamente associadas às atividades práticas dos indivíduos, e emanam, sempre, de seu comportamento” (LEGROS et al ,2014, p. 30). Nessa ótica, entre o ser e o parecer a fixação do sentido se ancora nos símbolos incisivos de manipulação de interesse, porque “a própria realidade aliena a consciência a partir de uma inversão própria das representações que refletem o conjunto dessas relações” (LEGROS et al, 2014, p. 32).

Os símbolos significativos desse processo de construção das estruturas mentais são frutos de uma ideologia que se perpetuou em poder, em que:

A ideologia é o resultado socialmente aceito, na escala de um grupo humano, das ideias interiorizadas por cada um de seus membros para que uma visão de mundo assegure a estabilidade e comande os projetos. Sua função principal consiste, pois, em tornar suportáveis, mesmo visíveis, as contradições da base econômica para salvaguardar o frágil equilíbrio e garantir os interesses da minoria capitalista, ameaçada por sua eventual ruptura. A classe que detém a propriedade dos meios de produção possui, em paralelo, uma dominação espiritual; a ideologia é a melhor expressão dessas relações de autoridade (LEGROS et al 2014, p. 36).

Nesse caso, o imaginário social aparece como produto da interiorização dessa ideologia, especificamente, o surgimento desse imaginário social de mulher remete a significação desse perfil interiorizado no contexto econômico, político e cultural. Fazendo uso das palavras de Saffioti (2013), sabemos que, por longo tempo de existência da civilização, a mulher se viu afastada do domínio público de atividades, preterida em favor do homem, estigmatizada como elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando, na verdade, era a própria sociedade quem lhe impunha obstáculos à realização plena.

Como se configura esse perfil? O que seria essa mulher Bela, recatada e “do lar”? Baseado na reportagem da Revista veja em uma edição especial, publicada no fervor de uma crise política no país, em que um outro modelo de mulher era a figura em alvo no caso Dilma Rousseff, aparece personificado na figura de Marcela Temer a Bela, recatada e “do lar”, como ideário de mulher a qual a revista veja edição especial 2474 do mês de abril de 2016 faz referência, uma miss (padrão de beleza dominante, eurocêntrico) com formação superior (que não exerce a função), dedicada a família e a casa (ordens aos empregados), que pouco se expõe e não tem opinião política pública, pois não cabe isso ao seu papel, estando sempre à sombra de um homem. (reportagem da revista em anexo). Segundo Lima (2016), seria uma

mulher que nega sua autonomia intelectual e profissional em prol da manutenção de um casamento como sinônimo de felicidade.

Não se podem desprezar as peculiaridades da “Bela, recatada e do lar”, levando em consideração seus atributos constituintes, embora, esse perfil parta da premissa da formatação de um tipo ideal de mulher que o sistema de poder em conjunto com a mídia publicitária ideológica na personificação de uma figura pública nos estimula a seguir com o intuito de gerar padrões, uma forma de reversão de um processo que fugiu de controle, o que Saffioti (2013) vem falar de “A mística feminina”, um estereótipo de mulher. A mística feminina, elaborada com os requintes que as técnicas de comunicação de massa e a ciência da propaganda permitem, constitui-se num adversário mais forte para a mulher moderna do que o foram os preconceitos para suas avós (SAFFIOTI, 2013, p. 414).

Esse arquétipo de mulher pode até fazer parte do passado, mas deixou marcas profundas na nossa cultura, por que ele molda comportamento, perpetuando assim, estereótipos de submissão, principalmente se for uma figura pública ou midiaticamente conhecida. Ancorada na perspectiva de Scott (1990), de que essa construção é cultural, social e histórica para a compreensão das desigualdades de gênero, raça e classe. Faz-se necessário um olhar decolonial a partir da inclusão das mulheres na história com uma visão multifacetada dos segmentos. Não podemos naturalizar tais mudanças e nem as desigualdades como parte da evolução de um processo, mas, como vem se modelando e estruturando os comportamentos dentro das relações de poder. A bela, recatada pode até ser do lar, mas, ela exerce outras funções, pois o sistema capitalista ao qual fazemos parte não dá privilégios a todas as classes.

Pode-se dizer com isso tudo que houve uma invenção/colonização do gênero, cuidar de casa e dos filhos em uma vida de submissão ao marido, imposto como uma condição natural é resultado de circunstâncias sociais ao qual o patriarcalismo como um sistema, se sustentou, impondo os papéis de liderança, assim como também a autoridade moral desde o processo de colonização. Assim, tal modelo significa um retrocesso das conquistas femininas.

Gradualmente, movidas pelas circunstâncias, e em busca de realização pessoal as mulheres começam a assumir papéis socialmente definidos como masculinos o que gera a possibilidade de novas construções de identidades e que esses papéis podem ser aprendidos, ou seja, construídos socialmente. Mostrando assim, que certos estereótipos de mulheres não se sustentam nos dias de hoje devido ao dinamismo de nossas culturas e fluxos de informações, e, sobretudo lutas, seja em organizações políticas ou até mesmo no cotidiano de suas tarefas no lar e fora dele. Um comportamento que Lima (2016, p. 4) nos diz que:

Foram elas, as mulheres pobres, negras, prostitutas, as ocupantes de cargos cujas funções eram consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhe eram abertos, as atiradas às ruas pelo desprestígio público que as considerava imerecidas de constituírem famílias, enfim, todas essas relegadas à vala do desprezo da moral familiar, as verdadeiras libertadoras das amarras do cárcere que foi construído em torno da suposta devoção do lar tão propagada pela sociedade e recriada e alimentada pela mídia. Nenhuma vitória em prol da independência social, profissional e econômica da mulher adveio da manutenção desta ao lar. A submissão aos desmandos do patriarca da família sempre foi a infeliz recompensa às esposas prendadas domésticas.

E foi precisamente nas ruas que estavam quando lutavam pelos seus direitos, gritavam suas reivindicações que rendeu progresso em prol do seu reconhecimento.

Uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos. Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, porque as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

Por essa razão, faz-se necessário pontuar algumas mudanças na construção histórica, política, social e cultural do gênero feminino, pois, nenhuma dessas mudanças ocorreu ao natural, excluída do contexto a qual foram advindas. Para tanto, busco assim como Lugones (2008, p. 76),

[...] entender la forma en que se construye esta indiferencia para así, convertirla en algo cuyo reconocimiento sea ineludible para quienes sostienen que están involucrados en luchas liberadoras. [...] Esta indiferencia se halla tanto al nivel de la vida cotidiana como al nivel del teorizar la opresión y la liberación.

Nessa perspectiva, a visualização da mulher em termos educacionais historicamente pode ser vista como aquela que deveria ser criada e treinada para os afazeres de casa, a dona do lar, a cuidadora e criadora dos filhos, ao homem cabia às responsabilidades de conseguir o alimento para a casa, a manutenção da família, com isso levava a missão de sair pelas florestas, rios e matas em busca do alimento por ser visualizado como a força bruta que assim poderia estar exposta aos mais variados desafios da natureza para então adquirir o alimento e trazer até a família, segundo Gomes (2009).

Neste ritmo a mulher foi por séculos incorporada a uma educação que lhe direcionava simplesmente ao condicionamento do homem sobre ela em todos os aspectos de sua vivência, pois desde criança recebia instrução de como se comportar e para o que a mesma deveria ser concebida: esposa, mãe e cuidadora do lar. Gomes (2009) fala que nesse sentido as instruções

educativas indicavam que as mulheres: “Deveriam saber cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos, ter sensibilidade e delicadeza”. Foi com esta visão que por longos tempos as mulheres foram vistas, educadas e retratadas. Excluídas de uma educação mais formal que pudesse lhes proporcionar o desenvolvimento de suas habilidades no que tange a outros aspectos da representação social como a política, o trabalho e o avanço educacional.

Gomes (2009, p. 11) irá expressar, que:

Para refletir sobre a situação da mulher em nossa sociedade é necessário pensar o modelo econômico, político e social em que estamos inseridos. Buscando aprofundar as bases que sustentam as relações de dominação, reorganizando as estruturas econômicas e sociais, constituindo valores ideológicos e políticos.

Neste mesmo contexto a mulher ficou sendo apenas um objeto que representava a ação doméstica e o título de objeto sexual dominada pelo homem sendo fortemente submissa pela força masculina, Carvalho (2012) expressa que para as Ciências Sociais a discussão que trata da condição feminina irá ser retratada pela teoria evolucionista de Henry Morgan e Friedrich Engels quando estes estudiosos relatam os aspectos de representação da mulher na família e a diferenciação sexual entre ela e o homem, pois as formas de ser familiar e as relações que se estabeleciam entre o homem e a mulher foram assim se transformando através da história e com etapas bem evolutivas, progressiva, mediante as mudanças no modo de representar o mundo economicamente e politicamente.

É possível perceber nesse panorama o imperialismo do poder, ou melhor, a colonialidade do saber que pode ser ressignificada a partir de outra perspectiva. “Necesitamos situarnos en una posición que nos permita convocarnos a rechazar este sistema de género mientras llevamos a cabo una transformación de las relaciones comunales” (LUGONES, 2008, p. 77).

La educación popular puede ser un método colectivo para explorar críticamente este sistema de género en sus grandes trazos pero, lo que es más importante, también en su detallada concreción espacio-temporal para así movernos hacia una transformación de las relaciones comunales (LUGONES, 2008, p. 77).

Porque ao longo do tempo a história da humanidade sempre foi centrada no pensamento de que a figura do homem era a que deveria ser apresentado nos fatores a ser tratados fora do lar, ou seja, sempre foi imposto espécies de modelos comportamentais para a mulher no qual sua vida era exercida sobre o controle do pai ou marido que de alguma forma condicionava suas vestes e posicionamento entre os outros no meio social, silenciando-as dessa forma e atribuindo-lhe aspectos de inferioridade, o que a fez estar excluída de aspectos educacionais formais por longos tempos na história da humanidade. Esta fala nos remete para

além do biológico, a mulher ao modelo de Maria, ensinamentos que em grande parte, foram repassados pela Igreja Católica. Segundo Rigoni (2009) poderíamos chamar de uma “educação religiosa”, em que o corpo é marcado por símbolos ligados a religiosidade, como seus códigos morais que “educou” os corpos das mulheres aos desígnios divinos, ou seja, influenciado na educação do corpo feminino. Não que o homem, não tenha sofrido com as imposições religiosas, mas, na mulher se percebe mais essas imposições o que era permitido a mulher, também se apresentava como obrigação, como servir a Deus e a família, e tudo que fosse contrário a isso era associado ao pecado. Seu único papel era a procriação, e com relação ao prazer? Segundo Rigoni (2009) a mulher era acusada de profana, tornando-a imperfeita, perigosa e não moralmente boa para criar filhos. A religião exerce uma influência muito forte sobre as mulheres, os códigos de conduta moral são expressivamente presentes nas suas escrituras sagradas, e o temor a Deus e ao sagrado, faz com que sejam seguidos ao pé da letra, como por exemplo, a escritura do livro de Efésios capítulo 5 versículo 22 ao 24, “Vós, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor [...] sejam em tudo sujeitas a seu marido” (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 270). Princípio norteador da conduta moral das mulheres oriundas do cristianismo, em que se espera uma mulher dócil, recatada e submissa aos desígnios do homem e temente a Deus, próprio ao modelo de Maria mãe de Jesus.

A religião também é um ponto forte no que diz respeito à colonialidade do poder, desde o processo de colonização a expansão do cristianismo e na idade média, e princípio propagador dos dias de hoje do colonialismo do saber que massifica as diferenças no momento que homogeneíza as questões e descarta a mulher negra e pobre nas suas especificidades. Mas, o que é a colonialidade? A colonialidade é um fenômeno colonial/moderno capitalista que segundo Lugones (2008, p. 79)

Es un fenómeno abarcador, ya que se trata de uno de los ejes del sistema de poder y, como tal, permea todo control del acceso sexual, la autoridad colectiva, el trabajo, y la subjetividad/intersubjetividad, y la producción del conocimiento desde el interior mismo de estas relaciones intersubjetivas.

Carvalho (2012) relata em seus estudos a colocação de Engels (1980) em que o mesmo argumenta a situação de submissão da mulher constituída pelo modo de produção capitalista e sendo assim este aspecto só poderia desaparecer com ele. Nestes termos, é cabível dizer que somente mediante transformações estruturais na sociedade é que também a situação participativa da mulher poderia também mudar, pois, a mesma só conseguiu o seu direito as estruturas educacionais a partir das modificações ocorridas de modo que de atuações econômicos e capitalistas que surgiram de dois séculos para cá, em que, se necessitou da

ampliação de mão de obra nos vários setores de trabalhos. . É nesse pensamento de mudança que pode ser estruturado o feminismo decolonial, quebrar essa visão perpetuada do saber eurocêntrico para a (re) construção de um saber que parte das camadas populares, das comunidades, na transmissão de valores oriundo do próprio seio.

Mudar o pensamento de submissão da mulher frente ao posicionamento e representação do homem na sociedade e lhes conceder espaços educacionais que pudessem ser oportunidades de ascensão na vida social não iria ser um aspecto nada fácil, pois conforme discursa Gomes (2009) que, em uma situação de representação e tradição familiar vindo ao longo do tempo a mulher só tinha duas opções a de se tornar esposa ou optar pela vida religiosa, sem falar que havia uma cultura de sempre aumentar o patrimônio material e moral das famílias nos quais as fontes de negociações para tais aspectos se dava pelo oferecimento das filhas, em que para isso, desde cedo as meninas recebiam orientações e começavam a ser treinadas para a vida no casamento e dessa forma eram educadas a construírem em si comportamentos submissos, valores procedimentos que pudessem estar simplesmente a serviço da representação masculina: esposa, mãe, cuidadora da casa, e quando não assim podia ser feito, era direcionada aos centros religiosos para exercerem a vida de freiras.

As mudanças foram então acontecendo, a economia e política foram sendo transformadas no modo de vivencia dos sujeitos, e conseqüentemente a mulher foi também tendo a oportunidade de receber instruções educacionais que pudesse desprender em si as habilidades para outras áreas de sua vida que não fosse apenas a tão submissão cultural no lar por anos já vividos.

Carvalho (2012, p. 47) neste sentido, expõe que:

No entanto esse domínio feminino entrou em crise com o surgimento da propriedade privada e do modelo de família patriarcal. Essa teoria embasou várias das críticas à condição natural de inferioridade da mulher em relação ao homem e a prosperar os estudos sobre as condições sociais de opressão feminina.

Desse modo no Brasil, desde a sua colonização até meadas do século XVIII, quando começam a surgir diversas modificações no sistema político brasileiro, tem-se a chegada da família real no país, e conforme Gomes (2009) foram abertas escolas de cunho religioso e as mulheres tinham a oportunidade de realizar estudos aperfeiçoando suas práticas para o conhecimento dos trabalhos manuais e domésticos, mas existiu aí uma diferença que lhes foi acrescentado, e isso já pode se considerar um avanço para o sexo feminino em termos educacionais, a mulher recebia também o ensino de português ainda que em nível primário, pois, já era um começo de uma mudança significativa. E adiante disso, anos mais tardes

houve a promulgação de 1824 e com isso surge então o ensino o acréscimo de estudos destinados à mulher com atividades manuais, cânticos, e o ensino brasileiro. O novo espaço epistemológico alcançado e a interculturalidade sendo feita de maneira crítica e com respeito fazem parte do fundamento teórico decolonial (OLIVEIRA, 2016, p. 6).

Com as grandes transformações advindas da Revolução Francesa no séc. XVIII muitas situações de ver o mundo e a mulher foram ocorrendo ainda que paulatinamente, pois escritores começavam escrever sobre a representação da mulher na sociedade e a questionar os aspectos de submissão, de modo a até mesmo criar romances em que apareciam personagens que representavam a mulher desafiadora da cultura e dos preceitos morais que a sociedade prezava.

Várias obras instituídas entre os séculos XVIII e XIX trataram de apresentar e representar esta mulher no meio social com os vários aspectos culturais que ainda se cultivava sobre ela como também das transformações possíveis de acontecer.

Monteiro (2012, p. 05) apresenta que:

A escolarização das meninas teve início, na Europa, após a Contra-Reforma, por razões essencialmente religiosas. Segundo Lelièvre, F. e Lelièvre, C. (1991), as políticas e os discursos referentes a escolarização das meninas foram dominados sucessivamente, não sem conflitos por três preocupações:

- a educação religiosa da igreja;
- a educação sócio-política do Estado Republicano;
- a inserção sócio - profissional das mulheres no mundo do trabalho.

No Brasil também não foi diferente, a educação direcionada à mulher foi existindo de forma progressiva procurando acompanhar a mudança de pensamentos da sociedade em meio as transformações também sociais.

Para Camila Penna (2014), falando [...] Paulo Freire (1987), [...] o pensamento do pedagogo vai ao encontro das perspectivas dos intelectuais descolonizadores pois denuncia a trajetória histórica e a realidade opressora que foram feitas pelos diversos tipos de colonização na América Latina. Ambos também questionam as metodologias e aportes teóricos utilizados como forma de perpetuar o poder do colonizador e, vai-se além: propõem a pedagogia a qual vai formar pensadores críticos, cidadãos cientes da geopolítica do conhecimento e que irão lutar por seu direito a alteridade (OLIVEIRA, 2016, p. 6)

A tentativa é de inserir a teoria decolonial nos campos da pedagogia, da história e demais áreas das humanidades. Áreas antes, como aponta Monteiro (2012) em seus estudos que quando surgiu o sistema de escola universal e laica, esta, ainda não favorecia a situação educacional da mulher como um todo, mas pelo contrário, o sexo feminino continuava a ser reprimido em seus afazeres domésticos e objeto sexual que o pensamento a comandar suas vidas em que as meninas deveriam continuar em casa com a mãe e aprender os serviços do lar

e ensinamentos religiosos básicos, e embora a escola oferecida na sociedade aceitasse-as em suas dimensões educacionais, estas deveriam ter um currículo diferenciado dos meninos, pois o pensamento até então era que a mulher não adentraria ao mercado de trabalho, não sendo assim preciso sua formação para além do que o seu sexo representava como sujeito na sociedade.

Numa percepção educativa, será possível perceber que, a conquista da mulher nos espaços sociais e mais precisamente foi evoluindo paulatinamente, pois modificou esse pensamento ao longo do tempo não foi nada fácil, diante disso Gomes (2009) continua a acrescentar informações em seus estudos de que como a mulher continuava a ter um sistema de educação diferenciado das dos homens e isso se prolongou por tempos, ressaltando que, somente no século XX é que foi permitidos homens e mulheres adentrarem o mesmo espaço para conceber o conhecimento juntos. Segundo este autor, tem-se registros de que somente em 1881 é que uma mulher conseguiu adentrar a faculdade, sendo que a partir de então outras foram conseguindo este espaço, mas em termos de conclusão dos estudos porque o estereótipo de que a mulher deveria ser direcionada ao casamento tirava-lhes a necessidade de continuar em sua jornada.

Com as transformações dos meios sociais, em termos políticos e econômicos, o início do século XX até meados do mesmo trouxe uma séria de mudanças no mundo do trabalho do qual necessitou da presença feminina em suas particularidades para então suprir a mão de obra para o tão esperado desenvolvimento no Brasil, em que, o governo estava investindo na existência da industrialização no país, sendo assim, uma escolarização que garantisse a presença na mulher no mundo educacional foi surgindo então pouco a pouco até os dias de hoje em que perante a Lei Maior, a Constituição Federal, garante que todos os sujeitos devem ter acesso ao sistema educacional sem nenhuma espécie de discriminação.

Mas, o fato das mulheres terem acesso a certos níveis educacionais, se formarem com esforços enormes e se desenvolverem profissionalmente em áreas que estão ao seu alcance, fizeram com que muitas mulheres se dedicassem aos cuidados da casa e trabalhos informais. O avanço educacional só chega até hoje para poucas mulheres, por ser uma educação também elitista. Segundo dados do módulo temático da educação no Brasil, IBGE (2017) de 24,8 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos que não frequentam a escola, 30,5% das mulheres não estudam por conta de trabalho, 26,1% não estudam por conta de afazeres domésticos e cuidado com os filhos, ou seja, dentro das possibilidades em meio ao avanço educacional muitos são os entraves que dificultam a inserção das mulheres a esse processo de formação. Seria hipocrisia negar que a presença da mulher na educação traz significativos avanços

também na estrutura organizacional do mundo, pois, a inserção das mulheres a esse sistema surgiu da necessidade de mão de obra capacitada para o mundo do trabalho.

Não tem como falar da categoria trabalho sem mencionar o capitalismo que efeito desse é o fato da inserção da mulher no mundo do trabalho fora e dentro de casa, e Lander (2005) destaca que o sistema capitalista é autogerado na sociedade moderna e que necessita da manutenção para que haja perpetuação desse sistema, assim, a mulher entra neste cenário no seguinte contexto histórico das relações sociais de poder:

Ao fazer abstração da natureza dos recursos, espaço e territórios, o desenvolvimento histórico da sociedade moderna e do capitalismo aparece como um processo interno, autogerado, da sociedade europeia, que posteriormente se expande para as regiões atrasadas. Nessa construção eurocêntrica desaparece do campo de visão o colonialismo como dimensão constitutiva destas experiências históricas (LANDER, 2005, p. 250).

Assim, podemos dizer que o mesmo poderia ser dito do estabelecimento de relações sociais cujo modo operativo favorece tanto a constituição quanto a perpetuação da existência de sujeitos subalternizados nas esferas intra e interestatais.

Nesta direção,

[...] na tentativa de entender as estratégias de poder subjacentes ao exercício da colonialidade, Quijano (2005) desenvolveu a ideia de colonialidade do poder, como um modelo de exercício da dominação especificamente moderno que interliga a formação racial, o controle do trabalho, o Estado e a produção de conhecimento. Em outras palavras, a colonialidade do poder é a classificação social da população mundial ancorada na noção de raça, que tem origem no caráter colonial, mas já provou ser mais duradoura e estável que o colonialismo histórico, em cuja matriz foi estabelecida (ASSIS, 2014, p. 614).

Explicando um pouco da subordinação e a exploração ao qual a mulher está submetida antes e agora pelo advento da modernidade, da globalização, antes pelo colonialismo, hoje pela colonialidade do poder.

Desde o final da década de 40 até os dias de hoje, a ideia de sexo frágil ainda é preponderante no que diz respeito à figura feminina, mesmo com o esforço de rebater essa constante, existe uma discriminação velada. Simone de Beauvoir com o lançamento do livro “Segundo Sexo” impulsionou esse esforço, trazendo à tona novas questões, abrindo um novo olhar sobre essa dita “fragilidade” e a incapacidade diante de certos afazeres.

A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente (BEAUVOIR, 1970, p. 74).

A partir de então aguçou em algumas mulheres o anseio pelo reconhecimento e inserção no mercado de trabalho, na busca por sua autonomia e igualdade de direitos. O que representa um marco histórico tendo em vista que isso foi uma afronta ao conservadorismo machista da época. “A ela cabia somente parir, criar, educar e cuidar do lar e do marido; elas eram postas como inferiores aos homens, não tinham poder de escolhas de decisão em nada em suas vidas” (RAMOS, 2011, p. 1). Com o poder crescente do capitalismo, e a necessidade criada por esse próprio capitalismo foi que a mulher veio conquistando espaço que, até então, eram marcadamente masculinos, o que para os homens era considerado uma usurpação dos seus papéis, mas, isso não significa libertação das amarras que as prendia somente em casa, agora as mulheres são duplamente exploradas por esse capital. Nesse processo o surgimento dos movimentos feministas deu uma alavancada com o propósito de estabelecer a figura da mulher no cenário do trabalho, voz atuante pública e política dentro da sociedade, assim como, a seguridade pautada pela constituição (igualdade salarial; cidadania), batendo de frente com os valores tradicionalistas. Nessa ótica, a movimentação em torno das reivindicações das mulheres, foi uma causa vista como impopular na história. Ressaltando que, a grande inserção da mulher nas indústrias (grande no sentido de números) foi uma peça chave para a prosperidade dessas indústrias, principalmente as têxteis. Que em parte, juntamente com as ações dos movimentos feministas no cenário público político trouxe mais ódio à sociedade conservadora machista. Esse sentimento de revolta da sociedade impulsionou e fortaleceu a pauta reivindicatória que só vinha aumentando em busca de igualdade de direito e a cidadania, situação que começou a se concretizar a partir da década de 70 com o crescente polo industrial e a atuação da mulher em outras conjunturas. Período marcado pelo fortalecimento da união feminina em diversos setores para pautarem seus propósitos ideários em que seriam difundidos e reafirmados os princípios de equidade entre os sexos.

O mito da subestimação e da incapacidade em que se acreditou por um longo tempo (até mesmo a própria mulher se via assim) se pôs ao chão quando o potencial feminino e suas reais habilidades foram expostas, ao passo que, seus espaços foram gradativamente conquistados. Com essa abertura, se faz presente também, outros comportamentos, a mulher além da responsabilidade de ser mãe, de cuidar, de ser companheira, ela é capaz de liderar, de produzir seu próprio sustento e da família, conquistando respeito e quebrando paradigmas. Com isso, ela se descobre como um ser de potencial, que desempenha um papel maior do que ela mesma rotulava ser.

Com a educação oferecida a mulher, conforme as imposições sociais que estavam se desencadeando na sociedade e que favoreceram a mesma, o campo de trabalho oferecido a ela também foi se estruturando cada vez mais concedendo-lhes a oportunidade de se tornar mais representativa na sociedade nos mais diversos campos dos saberes profissional.

A mulher que antes ocupava somente o lugar de corresponder aos afazeres domésticos transfigura-se no final do séc. XX com lugares de destaques e conquistas significativas. Essa percepção de realização da presença feminina no trabalho começou a se desencadear por meio da Revolução Industrial, em que a mão de obra da mulher foi precisa e necessária para o avanço da sociedade econômica, e de lá até a segunda metade do séc. XX esta foi só avançando na conquista pelo espaço no trabalho de modo a expandir-se de forma bastante expressiva em todo o mundo, e no Brasil não foi diferente, esta, também avançou consideravelmente até atingir os patamares de ascensão que hoje possui no mercado de trabalho.

Gomes (2009, p. 28) destaca que:

No Brasil, o ingresso acentuado de mulheres no mercado de trabalho permaneceu nos anos 90, apesar da conjuntura de crise vivida pela economia brasileira e seus reflexos no mercado de trabalho. A taxa de participação feminina cresceu ao longo da década chegando a 48,95% em 1999, conforme dados da PNAD-IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio).

O grande passo para o desencadeamento da presença feminina nos espaços do mercado de trabalho ocorreu, no entanto, a partir da Constituição de 1988 em que um conjunto de normas legislava a organização dos direitos trabalhistas e nos quais todo sujeito teria a oportunidade de obter um trabalho e dele gozar direitos e deveres, conquistando assim as mulheres junto aos homens equidade na representação do trabalho junto a força masculina, ainda que venha sofrendo discriminações e assédios em seus ambientes de trabalhos.

Observa-se, portanto, que a mulher da atualidade não é mais aquele ser que vivia em suas casas totalmente submissas a seus maridos e as quais dependiam dos mesmos para viver completamente em todos os aspectos de sua vida, como: as vestes, os alimentos, e vários outros fatores necessários à sua vida. Hoje a mulher com a grande conquista que obteve em um curto espaço de tempo considerando assim o imenso tempo que passou atrelada aos efeitos da força masculina, já possui iniciativas próprias, invenções e reinvenções colaborativas na sociedade em que vive, transformando várias concepções a seu respeito em novas dimensões de aprendizagens e avanços cada vez mais significativos. Embora, se perceba esses avanços, a saída da mulher para rua desencadeou um outro processo, o de escravização da mulher em termos de jornadas excessivas. É bom lembrarmos também que

tais mudanças tem caráter classista, isto é, não estão presentes de maneira igual entre todas as mulheres.

O mercado de trabalho para a mulher ampliou a sua visão com relação ao que poderia realizar na sociedade, pois, esta, utilizou-se das várias habilidades para se destacar em qualquer campo que atue profissionalmente. Neste espaço trabalhista em que a mulher se envolveu é possível observar com amplitude a sua presença marcante no mundo da moda, educação, política, televisão, música, dança, e tantas outras opções de destaque possíveis de se encontrar na sociedade.

A modificação do comportamento feminino frente a sua realidade foi bastante considerável ao longo do século XX, de modo a verificar que tais procedimentos alteram bastante a representação da família na sociedade, pois, ao final do século XX já era visível a questão de mulheres que eram postas pra fora dos seus lares por seus maridos, e estas tinham que ter a iniciativa de estar em algum emprego que lhes garantisse o salário ao final do mês para que então a mesma pudesse alimentar os seus filhos e suprir as suas necessidades. Gomes (2009, p. 30) sobre as expectativas de trabalhos a serem desempenhadas, expressa que:

A luta pela sobrevivência e o desenvolvimento do capitalismo conduziu a participação direta da mulher na produção social através da indústria que acelerou o processo de ascensão social e independência econômica das operárias, criando novas condições de existência. A necessidade da entrada da mulher no mercado de trabalho, conseqüentemente sua contribuição econômica e a possibilidade de desenvolvimento cultural selaram a independência da mulher diante do quadro que se apresentava.

Neste contexto de informações temporais, percebemos, então, uma mudança quanto à independência da mulher na sociedade, pois daquele ser que era completamente dependente do marido para se manter como ser humano em suas necessidades básicas, o mercado de trabalho lhe proporcionou a ampliação desta visão em que se poderia ganhar o seu próprio salário e assim conduzir sua vida conforme fosse coordenando os seus objetivos de vida. A independência financeira nos dias de hoje ampliou a visão para uma possibilidade de mudança na sociedade para a mulher, não se pode negar, no entanto, sempre tiveram mulheres a frente do seu tempo que não aceitavam a realidade, mas, que por conta do preconceito e do machismo se podavam para não serem punidas por uma inquisição, que independência financeira não abrange toda a sociedade, podendo ocorrer, como reflexo disso, é que muitas mulheres que se acomodam para não baterem de frente e continuam imersas no patriarcado que embora estejam inseridas no mercado de trabalho continuam presas em convenções sociais.

Neste avanço e conquista de direitos e espaços na sociedade e no mundo do trabalho o que se vê atualmente, são famílias sendo chefiadas por mulheres e as quais já ocupam lideranças em vários setores da sociedade, observando-se assim que as suas habilidades de cozinheira, dona de casa e mãe foram aprimoradas para a expansão no mercado de trabalho que confluem sobre as decisões que caem e recaem sobre a sociedade como o mundo da política em que mulheres atualmente representam altos cargos no governo. Dentre todas estas prerrogativas de avanços no mundo trabalhista cabe ainda ressaltar que a mulher além de trabalhar fora de casa, ainda tem que conciliar o seu serviço profissional com os afazeres de casa e as responsabilidades de mãe. Não esquecendo que a inserção da mulher no mercado de trabalho, não a retira do espaço da casa, sendo assim, ela adquire mais responsabilidades, pois se sujeita a duplas ou triplas jornadas.

Observando esse processo histórico da mulher na sociedade percebe-se que as decisões políticas também eram centralizadas apenas pelo pensamento e ações do sexo masculino, o que provocava a exclusão da mulher politicamente em sua vida social, visto que, a mesma não tinha reconhecimento como participante ativa do contexto social, político e econômico. Oliveira (2013, p. 06) em seus estudos informa que:

De acordo com Sow (2010) as mulheres, bem como os escravos e os estrangeiros foram relegados durante séculos à condição de não cidadãos, sendo colocados à margem dos assuntos de interesse público. No Brasil, durante o período colonial, os direitos políticos eram restritos aos homens em função da sociedade patriarcal, na qual o poder, as decisões e os privilégios sempre estiveram nas mãos dos homens. Esta situação não foi alterada após a independência do país.

Nesta visão histórica, percebe-se que, como já discutido nos itens anteriores a mulher era apenas um ser criado para servir ao homem em relações sexuais, função progenitora, doméstica, mãe e educadora dos filhos, sua participação e presença nos contextos discursivos decisórios das ações a serem vislumbradas e anseios a serem postos em ação nos lugares em que viviam não tinha importância e nem relevância, pois desde o nascer já era predeterminada a ser “Do lar”, isso nas várias instâncias de condição social que esta vivia, rica ou pobre, observando-se diferenças apenas nos confortos evidenciados mediante as condições financeiras das famílias as quais nasciam ou eram adquiridas com o casamento.

Os interesses públicos como educação, escola, economia, negócios eram-lhe totalmente restritos, por serem vistas como sexos frágeis, sem força, ou determinação para enfrentar a vida e manter o lar, como uma das proposições para tal pensamento a busca pelos alimentos e tantos outros fatores ideologicamente direcionados ao sexo masculino.

Compreende-se, portanto, que em um pensamento reflexivo sobre o contexto histórico do posicionamento de mulher como ser subordinado e fora das discussões políticas, este ocorreu pela imensa subordinação que a mesma tinha perante o sexo masculino e que lhe era atribuída uma personalidade de fragilidade cujas responsabilidades ficariam apenas a cunho doméstico e papel reprodutor da espécie, de modo assim a torná-la apta a somente estarem à margem das tomadas de decisões e direcionamentos da família, funções estas que ficavam sempre ao cargo do homem que a elas pertenciam.

Vaz (2008) expressa em seus estudos que este cenário dava os primeiros movimentos de mudança quanto à visão utilitária da mulher na sociedade por meio dos movimentos feministas que surgiam com a Modernidade o qual se iniciou no final do século XIX e seguia-se intensificando no início do século XX, pois, este foi também o momento em que houve a ocorrência de vários movimentos nos países da Europa e América em favor da luta pelo voto feminino; nesse período tanto mulheres como analfabetos lutavam para exercerem o direito em si do voto, visto que, a compreensão deste ato como direito de todos era pouco difundido, mesmo assim, as mulheres em seus movimentos feministas da época realizaram uma série de ações que pudessem produzir reflexões na sociedade e assim conquistar o direito ao voto.

Oliveira (2013, p. 06) irá mencionar ainda que:

No entanto, apesar de algumas conquistas, ocorridas até meados do século XX, tal como o acesso à educação formal e o direito ao voto, as mulheres neste momento ainda se viam inseridas em um mundo exclusivamente feminino, que se caracterizava por um mundo doméstico e familiar. Neste mundo particular, as mulheres não se viam como sujeito e não possuíam uma identidade social própria, sendo esta identidade sempre vinculada a de um homem, seja como mãe, filha, esposa. Esta característica retira também a autonomia da mulher da época, tendo em vista que esta precisa dedicar-se necessariamente à família, cumprindo assim a mística feminina (VAZ, 2008).

Mesmo diante de tantas transformações no mundo que assim envolvia uma série de revoluções, principalmente, no que faz referência as ideologias da Revolução Francesa em que a bandeira levantada gritava por liberdade, igualdade e fraternidade o posicionamento da mulher permanência inalterado frente a sua situação social, embora houvesse a existência de manifestações a seu favor como as inferências de vários escritores da época, neste contexto, mesmo diante das dificuldades a mulher buscava o seu valor em decisões sociais como um ser digno de respeito em seus processos e opções de escolha.

Oliveira (2013) menciona que, diante algumas conquistas até o séc. XIX a reflexão no pensamento humano quanto às medidas de intervenções a serem postas frente a mulher e da liberdade e senso de igualdade perante o homem a ser edificado, o acesso à educação formal e

as várias outras questões como o voto ainda eram bastante restritos, excludentes e mal resolvidos, pois, a mulher era fortemente posicionada como um ser ao qual representava o lar, a casa, a cozinha, o interesse sexual, a família, aos filhos, ou seja, estavam mergulhadas em um mundo de transformações com revoluções e vontades, mas que, o masculino ainda se sobrepunha.

Vivia-se um momento de turbulências e confusões acerca da relação entre os gêneros em uns momentos a mulher tinha convicção de que seus valores e sua funcionalidade podia ser alterada permitindo-lhe desenvolver as várias capacidades e habilidades que podiam compartilhar e desenvolver na sociedade em instâncias que somente os homens coabitavam e, também do forte tradicionalismo em sua representatividade de ser humano cultivado ao longo da história. Vaz (2008) reforça ainda que a identidade da mulher ficou meio solta, perdida e ainda tradicionalmente submetida a visão que o homem sempre cultivou sobre ela, imagem de mãe, filha e esposa.

Sobre esta situação da mulher prolongada ao longo do tempo, pode-se observar o contexto de desigualdade social já existente na sociedade com relação aos gêneros, com isso cabe aqui ressaltar a fala de Carvalho (2013, p. 14) em que a mesma infere o seguinte:

Como a própria expressão denota, a desigualdade social é um fenômeno social, cultural e histórico exterior ao indivíduo, não sendo portanto, determinado por condições naturais, biológicas ou herança genética. Desse modo é necessário ter presente que ninguém nasce desigual, mas, com grande frequência, as pessoas nascem em condições desiguais.

Observando esta fala, o contexto da mulher vai muito além de sua condição de fragilidade, pois, a desigualdade de inserção estar nas intervenções sociais que poderiam desde sua existência ser considerada como um fato relevante e contribuinte de construção social dos indivíduos e não de exclusão, pois este olhar sempre foi deixado de lado simplesmente por uma sobreposição do sexo masculino sobre a mesma, mediante a força dos músculos que o mesmo achava-se ser superior ao do sexo feminino. Sendo assim esse posicionamento de visão frente a mulher afetou as oportunidades que esta deveria ter exercido ao longo da história.

Oliveira (2013) em seus estudos informa que foi a partir da década de 1970 que os movimentos feministas foram intensificados, ou seja, a luta pelo reconhecimento das mulheres como sujeito de direitos, igualmente capazes de atuar na vida social e política como os homens, de modo que, estas pudessem ser vistas e respeitadas em suas decisões e participações ativas na sociedade.

Em estudos feitos por Sow (2010), observa-se que no Brasil a situação social da mulher era afastada da vida política por diversas razões, dentre elas se manifestava o critério da renda, pois até o Brasil Império as mulheres não tinham acesso a nenhuma remuneração, visto também que não possuíam trabalhar fora de seus lares que assim pudesse lhe atribuir autonomia financeira ou decisória sobre sua manutenção; e o critério do alistamento militar sobreposto como direito ao voto a partir de 1891 exposto pela Constituição.

O cenário das mudanças começa a mudar no Brasil com relação a mulher e sua posição na política ao longo do século XX, nestes termos, Alves (2007) aponta uma divisão para a história destes procedimentos com relação a participação ativa da mulher, a primeira faz referência a visão desta pela sociedade do séc. XV até o séc. XVIII, em que o sexo feminino não tinha atuação e nem mesmo permissão social de possuir acesso à educação, trabalho formal, direitos políticos civis; e a segunda situação histórica que se desenvolveu no século XIX, foi a percepção das várias mudanças positivas, pois, ao final deste séc. mulheres já obtinham diplomas de curso superior e seguindo a adiante no séc. XX conquistam campos como o da educação, inserção no mercado de trabalho e o direito de votar.

Em termos históricos, considera-se, portanto, o avanço significativo de perspectiva da presença da mulher na política a partir da Proclamação da República em território brasileiro, mas que foram amplamente restringidos também, quando esta foi excluída juntamente com vários outros sujeitos da vida política.

A participação política de fato começou a surgir efetivamente em 1932 quando o presidente Getúlio Vargas realiza a promulgação do decreto nº 21076 de 1932, o qual possibilitou o voto secreto e o voto feminino, no entanto, com relação às mulheres, o poder do voto destas só poderia ser exercido quando casadas com a autorização marido, o que ainda revela a fortíssima influência do homem sobre as decisões das mulheres, e aquelas que eram solteiras ou viúvas deveriam comprovar renda para assim poder votar.

Sow (2010) expressa que nas decisões a favor da mulher em 1933 várias questões foram suscitadas de modo a cultivar os interesses das mesmas, dentre elas tem – se o tempo para a licença a maternidade, proteção à infância, a igualdade de salário entre homens e mulheres e o acesso a cargos públicos.

Ao longo das manifestações surgidas de cunho feminista no século XX, as mulheres conquistaram várias situações, politicamente falando a seu favor, o que se observa na década de 80 e mais propriamente dito na Constituição Federal de 1988 que trouxe em sua Carta Magna várias disposições sociais reivindicadas em favor da população e, dentre eles está a igualdade de participação nas decisões políticas tanto quanto das participações em concorrer a

cargos públicos, sendo possível nas várias cidades a eleições de mulheres para direcionar a administração pública das mesmas, tão quanto os governos de Estados e, tão recentemente a conquista da Presidência do Brasil.

Fazendo uma reflexão sobre as transformações das funções das mulheres na sociedade, que assim, eram bastante restritas aos cuidados do lar, esta avançou de forma preponderante e significativa frente a sua realidade de vida, pois, até o início do séc. XX, o sexo feminino ainda encontrava várias barreiras para atuar publicamente em sociedade. Carvalho (2013, p. 53) neste contexto discursivo infere que:

Além disso, uma análise gênero precisa partir de referências históricas que moldam o sentido da diferença entre os sexos e que constroem as possibilidades de ser masculino e feminino. Por exemplo: no início do séc. XX, usar calças compridas e cortes de cabelo curtos era uma prática exclusivamente masculina, proibida para as mulheres, que só podiam vestir saias e vestidos, bem como usar cabelos longos.

Estes paradigmas foram fortemente modificados ao longo das vivências e transformações obtidas no século XX, ou seja, fluiu em um curto espaço de tempo, e nisto o comportamento da mulher mediante as circunstâncias econômicas, sociais, culturais, familiares e responsabilidades do lar que foram extremamente modificadas, levando-se as mesmas a conquistarem com plenitude ainda que com receios sua participação ativa na política em todas as instâncias de trabalhos a serem desenvolvidos, de modo a comparar tais transformações com o acompanhamento de sua forma em vestir-se e usar os cabelos.

Embora se possa comemorar uma grande gama de conquistas por parte da mulher em termos políticos e funções públicas, observa-se constantemente ainda várias formas de intimidação nos espaços de comandos.

Olhar a mulher hoje, não está muito diferente de tempos atrás, em que, a mulher era apenas um objeto de sexualidade e atributo doméstico a serviço do homem, embora a mulher conquiste seus espaços, ela está sempre subjulgada pela sociedade com seus padrões, em que estar em um cargo representativo público de alto poder, é certamente refletir que o sexo frágil pode ir muito além de ser apenas uma progenitora e cuidadora, e assim exercer o poder de governar com força, determinação e responsabilidade de alguém preparado para dirigir e fomentar ações que podem sim colaborar com o mundo e a vida em sociedade, tão quanto o homem que dela provém biologicamente.

Na trajetória política brasileira já é possível verificar em termos concretos sobre a conquista de vários cargos e funções políticas exercidas pela representação de mulheres, pois, a presença destas é percebida em administrações dos poderes executivos e legislativos como

os governos de municípios e estados federativos e tantas outras dimensões administrativas como as secretarias governamentais de uma determinada esfera política.

Em termos de conquista presidencial política, informações históricas² relatam que a primeira mulher a presidir um país foi na Tuva em 1940, abrindo assim uma breve reflexão positiva sobre o poder que a mulher também tem em si e pode representar nas decisões políticas de chefia no Estado; já na história política brasileira, a conquista desta função política ocorreu em 31 de outubro de 2010 pelo Partido dos Trabalhadores – PT que assim elegeu a primeira mulher, Dilma Rousseff, para o cargo de presidente da República Federativa do Brasil.

Trago a figura de Dilma Rousseff, como um exemplo de conquista no espaço político brasileiro pela mulher, isso como forma de mostrar a diferença entre o seu perfil e o da “Bela, recatada e do lar”, personificado pela mídia na atual primeira dama da presidência, sendo ambas do meio político.

Dilma Rousseff é uma economista e política brasileira, natural de Belo Horizonte, que após muitas lutas participativas no contexto político pelo Partido dos Trabalhadores – PT disputou a eleição com Marina da Silva e outros 7 candidatos e conseguiu o voto da maioria da população brasileira para assim presidir o país. Uma mulher nascida em família de classe média considerada alta, que, apresentou desde cedo um forte interesse pela política participando de várias situações organizacionais, inclusive com marcante atuação nos Movimentos Sociais que se opunham ao Regime Militar. A mesma ocupou em sua trajetória cargos como o de Secretária Municipal da Fazenda, Secretária estadual de Minas e Energia e Presidente da Fundação de Economia Estatística e vários outros de grande importância e influencia no âmbito das posições de acesso ao poder representativo de uma sociedade.

Dilma Rousseff tem um perfil de mulher bastante eloquente e progressivo na política brasileira, pois sua postura representativa de assim querer participar das decisões políticas de um lugar sempre a personalizou como um sujeito que possui determinação e que assim sabe que tem possibilidades de administrar um Estado, tão quanto, um sujeito do sexo masculino, mostrando que a mulher tem sim direitos e capacidades a serem desenvolvidas com autonomia e não somente subestimada a autoridade do homem e presa ao pensamento e idealização de cozinheira, dona de casa, doméstica, cuidadora do lar, educadora de filhos e objeto sexual masculino; Nestes termos ela fez a diferença, porque sempre se mostrou forte em seus posicionamentos de modo a inserir decisões em seu partido por onde passou de modo

² VOIGT, Hugo José. Khertek Anchimaa-Toka. 2015. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>> acessado em 24 de junho e 2018.

a ser olhada como promissora de cargos considerados tão fortemente como autonomia de comandos masculinos.

Conquistar um lugar em um partido político para ser disputado em uma presidência de um país não é tarefa fácil, e assim sendo esta mulher “Dilma Rousseff” foi capaz de desafiar muitos paradigmas da sociedade mostrando-se competente em sua trajetória e perfil nas campanhas e discursos eleitorais tão quanto nas várias funções exercidas politicamente na história do Brasil com as várias secretarias que exerceu e que lhes foi confiada, é considerada um símbolo de mulher que sabe o que quer e como lutar, por isso, disponibilizando assim uma reflexão acessível e preponderante sobre o sexo feminino que ainda se sente reprimido sob o estigma de que nasceu apenas para servir e acatar ordens masculina.

Neste sentido, os aspectos que muitas vezes impuseram a exclusão da mulher a participações sociais no contexto das várias funções a ser exercida em uma sociedade e principalmente na política, além do contexto tradicional foram às dimensões culturais religiosas criadas e mantidas ao longo do tempo como fundamento de existência e comportamento humano, no qual sempre posicionou a mulher como um ser submisso ao chefe da casa, o “homem”.

A inserção da mulher no seio político nos remete às transformações das ações concretas da expressão “empoderar”, pois a participação da mulher brasileira na política tem aumentado a cada ano como aponta o TSE na sua amostragem de 2016 que atualmente tem muitas mulheres participando ativamente como cabos eleitorais e até mesmo dentro dos partidos como filiadas. Então, esse processo tem feito com que os partidos lancem mais candidatas, mais ainda é pouca essa inserção como representação feminina, tendo em vista que isso só se tornou mais evidente em 2009 com a lei 12.034 que passou a exigir o preenchimento de no mínimo 30% das candidaturas para o sexo feminino. Percebe-se o vai e vem desse processo de construção da identidade feminina em que, para a inserção da mulher no meio político partidário é necessário lei para a garantia de um direito. Isso revela que a existência da lei é um sintoma de que as mulheres não participavam ou eram excluídas dos pleitos.

Nas eleições em 2012 para assumirem as Prefeituras e as Câmaras do Brasil, teve participação recorde de mulheres, com mais de 81 mil candidatas no geral, com um aumento de 76%, porém, no ano de 2016 do total de 155.587 candidatas (31,60% do total geral) quase 15 mil candidatas a vereadoras não tiveram nenhum voto e isso aconteceu em 65% das cidades do país, nem elas mesmas votaram nelas segundo dados do TSE (2016) Os dados nos mostram que apesar de todos os avanços a participação da mulher na política em nível

nacional e local ainda é bastante tímida. E isso remete ao preconceito de não votar nas mulheres que advém dela mesmas em ver na outra um ser incapaz. Segundo Oliveira (2016, p. 5),

[...] a ação da decolonialidade encontra-se na inserção das identidades subalternas na política – ao invés de política de identidade – e, isso se dá por meio de desobediência epistêmica. [...] através da crítica e da ação superá-los, ou melhor, desobedecê-los na expectativa de mostrar que não existe um campo epistêmico melhor do que o outro e sim teorias mais maleáveis e adequadas para cada conjuntura histórica e social.

É possível entender em meio essas argumentações que há algo muito forte enraizado, dessa forma podemos interpretar que há um sistema historicamente construído que só pode ser rompido com outro sistema histórico social. Segundo Lugones (2008, p. 79) Al constituir esta clasificación social, la colonialidad permea todos los aspectos de la existencia social y permite el surgimiento de nuevas identidades geoculturales y sociales. Diante disso, foi que por longo tempo a mulher ficou submetida a exclusão de decisões política, isso porque, a mudança assusta, o novo é criticado e rompe com o que a estrutura já tem como legitimado.

Assim a colonialidade permeia cada uma das áreas da existência social, constituindo a forma mais efetiva de dominação social sobre a mulher, tanto material quanto simbólica, criando as subjetividades subalternas de que trata Lugones.

2. SEXO, AMOR E DESEJO

Com o amor e o sexo não foi diferente, segundo Regina Navarro (2013), desde as sociedades mais antigas até os dias atuais o amor e o sexo, foram e estão sujeitos aos paradigmas morais, dogmas religiosos, interesses políticos, econômicos e sociais, onde o masculino e o feminino desempenham papéis socialmente construídos como sendo próprios de cada um, em um processo sócio histórico. Embora, as estruturas mentais estejam se modificando, as mudanças são lentas e parecem andar tanto para frente quanto para trás. Com o advento da globalização e as necessidades do capital produzir mais, a mulher adentra alguns espaços públicos, quebrando alguns paradigmas, enquanto que, para outras mulheres, as amarras que as predem subjetivamente são bem mais fortes e as impedem de agir conforme o seu desejo. Um exemplo disso, é o fato de que, a pílula trouxe mais liberdade nas relações sexuais, ampliou o número de parceiros, libertou o sexo do processo de fecundação, ainda assim a sexualidade se constitui um mistério para muitas mulheres, sem mencionar as que ainda se encontram presas às convenções do patriarcado.

Uma mulher chegar para um homem e propor-lhe uma relação sexual pode ser visto ainda como uma afronta aos sistemas de culturas empregados na sociedade, visto que, embora se tenha uma visão bastante moderna de mulher, uma atitude como, esta, ainda causa espanto e discriminação, pois, mesmo que se perceba uma certa liberdade de atitudes, se percebe também que ainda existe uma imagem conservadora da mulher. (...) desde as civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um ‘serviço’ que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção; mas servir é ter um senhor não há nessa relação nenhuma reciprocidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 112). Esse tipo de relação de dominação e objetificação a mulher se mostra bem atual. A relação sexual vista nesse processo da colonialidade mostra o poder que a sociedade mantenedora dele tem em produzir subjetividades submissas na mulher transformando um intercurso sexual em uma relação social. Sobre isso, Bourdieu (2002, pág. 31) menciona que:

A relação sexual se mostra como uma relação social de dominação é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação.

Gradualmente, movidas pelas circunstâncias de seu tempo, em busca da autossatisfação, as mulheres encontram possibilidades de construções de outras subjetividades

e, que essas identidades podem ser construídas socialmente, assim como as várias formas de colonialidade geradas pelo colonialismo que se propagou historicamente. Acredita-se que um dos aspectos para que ocorra uma ruptura nessa estrutura seria, segundo Lugones (2008, p. 86) “nos apunta en una dirección de reconocer una construcción «engenerizada» del conocimiento en la modernidade”.

Essa nova identidade da mulher contemporânea diante das transformações da sexualidade, trouxe à tona o discurso sobre as questões sexuais - no passado restrito à Igreja e repudiados pelos primeiros cristãos por considerar assunto do demônio -, se desperta para as diversas áreas do conhecimento, em especial das Ciências Sociais, que se preocupa em analisar as mudanças ocorridas no contexto sobre o gênero, a mulher e sua liberdade sexual nessa história das mentalidades, trabalhando algumas categorias como emancipação, autonomia e empoderamento como elementos constitutivos dessa mulher contemporânea.

A ideia de emancipação tem sido muito discutida durante décadas e que neste trabalho tanto se fala que me senti na obrigação de discorrer sobre o seu conceito ao qual faço das palavras de Silva (2013, p. 753-754) as minhas, ao dizer que “O olhar emancipado permite possibilidades de caminhos novos, emergência de novas possibilidades e acesso a novas experiências, ampliando, desta forma, o repertório sociológico e filosófico para questionar as evidências do nosso tempo”, se constituindo como um processo complexo, a realidade das vidas dos sujeitos na sociedade.

Nesse caso, no que se refere à autonomia, ela se configura na capacidade do ser humano em decidir sobre suas escolhas naquilo que lhe é conveniente. Sendo assim, dizer que “As mulheres precisam ter controle sobre o tempo, seu corpo e a própria vida, com liberdade de decisão” (BEZERRA, 2013, p. 19), é falar no autogoverno sobre o que diz respeito ao que se faz da sua própria vida. Podemos dizer que essa mulher moderna na busca por igualdade ela se impõe na sociedade, porém, essa mesma mulher, ao passo que se impõe, ela também está preocupada com a forma como a sociedade as vê, aquela velha repressão sexual velada perpetuada nos dias de hoje, atualizadas nas colonialidades.

É porque se afirma que essa repressão que se pode ainda fazer coexistir, discretamente, o que o medo do ridículo ou o amargor da história impedem a maioria dentre nós de vincular: revolução e felicidade; ou, então, revolução e outro corpo, mais novo, mais belo; ou, ainda, revolução e prazer [...] ela quer a afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor (FOUCAULT, 1988, p. 12-13).

Se desprendendo de velhas funções tradicionais em que o homem tem o papel de conquistador ativo, e ela, o sexo reprimido, passivo, sinaliza Foucault (1988, p.14) dizendo,

“da pretensão de liberar-nos da natureza pecaminosa que durante muito tempo e ainda atualmente tem contra o sexo por abuso de poder”. Além, da emancipação e da autonomia ainda temos a categoria empoderamento, em que o movimento de mulheres tem situado essa categoria nas relações de gênero e na luta contra a posição socialmente subordinada das mulheres em contextos específicos. Nesse discurso, poderia se usar o empoderamento como apropriação de si em termos de liberdade, porém, ele é muito controverso, ao passo que, ele tem sido utilizado como categoria de libertação individual, e mais ainda, utilizando de atributos ou situações antes entendidas como símbolos de repressão, de submissão, a exemplo do corpo e do sexo. Pois, na visão da sociedade a mulher continua sendo vista como um objeto. No entanto, o termo empoderamento chama a atenção para a palavra “poder” e o conceito de poder enquanto relação social. O poder (na Ciência Política geralmente vinculada ao Estado) pode ser fonte de opressão, autoritarismo, abuso e dominação. Um poder hegemônico, branco, hétero, de classe média e homogêneo, é importante trabalhar na perspectiva da autonomia das mulheres, pois o alcance desta servirá de medida para avaliar o processo de empoderamento e superação da exclusão social, segundo Lisboa (2008, p. 6). Considerando a pluralidade, questionando e problematizando alternativas efetivas de rompimento com o patriarcado é que pode se tornar possível o objetivo de autonomia e emancipação das mulheres, pois ainda é uma luta contínua. Tendo em vista que ainda não houve rompimento com as relações patriarcais, que são estruturais, estando ele no modo de produção, no Estado, na família, na economia, na política, na universidade, sendo assim não tem como falar de autonomia nesses termos.

Todos os aspectos dos tópicos até então citados são como forma de mostrar os espaços que as mulheres foram ocupando, lugares esses, onde se viram por muito tempo excluídas, como se não fizessem parte da historiografia a qual foram constituídas. Foi por meio da apropriação do conceito de gênero pela “Teoria Crítica Feminista”³ norteando que, tudo o que foi vivido ou se vive é produto de uma construção cultural, social e histórica, dentro de um sistema colonial de poder. Scott (1990, p. 12) nos diz que, “A adoção do gênero enquanto categoria analítica implica uma tomada de posição política: é necessário assumir a ausência feminina na história e o compromisso de construir uma nova história, através do alargamento das noções tradicionais”, ou seja, aproveitar a abertura do momento e fazer uma nova história a partir de uma reflexão decolonial desse processo. Assim, faz-se necessário pensar o impacto

³ Dossiê: as mulheres e o sistema penal / Organizado por Priscilla Placha Sá. – Curitiba: OABPR, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-60543-10-6 (Versão eletrônica)

das conquistas femininas nas relações sociais, pois tudo pesa nessa questão que segundo Scott (1990, p. 14-15):

(...) primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (...). Em segundo lugar, os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas (...). O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia e na organização política (...). O quarto aspecto de gênero é a identidade subjetiva.

E Foucault (1988) reafirma que isso tudo faz parte da cultura, colocados como imposição por essa cultura, ou pelos indivíduos que fazem parte dos grupos sociais aos quais estão inseridos. E que ao expor suas visões, elas estão modificando suas subjetividades, a partir dos modelos de repertórios e nos discursos de seu tempo.

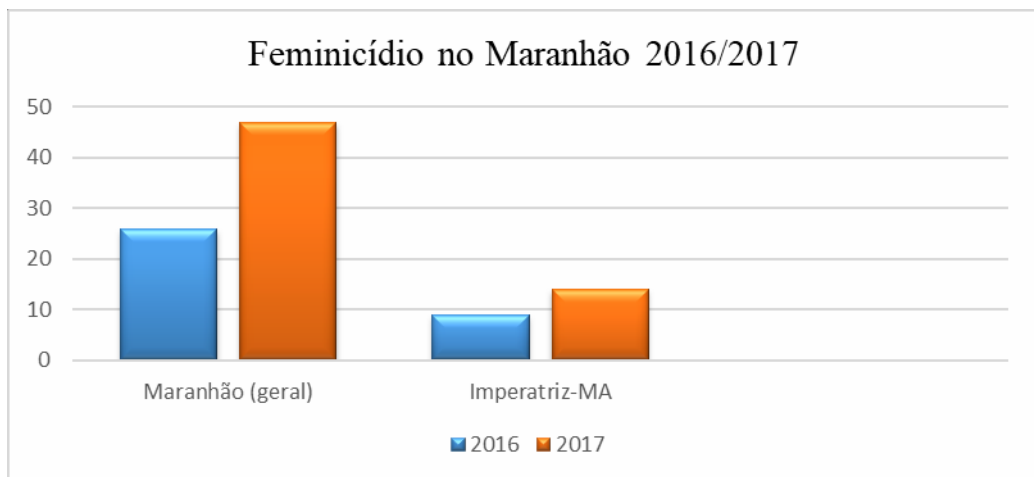
3. COMO AS MULHERES DE IMPERATRIZ-MA VÊM AS MUDANÇAS?

O processo de produção da cidade de Imperatriz está relacionado às expedições religiosas e militar em 1658, com sua fundação em 1852. Inicialmente recebeu o nome de Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins, que depois, em 1856 por meios de leis foi modificado o seu nome para Vila Nova de Imperatriz por homenagem a princesa Tereza Cristina e a população acabou simplificando seu nome para Imperatriz. Em 1924 recebeu o status de cidade, mas, distante do restante do Estado, devido às dificuldades de vias de transporte, só ganhou maior fluidez no final dos anos de 1960 com a feitura da BR-010. Imperatriz cresceu nos ciclos econômicos pelo corredor agrícola do arroz recebendo o status de Princesa do Tocantins, atualmente vista pelas lideranças políticas como Metrópolis da Integração Nacional⁴. Vejamos alguns aspectos relevantes da cidade de Imperatriz-MA:

- Imperatriz, localizada às margens do Rio Tocantins e distante 629,5 km da capital, São Luís, é a segunda maior cidade do Estado do Maranhão, possui cerca de 160 bairros e 1.367,90 km² de área total, a cidade de Imperatriz corresponde a aproximadamente a 0,46% do território do Estado.
- Segundo dados do IBGE (2017) a população estimada é de 254.569 pessoas. Na categoria trabalho, desse total, 24% está ocupada e 37,4% é o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salários mínimos.
- Com relação a educação, em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4.3. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 7 de 217.
- Em termos de posição, Imperatriz ocupa a posição de segundo maior centro político, cultural e populacional do estado, e, por ter se tornado polo universitário, comercial e de serviços de saúde, Imperatriz recebe cerca de 700 mil pessoas de cidades vizinhas dos estados do Maranhão, Pará e Tocantins.
- Conforme dados do IBGE (2017) pela pirâmide etária da totalidade da população, as mulheres são a maioria dos 10 aos 50 anos, o que revela que as mulheres são a maioria, principalmente em idade reprodutiva.

⁴Disponível em: <<https://www.imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>>. Acessado em 20 de maio de 2018.

- Da população residente total, por religião, temos um quantitativo de 218.922 adeptos de denominações religiosas, sendo em sua maioria católicos 54,5%, e, segundo evangélicos 31% e em terceiro, espírita com 0,44%.
- A Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP), por meio do Departamento de Femicídio, informa que foram notificados em 2017, 47 casos de feminicídio no Maranhão. Em 2016, foram 26 ocorrências. Contudo, a SSP ressalta que, em 2016, por não existia a padronização destes registros, podendo existir, com isso uma subnotificação. Em 2017 houve um aumento de 80,7%, em comparação com o ano de 2016. Especificamente em Imperatriz em 2016 foram registrados 9 casos enquanto que em 2017 14 casos foram registrados, sendo a segunda colocada em feminicídio, perdendo somente para a capital São Luís⁵.



Esses aspectos são relevantes pois são parte constituintes do processo de construção do que se conhece ou desconhece como Imperatriz-MA, pois o universo feminino ao qual foram aplicados os 50 questionários e posteriormente as 10 entrevistas estão inseridas nesse contexto abrangendo o mais diversificado possível desse universo feminino.

As bases de sustentação da sociedade são os paradigmas morais e os dogmas religiosos que funcionam como mantenedoras de uma certa ordem social, mas, que fazem parte de uma estrutura maior, o modo de produção, assim, pensar um comportamento que venha contrariar essa ordem, soa como uma inversão dos valores pautados pela sociedade, sendo necessário pontuar que a inversão do patriarcado com o contrário de machismo, não é o

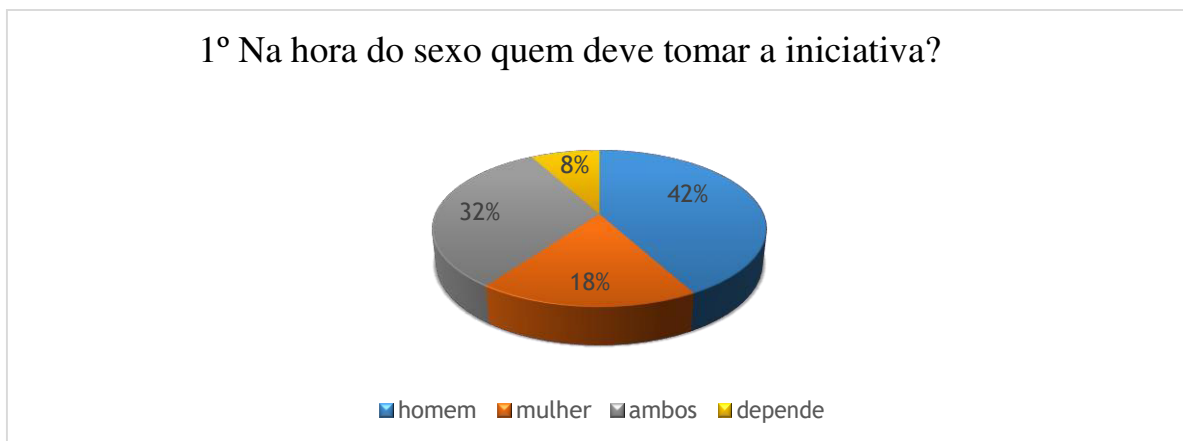
⁵Disponível em: <http://www.correiopopularitz.com.br/materia/12189/14_casos_de_estupro_ja_foram_registrados_na_dem_em_imperatriz>. Acessado em 20 de maio de 2018.

que o feminismo na corrente decolonial quer assegurar, isso é “femismo”⁶ –, ou seja, isso é a reprodução do modelo patriarcal ao contrário. O decolonial visa a intersecção das relações de opressão a partir da exclusão social causado pelo colonialismo da época e a colonialidade moderna, ao qual subjugla a mulher, sendo mais perversa essa subjugação se ela for negra, homossexual, pobre e sem instrução formal aos modelos vigentes, e não a inversão de papéis.

Partindo disso, a análise de campo aqui mostrada se torna a estrutura principal do trabalho desenvolvido, porque, ela é a mola propulsora na constatação dos efeitos sociais dos processos de produção de reprodução de subjetividades subalternas. Sendo assim, primeiramente será exposta a porcentagem conforme respostas do público questionado depois a análise das entrevistas no segundo momento, de modo a perceber as confirmações ou contradições tão quanto se aproximar do pensamento das mulheres com relação ao ponto de vista das mesmas sobre sexualidade.

Com a análise do questionário é possível mostrar os resultados colhidos de forma esquematizada em textos discursivos em distribuição dos resultados por meio de gráficos que descreveram as questões mencionadas e o público participante, sendo que os mesmos serão visualizados em valores numéricos na forma de porcentagem, o que equivale a mostrar a quantidade e qualidade das respostas em maior ou menor número correspondendo a tantos por cento da população em evidência.

Gráfico 01: A primeira questão visa o comportamento.

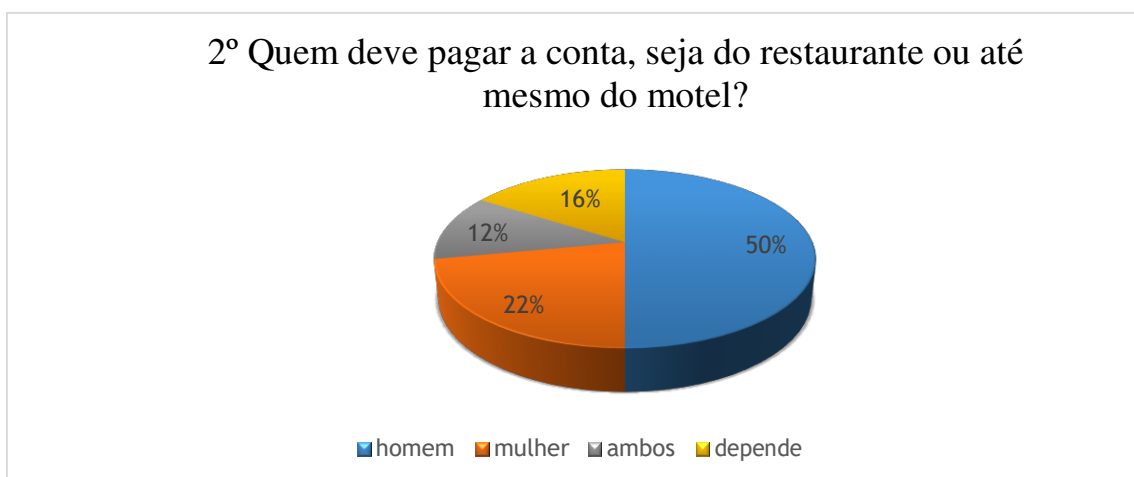


Fonte: Pesquisa de campo aplicada a um universo de mulheres de Imperatriz-MA, dezembro de 2016.

⁶O Femismo é um oposto e ao mesmo tempo sinônimo do machismo, acredita que as mulheres são superiores e os homens tem que fazer tudo à seu favor. ZARNADO, Bruna. Feminismo ou femismo? 2012. Disponível em: < >. Acessado em 24 de junho de 2018.

Neste item questionado, as mulheres responderam que quem deve tomar a iniciativa na hora do sexo 42% são os homens, embora 32% acharem que ambos devem tomar a iniciativa, 18% as mulheres e 8% dependendo da situação, ou seja, embora se tenha avançado neste quesito ao longo dos tempos a nossa sociedade e quando falo em sociedade estou falando em especial das mulheres, que tem um peso maior ainda por se tratarem da maioria e isso na cidade de Imperatriz-MA segundo estatística do IBGE (2017), Scott (1990/1995, p 82) nos diz que a respeito disso, “o princípio de masculinidade se baseia na repressão dos aspectos femininos presentes no homem – do seu potencial bissexual e introduz o conflito entre o masculino e o feminino”. E que os desejos estão reprimidos e presentes nessa unidade na perspectiva de que estará contrariando sua natureza de macho, uma compreensão comum a qual os homens naturalizaram, assim como a inversão disso, não há a aceitação da mulher em ela dispor de características, nem mesmo ações que são condizentes ao homem. Ele poda e pune as mulheres por certos tipos de comportamentos o que perpetua a cultura machista e o patriarcado, porém, nos mostram que esse conhecimento acerca da mulher no decorrer da história elas tem ao dá abertura a se pensar que, ao responderem 18% as mulheres, significa que mesmo em passos lentos ainda estamos construindo um princípio de mudança. Com isso, vê que, a integração entre a mulher e sua história em termos de conhecimento e percepção sobre a mesma e assim, seu posicionamento por meio de comportamentos são uma expressão da repressão a qual sempre estiveram expostas.

Gráfico 02: A segunda questão nos remete a manifestação social de comportamento.



Fonte: Pesquisa de campo aplicada a um universo de mulheres em Imperatriz-MA, dezembro de 2016.

Neste segundo questionamento, observa-se que 50% das mulheres responderam que quem deve pagar a conta são os homens, 22% responderam que a mulher deve pagar a conta, 12% responderam que ambos podem pagar a conta e dependendo da situação 16%. Visando a ação mediante uma situação concreta, esse comportamento conforme a tradição, sempre foi feita pelo sexo masculino, visto que, este é considerado como o ser dominante em todos os aspectos de decisão na sociedade. E segundo Scott (1990/1995), o patriarcado centralizou seu poder na “necessidade” de dominação pela subalternização das mulheres e encontraram a explicação para este fato na manutenção dessa dominação do macho sobre as fêmeas, e esse “pagar a conta” sempre foi um ponto de manutenção dessa cultura. A porcentagem é clara. O que revela o poder que o patriarcado tem, e a necessidade de manutenção dessa estrutura estruturante. Que o fato de reconhecer esse poder é o que nos deixa rumo as possibilidades de rompimento dentro dessa estrutura.

Gráfico 03: A terceira questão diz respeito às culturas religiosas seus paradigmas e transformações no pensamento.

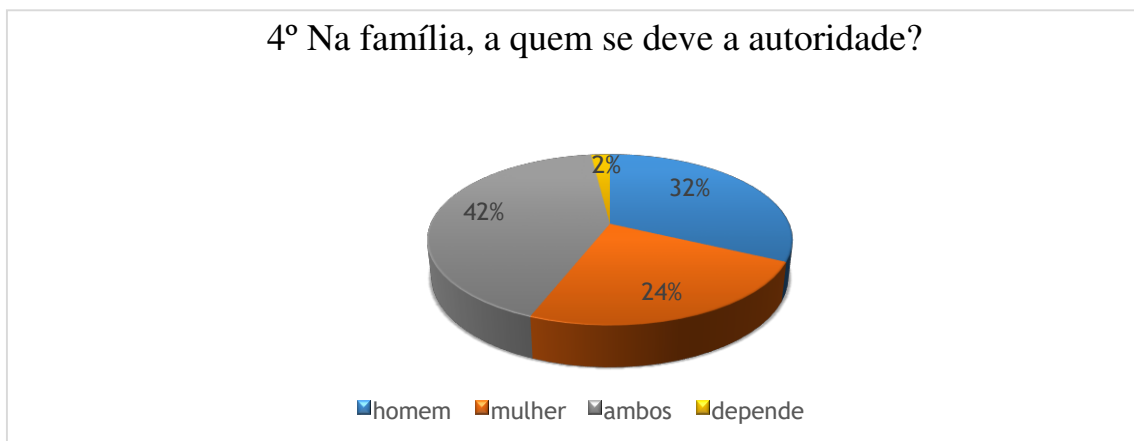


Fonte: Pesquisa de campo aplicada a um universo de mulheres em Imperatriz-MA, dezembro de 2016.

A terceira questão nos remete as mudanças na mentalidade com relação aos desígnios religiosos, em que podemos perceber pelos dados expostos em porcentagem que, 58% das mulheres responderam que a mulher não deve casar virgem. Tendo em vista que, essas mulheres estão em uma sociedade basicamente religiosa segundo os dados apresentados anteriormente nos aspectos relevantes sobre a cidade de Imperatriz-MA, em que dependendo da situação cultural em que a mulher se encontra ou vive, esta passará a ser um aderente das regras e valores impostos mediante apresentação dos textos escritos considerados sagrados, a

Bíblia Sagrada (2013), por exemplo, pois, em grande parte apresentam a mulher como um ser que deverá casar virgem, segundo o livro de Levítico 21:13 “e ele tomará por esposa uma mulher na sua virgindade”, nestes termos, os homens fazem uso desses escritos religiosos para impor um comportamento tradicional às funções e personalidade que a mulher deverá adotar para si como um caminho de vida adequado, o que se pode falar em vestimentas, ornamentos, funções a serem executadas no lar e vários outros fatores correspondentes à ação da mesma junto à sociedade. Sendo assim, é possível observar segundo os dados obtidos que o pensamento religioso que representa a bíblia ou cartilha de vivência social e cultural que na maioria dos casos direciona o pensamento do homem e sua conduta na sociedade, não se sustenta mais dos dias de hoje. As culturas religiosas com seus paradigmas vêm sofrendo transformações no pensamento humano ao longo do tempo.

Gráfico 04: A quarta questão diz respeito ao patriarcado.

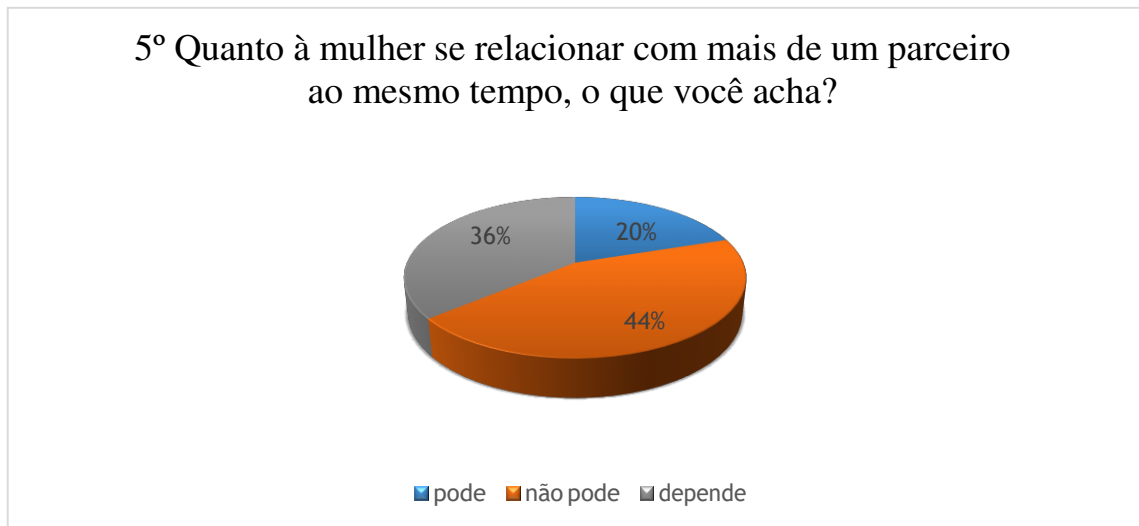


Fonte: Pesquisa de campo aplicada a um universo de mulheres em Imperatriz-MA, dezembro de 2016.

Na quarta questão, o gráfico nos mostra que 42% das mulheres responderam que a autoridade deve ser resguardada a ambos, tanto ao homem quanto a mulher. Embora o patriarcado disseminado pela colonialidade do poder como se percebe historicamente, no que tange a autoridade, em que a família sempre foi administrada em todos os termos pelo comando do homem. Em Imperatriz, se observa que em 2010 a mulher já representava de mães chefes de família um total de 13,48% da estimativa da população total dos números oficiais do IBGE (2017) de mulheres chefes de família, enquanto que na coleta de dados dos 50 questionários aplicados 28 declararam solteiras e com trabalho, o que fazendo um paralelo de dados dá pra perceber que as mulheres absolveram responsabilidades pela necessidade de

sustento da família. E que o esforço de Scott (1990/1995, p.82) com sua perspectiva e análise foi desnaturalizar os domínios masculinos pela imposição das características atribuídas a autoridade de macho, em dizer que “o gênero é a organização social da diferença sexual percebida o que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres”.

Gráfico 05: Na quinta questão, diz respeito ao comportamento sexual na sociedade.



Fonte: Pesquisa de campo aplicada a um universo de mulheres em Imperatriz-MA, dezembro de 2016.

Na quinta e última questão, os dados nos mostram que ainda é forte e preponderante a concepção cultural de que a relação sexual deveria ser mantida apenas entre um homem e uma mulher, visto que, em bases tradicionais é considerado pecado e antiético um comportamento sexual que envolva mais de um parceiro. Assim, 44% das mulheres responderam que não pode ter mais de um relacionamento ao mesmo tempo. Segundo Scott (1990/1995, p. 82) esse posicionamento “leva em consideração as relações sociais articulando a castração com a proibição e a lei, ela não permite a introdução de uma noção de especificidade e de variabilidade histórica.” O que nos revela que as mulheres estão reproduzindo essas noções, pois, enquanto algumas mulheres se mostram atuantes, outras, estão considerando essas relações impróprias, pactuando com a repressão sexual.

Diante do exposto, o resultado do questionário trouxe a este trabalho uma visão mais ampla de como as mulheres estão expressando sua sexualidade na cidade de Imperatriz-MA, quanto as respostas colhidas no quantitativo, elas dimensionam significativamente uma descrição de forma qualitativa daquilo que se propõe a perceber em uma sociedade com relação a comportamentos muitas vezes não valorizados pelas próprias mulheres.

O desafio da teoria analítica desse fenômeno de fazer essa ponte histórica segundo Scott (1990/1995, p. 83) é que “ela exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas, também, a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais”.

Por fim, o questionário fornece informações pertinentes para a seleção para a próxima etapa da pesquisa que é o diálogo com as mulheres quanto ao posicionamento delas quando o assunto é sexo, assunto “Tabu” pelo medo do julgamento de valor, assim, articulam discussões argumentativas sobre a importância de se pensar as mulheres antes de estabelecer preconceções a respeito das mesmas em específico da cidade de Imperatriz-MA junto à população feminina.

3.1 MULHERES NA FRONTEIRA: como elas se expressam em Imperatriz/MA

Para esse segundo momento, as entrevistas, foram selecionadas 10 mulheres dos 50 questionários aplicados. Para tal, foram elaboradas em média 10 perguntas norteadoras com o propósito de alcançar o objetivo, de entender como as mulheres expressam sua sexualidade e o que pensam de outras mulheres quando o assunto é sexo em Imperatriz-MA. As perguntas visam abranger o comportamento social, feminilidade, virgindade, sexualidade e prioridades. Com a intensão de proporcionar uma análise mais precisa da temática que envolve esse trabalho.

Segundo Jota (2007, p. 7) “a liberdade sexual experimentada atualmente pela mulher tem relação como o direito adquirido por elas de disporem de si mesmas, de seus corpos, enfim, de sua existência como um todo”. No entanto as amarras do patriarcado são profundas demais, e a mulher ainda experimenta medo e insegurança.

Mas, o reconhecimento dessas questões, este é o elemento básico da nova subjetividade: a percepção da mudança histórica. Esse é o elemento que desencadeia o processo de constituição de uma outra perspectiva sobre o tempo e sobre a história. A percepção da mudança leva a ideia do futuro, já que é o único território do tempo no qual podem ocorrer as mudanças. O futuro é um espaço aberto, que pode ser novo, pois não é somente a extensão do passado, é a possibilidade de construção. E, dessa maneira, a história pode ser percebida já não só como algo que ocorre, seja como algo natural ou produzido por decisões divinas ou misteriosas como o destino, mas como algo que pode ser produzido pela ação das pessoas, por seus cálculos, suas intenções, suas decisões, portanto, como algo que pode ser projetado e, conseqüentemente, ter sentido (QUIJANO, 2005). É nesse sentido que a colonialidade do poder esmorece e se percebe a vontade de construir outras subjetividades.

Mas, como exercer a autonomia onde a sociedade e até mesmo as próprias mulheres são preconceituosas com elas mesmas? Vejamos então, como algumas mulheres estão expressando a sua sexualidade e o que pensam das outras mulheres na cidade de Imperatriz-MA:

A iniciativa em um relacionamento sempre foi vista pela sociedade como papel do homem, mas o que elas pensam?

[...] o exercício é sempre de esperar, né! Porque a gente foi educada pra que, o homem é o caçador, aí a gente espera ele ter essa atitude. Mas, confesso que já teve momento que eu mandei. Como agora tem esse negócio de redes sociais, eu mandei aquelas carinhas, beijinhos, bom dia, pra ver se ele respondia. [...] Então, tem muito essas questões de gênero, esses papéis de gênero que isso é imposto. É uma imposição para nós mulheres, e que nada que é imposto é natural. É como se o desejo ficasse só para o homem. É tanto que a maioria de nós mulheres, às vezes, nunca alcança o orgasmo na relação sexual, por que a ideia é que o homem, ele sim pode sentir o desejo e tal, mas a mulher tem que ficar sempre privada a esses desejos, ou, a realização deles. Então a virgindade é uma dessas construções também, e ela é perversa na verdade. Por que aí, se você fica com um cara que não é legal na cama, aí vai ter que ficar a vida inteira com esse cara. Que a construção é essa, casar pra ficar a vida inteira com ele. Virgem aí depois só o seu marido. Eu acho que a gente poderia explorar mais essa questão do sexo, sexual (COUTINHO, 39 anos)⁷.

Percebe-se que há um movimento com relação à construção da sexualidade feminina, ou seja, há a compreensão de que foi constituído um tipo de comportamento com base em dogmas e regras morais de certa conduta feminina, porém, aparece o desejo de viver uma outra possibilidade entre os sexos. Segundo Bourdieu (2014, p. 133) “a historicização tem como função liberar essas pressões históricas inseridas no inconsciente pela história.”

Estamos fazendo o exercício de buscar no passado às informações pertinentes para compreender o presente e projetar um futuro. Um exercício que os veículos formadores de opiniões poderiam propor pra que se pense uma realidade que perpassasse por uma gama de situações que recebem influência de sujeitos históricos. Porque se não continuaremos inconscientemente repetindo as mesmas práticas que jogam o sujeito para a margem social. Lugones (2012, p. 1) diz que a “despatriarcalização só é possível se houver a descolonização do saber e do ser, a partir de um feminismo decolonial, ou seja, um feminismo de resistência a dominação, construído por mulheres comuns que sofrem diversas opressões visíveis e invisíveis”.

⁷ COUTINHO, Lilian dos Santos Ferreira. Entrevista 2. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo mp3 (15 min 18 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

E com relação ao comportamento:

[...] eu gosto de vestir roupa bem colada que mostre os contornos do meu corpo e postar fotos nas redes sociais, que já fui muito criticada lá, sabe, as pessoas não entendem que o corpo é meu e eu gosto disso. Outra questão foi no trabalho, eu viajo muito a trabalho e costumo ficar sempre no mesmo hotel, chegou ao ponto de o dono do hotel dizer pro atendente que não tinha mais quartos vagos, só o apartamento dele e se eu aceitava ficar no dele. É impressionante! As pessoas quando não pensam que eu sou um travesti pensam que sou prostituta, mulher bonita não pode ter profissão e se cuidar ao mesmo tempo? Só pra você ter uma ideia, tive que arrumar um namorado pra ser apresentável para as pessoas, sem nutrir nenhum sentimento mais profundo por ele (DANI, 29 anos)⁸.

Essa fala reforça os valores patriarcais, pois o machismo é estrutural, está em todas as relações sociais, ele tende a uma linguagem pejorativa para se referir a uma mulher com o comportamento indesejado pelo modelo dominante.

O pensamento de Lugones é importante para se fazer uma reflexão com as sociedades atuais, para compreender o quanto de colonial ainda existe nessas sociedades, o quanto esses conceitos são naturalizados e até que ponto as crenças e sistemas atuais são realmente válidos e livremente construídos (DIAS, 2014, p. 12).

As mulheres que buscam viver seus desejos, mas que acabam se revestindo de uma outra forma, se importando com o que as outras pessoas vão falar, estão na “fronteira colonial”⁹, ou na “diferença colonial”; essas pessoas viajam constantemente entre o lugar onde são inteiras e completas, e o lugar onde a dominação caracteriza-as como sendo outras, entre o lado claro e o lado obscuro da colonialidade do poder[...] o “viajar-entre-mundos” (DIAS, 2014, p. 13).

A sexualidade:

A minha vida sexual, é o seguinte: eu quero fazer sexo todo dia e se possível duas ou três vezes por dia se der. Mas, é muito bom ter uma relação sadia com quem a gente gosta, que a gente ama, que a gente se sintam bem, e a gente sintam que a outra pessoa tá sentindo o mesmo prazer em estar com a gente. E se for assim, eu quero fazer todo dia. No dia que eu não faço amor parece que o dia não tá completo (LEITE, 35 anos)¹⁰.

Com essa fala, percebe-se que as mulheres estão buscando a sua realização, mostra que o desejo feminino existe e que pode ser explorado por ela, na mesma medida que, quanto

⁸ DANI. Entrevista I. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo mp3 (13 min 12 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

⁹ Fronteira colonial ou diferença colonial são termos usados por Lugones (1987) em que as mulheres devido à diferença de cor, de classe social e comportamento, estão constantemente viajando-entre-mundos, então, a fronteira ou diferença colonial seria a ponte entre os padrões impostos pelo patriarcado e o modo de viver sem a imposição desses padrões, ou seja, seria uma brecha na estrutura.

¹⁰ LEITE, Gislene da Anunciação. Entrevista 6. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo .mp3 (08 min 43 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

mais a mulher se apropria do seu corpo, como forma de emancipação, mais pejorativo são os adjetivos associados ao comportamento dela dentro da sociedade. E com isso, nos diz que enquanto algumas mulheres buscam a afirmação de sua sexualidade, outras continuam presas as convenções do patriarcado. Revelando que, estamos sempre dando um passo à frente e dois para atrás.

Outra entrevistada, nos diz que:

[...] ainda estou presa as convenções (hahaha). Inclusive, eu penso até na roupa na hora de sair, às vezes. E isso é ruim, porque antes a gente pensava na roupa que ia usar no que a outra poderia pensar, hoje, quando penso na roupa que vou vestir, penso no que poderia acontecer comigo por conta da minha exposição com aquela roupa. Que além de ser uma convenção é o medo junto, medo de sair e ser estuprada, porque eles não olham pra o teu tipo, eles olham pelo fato de tá vestida daquele determinado jeito. Entende? (RAQUEL, 35 anos)¹¹.

O medo é imperioso nessa questão de comportamento, essa é a realidade que muitas mulheres vivem na cidade de Imperatriz-MA. “Estudos feministas decolonial apontam para o feminicídio e estupro como atos e discurso moralizadores. [...] participam dos discursos moralizadores todos que praticam a violência, usam-na para alcançar objetivos de manutenção da ordem, um status social. [...] participam do reestabelecimento de uma ordem patriarcal de dominação masculina” (ROCHA, 2017, p. 131). São introjetados na subjetividade da mulher que para manter a “moral e os bons costumes” da sociedade, elas têm que reproduzir o comportamento moralizador, se repreender de tudo que é considerado subversivo pelo modelo patriarcal.

E com relação a reprodução desse comportamento moralizador, observamos ele presente nas falas das entrevistadas a seguir:

[...] se fosse pra mim definir a mulher que tem esse tipo de comportamento (ir pra cama no primeiro encontro) em uma frase ou em até uma palavra, se for pra responder sem pensar, eu diria que ela é uma mulher fácil. Por que a gente pré-julga que é uma mulher fácil. Agora se for pra analisar, são muitas coisas envolvidas, há todo um contexto por traz disso (ALCÂNTARA, 30 anos)¹².

O inferiorização do outro é marca na colonialidade do ser. É como ela diz, mulher fácil, mas que se for analisar há todo um contexto a ser considerado.

Através da viagem para o mundo das outras pessoas, descobrimos que existem mundos nos quais essas pessoas que são vítimas de percepção arrogantes são sujeitos, seres vivos, resistentes, construtores de visões, mesmo que na construção

¹¹ RAQUEL. Entrevista 3. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo. mp3 (10 min 52 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

¹² ALCÂNTARA, Suzana Vila Nova. Entrevista 4. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo mp3 (07 min 56 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

dominante eles sejam animados apenas pelo percebido arrogante e sejam classificáveis (LUGONES, 1987, p. 17).

A crítica a determinados comportamentos pode existir, o que não pode existir é essa crítica gerar exclusão social. O que eu quero dizer é que somente o sujeito historicizado, ou seja, somente o próprio indivíduo sabedor da sua história que é capaz de se auto questionar, ou criticar o seu comportamento, sabendo ele, que é livre para participar da construção do mundo que ele considera melhor. “A resistência a colonialidade é feita cotidianamente [...] pensar apenas nisso, [...] é ocultar e ignorar necessidades específicas de mulheres que tem seus próprios anseios” (DIAS, 2014, p. 14).

[...] aqueles que desejam transcender a normatividade [...] veem como o quanto é difícil a construção de uma identidade num mundo que visa a globalização, onde fala-se em multiculturalidade, mas é um local que o indivíduo perde sua subjetividade. O pós-colonial denuncia o antagonismo do poder epistêmico entre o então colonizado e o colonizador (OLIVEIRA, 2016, p. 3).

A colonialidade do saber é parte integrante do poder que age sorrateiramente no processo educativo desde a colonização e que assola principalmente as mulheres.

Eu tive que me reeducar sozinha, me transformar juntamente com a mudança da sociedade e que eu vim conquistando ao longo do tempo, né. Por ter tido uma educação tradicional, tudo dentro dos conformes. E hoje eu tenho uma educação totalmente diferente e que eu dou pros meus filhos é completamente diferente da que eu tive, da forma como eu fui educada, eu tive que conquistar isso. E durante essa conquista é claro que você cria esse embate (FRAZÃO, 62 anos)¹³.

Esse processo de reeduca-se faz parte do que vem a ser também o processo decolonial da constituição da subjetividade do sujeito, busca a compreensão do mundo através da sua interioridade. “A decolonialidade [...]. É uma transformação epistêmica, de se autocompreender e de respeitar a alteridade de outras culturas presentes ao seu redor; é a mudança de uma posição política e de um novo exercício da cidadania” (OLIVEIRA, 2016, p. 4).

Pertencer a essas narrativas, é pertencer a história, é reconhecer que nessa história do ser a religião tem uma influência fortíssima no que diz respeito as decisões que elas têm que tomar no seu dia a dia.

De cara digo logo que não sou uma mulher autônoma. E o que eu tenho por conceito, na minha concepção uma mulher autônoma, como o nome já diz é aquela que tem autonomia não só em relação a profissão, mas em relação a toda estrutura familiar. É uma mulher que não tem medo dos pensamentos que ela tem ou que estão por vir a algum desejo, alguma atitude que ela vai tomar ou alguma decisão

¹³ FRAZÃO, Luiza. Entrevista 8. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo .mp3 (09 min 50 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

que porventura venha executar. Eu acho que é mais ou menos isso. É autonomia a tudo que ela se envolve. [...] além de ser uma orientação bíblica, ne! Como evangélica, eu priorizo a Bíblia. Acho que nos dias de hoje as pessoas deveriam sim se preservar[...]. Por que eu acho bem complicado isso [...]. Acho que a gente tem que pensar um pouco antes de tomar certas atitudes na vida (MOTA, 33 anos)¹⁴.

As entrevistadas explicam que os homens não valorizam as mulheres que tomam iniciativa, que vão para cama com eles no início. Esperam ansiosamente, mas não ligam. Jamais abrem a bolsa, seria deselegante dividir ou pagar a conta. Se consideram muito feminina a certas atitudes, que acaba por se estereotipar negligenciando seus próprios desejos. Segundo Lins (2013, p. 119) “Autonomia implica ser você mesma, em sua totalidade, sem negar ou repudiar aspectos de sua personalidade para se submeter às exigências sociais. [...] na nossa cultura patriarcal, a mulher feminina renuncia a partes do seu eu, na tentativa de corresponder ao que se espera dela.” Porque segundo Marilena Chauí (1984, p. 10-11):

A repressão sexual é um fenômeno curioso na medida em que algo meramente biológico e natural sofre modificações quanto ao ser sentido à sua função e à sua regulação quando é deslocada do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História [...]. nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados, desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras da nossa sociedade.

Isso acontece quando as mulheres buscam ser iguais aos homens, o ideal patriarcal impede que elas desenvolvam o que realmente traz satisfação para elas, o que acaba por abrir espaço para a violência masculina no cotidiano.

Os papéis estão se transformando, e essa mudança assusta, o novo espanta. Os conceitos de certo ou errado, de bom ou mal, são subjetivos, continuar a repeti-los é perpetuar dogmas morais e isso gera sofrimento, pois você se silencia em meio a um turbilhão de pensamentos, se violenta. Assim, com relação a um princípio de mudança na mentalidade, a entrevistada expõe que,

Eu não tenho esse negócio de mi mi mi. Meu amigo tu que? Quer? Pois tá aqui! não tenho esse negócio de “papas na língua” não. Minha religião não deixa que eu seja tapada por não aceitar alguém que seja diferente, um amigo que seja gay, uma amiga que seja lésbica ou uma amiga que tenha um relacionamento aberto com várias pessoas. Pra mim é tudo normal (ANJOS, 36 anos)¹⁵.

No entanto, o processo de transformação das mentalidades é gradual e não abrange todas as pessoas na sociedade ao mesmo tempo, por isso, comportamentos tão distintos nas

¹⁴ MOTA, Cássila Maísa dos Santos. Entrevista 5. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min 36 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

¹⁵ ANJOS, Pâmela Daniele dos. Entrevista 7. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min 45 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC

entrevistas. O modelo de família nuclear já se modificou, algumas mulheres podem escolher ser mãe ou não, casar ou não, a divisão das tarefas já não é tão acentuada na diferenciação de gênero. Por isso, requer uma nova reflexão sobre relacionamentos, comportamentos e sexualidade, pois os modelos produzidos no passado não suportam os novos anseios. E, é ameaçador, é depressivo, não encontrar um modelo, quando você não se enquadra em nenhum. Haja ansiolítico para tanta demanda¹⁶.

Nessa perspectiva, pensar o decolonial, é pensar que não se poderia fazer essa releitura da situação da mulher para essa reflexão se não fosse o reconhecimento do colonialismo e dessa repressão que se propagou no tempo. Segundo Rocha (2017, p. 123) “a ideia de gênero, o binarismo de gênero, a diferença hierarquizada e profunda, é uma criação da intervenção colonizadora, que é possível por meio de uma aliança política, econômica e religiosa.

Com relação a virgindade, o que elas dizem:

Iludida ela. Não existe esse “homem perfeito” que valha a supressão dos nossos desejos. Por que nós sentimos atração, gostamos de sexo, só que para eles, nós não sentimos nada disso, acha que só eles têm que descarregar a tensão do dia-a-dia. Embora eu seja adepta da religião protestante, não me conformo com a repressão da igreja em dizer que temos que ser pura, enquanto o homem sai transando com quem ver gostosinha pela frente. Casei virgem aos 26 anos, e estou separada a mais de 5 anos, o que adiantou? Me guardei pra alguém que nem valor deu a isso, me poupe. Sempre disse isso pra minha mãe, que é um desgosto que tenho dela, por não ter deixado eu sair, eu curtir minha juventude com o jeito de criar a gente. [...] ela nos podou de viver os nossos relacionamentos. [...] Tem muita gente solteira, eu pensei que era pouca, mas, é muita gente que prefere ficar sozinha e isso é questão de escolha, de autonomia, de se considerar autossuficiente sozinha (SANTOS, 36 anos)¹⁷.

Iniciar a vida sexual para o homem é um ganho, simbolizando sua capacidade masculina; para a mulher é uma perda, que pode ser potencializada é preocupação com a escolha do momento e do parceiro certo. Muito relacionado a ideologia do romantismo e da castidade religiosa. Isso é uma forma de repressão da sexualidade feminina em que a igreja sempre teve a intensão de bloquear o desejo para o sexo até o casamento. A repressão sexual é um conjunto de interdições, permissões, valores, regras estabelecidas pelo social para controlar o exercício da sexualidade. “[...] a vergonha e a culpa sexual podem se manifestar diante de um pensamento, de um desejo ou da simples intensão de agir de terminada maneira” (CHAUI, 1984, p. 9).

O sujeito do feminismo, que Lugones (2008) fala, aparece tão evidente, na mulher generalizada a partir da mulher branca, heterossexual de classe média, ou seja, também há um

¹⁶ Um tom irônico para desconstruir um risco real.

¹⁷ SANTOS, Zélia Alves dos. Entrevista 9. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min 36 s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

feminismo dominante que marginaliza as demais. Sobre a mudança de comportamento das mulheres sobre sua sexualidade, estamos sempre nos deparando com um retrocesso na reprodução da ideia moralizadora do patriarcado, como na fala seguinte.

Eu diria que ela quer curtidão. Não quer compromisso, nem nada com a vida. [...] Uma desvalorização total da parte das mulheres. Embora queiram viver a seu modo, que eu não tô aqui pra julgar, vivam de maneira que não exponham as outras. Por que eu querendo ou não a sociedade generaliza (BRAGA, 31 anos)¹⁸.

Pensar a partir da reprodução do estereótipo da mulher “fácil”, seria dizer que, o fato de ser mulher e fazer um julgamento de valor da própria mulher enquanto ser humano sem considerar o universo da sua trajetória, seria dizer que elas perderam seus corpos, ao passo que a colonialidade do ser desapropria eles para o processo de afirmação dos padrões vigentes da modernidade. Perderam seus corpos em prol das suas prioridades incorporada pela sociedade. Seria isso parte do processo de afirmação não dos seus próprios valores, mas de afirmar o fenômeno da colonialidade do gênero.

Superar esse padrão de conhecimento de ordem colonial e patriarcal significa tomar como verdades saberes locais, o que implica outras epistemologias. Olhar para o passado, re-conhecer, conhecer para reaprender, as experiências de ruptura com o padrão hegemônico, sem que esse passado seja julgado por um viés romântico, nem mesmo como sendo um passado absurdo de opressão (ROCHA, 2017, p. 124).

Isso seria pensar o decolonial como uma fronteira entre dois sistemas, em que há o reconhecimento de uma estrutura de opressão vigente e refletir sobre um novo olhar sobre o que está posto, pensando possibilidade de articulação entre os valores dentro desta estrutura propondo um rompimento com esses padrões desse sistema.

CONSIDERAÇÕES

Como as mulheres estão expressando sua sexualidade? Atualmente, a mulher imperatrizense no exercício da sua sexualidade, vive uma dualidade: se de um lado há um grande incentivo, que traz consigo a ideia de prazer sexual; por outro ainda há toda uma conjuntura histórica muito presente da repressão, onde o passado ainda é muito presente na vivência da sexualidade. Como vimos nesse trabalho, nas falas das mulheres, é possível perceber que elas se reconhecem como sujeitos condicionados dentro da estrutura do patriarcado, e que, o saber, o trabalho, a política, a religião e a sexualidade foram encobertos

¹⁸ BRAGA, Cristiane da Conceição. Entrevista 10. [Mai. 2018]. Entrevistador: Giselia Alves dos Santos. Imperatriz/MA, 2018. 1 arquivo .mp3 (06 min 14s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste TCC.

pelo lado obscuro da colonialidade, perpetuando assim, na modernidade como forma de manutenção do poder, ao qual caracterizam as mulheres na condição de subalternidade. Com o reconhecimento de sua condição e a perspectiva de mudança, essas mulheres se mostram na fronteira colonial daquilo que se convencionou, em que por vezes se veem como sujeitos completos, donas de si, e em outros momentos vivem ou se comportam pela imposição das convenções sociais. Assim, pensar o decolonial seria de fato, a transcendência a partir da perspectiva da subalternidade em direção a uma nova forma de existência e a fronteira colonial seria o habitat do limite epistemológico para essa mudança.

Resgatar a discussão decolonial como uma marca dessa não ruptura se faz necessário para uma reflexão acerca da sexualidade das mulheres. Pois, o patriarcado como uma estrutura estruturante divide a humanidade em duas partes em oposição uma da outra, definindo o papel de cada um. Sendo sua principal característica a dominação da mulher pelo homem.

Se por um lado a imagem da mulher é de um ser respeitável “à imagem de maria”, por outro é de um ser objetificado. A colonialidade do gênero, parte da colonialidade do poder usa essa base para a manutenção e perpetuação da superioridade masculina nas relações sociais. Sendo ele um processo histórico que pode haver uma ruptura por outro processo histórico, só que essa mudança, só pode acontecer com uma modificação também na estrutura mental dos indivíduos para um movimento decolonial do sentido da vida cotidiana.

As vivências mostram como esse movimento estruturante é complexo. Biologicamente entendem os seres vivos e a vida como códigos capazes de promover a perpetuação da informação, como um programa genético. O que se trata de uma visão que reduz a vida a mecanismos. Segundo Beauvoir (1967, p. 8) “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, [...] entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo”. Pois há pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico e nem por isso deixam de compreender a realidade a sua volta.

Na exposição de ideias para argumentação, relacionadas a todos os dados colhidos referentes aos questionamentos, é perceptível considerar que: por meio da interpretação dos questionários e das entrevistas compreendemos que enquanto algumas mulheres reconhecem as outras como seres humanos com direitos de decidir sobre seus próprios desejos, outra parcela dessas mulheres reproduzem processos de inferiorização (fácil x difícil) reproduzindo classificações pejorativas, demonstrando com isso, as marcas do patriarcado.

Então, enquanto damos um passo à frente, damos dois passos atrás. Com base na trajetória da mulher no decorrer da história, vê que, esse posicionamento por meio de comportamentos é uma manifestação do medo a qual sempre estiveram expostas desde a colonização até a colonialidade nos dias atuais, numa sociedade marcada por preconceitos, fruto de uma cultura machista e patriarcal, onde a violência simbólica, física, e epistêmica sempre foi uma constante. Na cidade de Imperatriz-MA a situação da mulher não é diferente, como evidencia a fala de uma das entrevistadas “Se quando nos calávamos nos tempos atrás, morríamos, se hoje falamos morremos também, então tem algo errado” (COUTINHO, 39 anos), sendo utilizada a violência como forma de punir as mulheres que vivem sua vida com autonomia, seja no espaço público ou privado, que por medo do julgamento de valor das outras pessoas, tem receio de expressar aquilo que pensam, embora vivam ou queiram construir outras subjetividades.

Ressalta-se que, as experiências das mulheres levam-nas a fazer escolhas morais que dependem dos contextos e das relações que vivem, ou seja, elas têm autonomia, por exemplo, financeira, mas, não tem autonomia na hora de escolher sua roupa pra sair, pois as normas objetivas de condutas as moldam e exigem o cumprimento de regras.

O estudo de material sobre a sexualidade nos revela que as instituições de base (família, igreja e escola) pouco evoluíram no sentido de modernizar suas crenças e costumes, e que o passado colonizador ainda permanece arraigado trazendo consequências para a sexualidade. Se, de um lado avançamos em pesquisas e estudos, de outro paralisamos, a família, a igreja e a escola continuam contribuindo com uma visão do sexo como pecado, proibido e inescrupuloso, impuro – isso quando o sexo envolve a mulher. Mesmo que essa mudança seja nas falas, as respostas das entrevistadas contemplam que das 10 entrevistadas 7 falam de “fazer sexo” em vez de “fazer amor”, aquela ideologia do amor romântico, é revelador de mudanças no pensamento feminino sobre a sexualidade. Então, a fala das mulheres revela grande potência para a mudança. Ao falar de “fazer sexo” em vez de “fazer amor”, sua fala para sociedade é subversiva no que diz respeito ao amor romântico, principalmente quando se refere ao posicionamento da mulher. Embora ocultando o verbo na primeira pessoa ela se permite fazer o uso e afirmar sua identidade.

Segundo Touraine (2007) as condutas destacadas aqui mostram uma inversão daquilo que precedia ser o “sentindo da história”, os atores sociais estão constantemente a mercê das forças do mercado quanto da finalidade das ações coletivas, se tornando um tanto quanto refém da sua subjetividade. Enquanto a escola, as instituições ditas modernas, a sociedade organizada constrói sua “História única”, as mulheres contam o que gostariam de fazer sem

passar por “besteira” e isso é uma maneira de recusa-se a se deixar colonizar, uma inversão ou melhor, a construção de uma variação histórica. A repaginada da “Amélia” de antes, quebra o que poderíamos chamar de definição tradicional das funções femininas e a expõe, o que libera as mulheres para a capacidade que elas têm de se reconstruir. Dessa forma, podemos dizer que a marginalização da sexualidade tem raízes firmadas na história.

Poderíamos dizer que as mulheres não são tão submissas assim, elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Um ideal de respeitabilidade que a distinção dicotômica e hierárquica impôs sobre o gênero feminino ecoa em todos os espaços da vida das mulheres, que a modernidade não consegue adequar mais, consequência de informações como essas expostas nesse trabalho que trazem uma reflexão decolonial dos padrões engendrados em nós. Isso tudo, para dizer segundo Lugones (1987) que, estamos rumo a um feminismo decolonial em que o desejo aparece na relação sexual, que aqueles adjetivos como, “fácil”, “puta” e “vadia” que estão entranhados na mentalidade da sociedade, são anúncios dessa nova onda de mulheres que estão em processo de desconstrução do pensamento colonizador que as aprisionou por tanto tempo, mas, que por outro lado revela toda a força reativa do patriarcado. Que o fato delas reconhecerem que tem atitudes conservadoras resquício do patriarcalismo estruturante e do coronelismo que historicamente foram perpetuados em suas vivências, mostram que são detentoras desse conhecimento, que aos poucos vão construindo nova definições, como: “moderninha”, “audaciosa”, “feminista”, “cheia de atitude”. Demonstra a vontade de que tudo fosse diferente. Que esse constructo histórico sociocultural na sua totalidade não passasse de uma fase, que seu maior desejo não é pelo ato sexual, é pela mudança, é pelo direito respeitado. E apesar de ter opiniões diferentes, de atitudes e escolhas diferentes são subjetividades que devem ser respeitadas na sociedade. Qual respeito? Aquele respeito branco, hétero, da classe média? Que exclui as negras, lésbicas e pobres? Não é esse respeito que o feminismo decolonial busca. É aquele, que para esse grupo marginalizado, o respeito está nos detalhes, como: que o “não” da boca delas tem peso e valor e não dá o direito de usufruir como quiserem do corpos delas, que a roupa que ela veste não dá o direito de estuprar o seu corpo, que a hora que ela volta da festa em que estava bebendo e dançando pagando com o seu dinheiro, não dá direito a ser julgada e condenada à morte. Que o corpo é dela, a escolha é dela, e o desejo também é dela.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J.E.D. **Paradoxos da participação política da mulher no Brasil**. 2007.15fl.<http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2007/mulher/anais/artigos/jose_eustaquio.pdf>. Acessado em 02/12/2016.
- ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. DO COLONIALISMO À COLONIALIDADE: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627, set./dez. 2014.
- BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica**. 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo I: fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 1970. 4ª Ed. 309 p.
- BEZERRA, Maria da Conceição Dantas Moura. **Desenvolvimento e Autonomia das Mulheres: uma avaliação do popmr na região oeste potiguar-2008/2012**. Maria da Conceição Dantas Moura Bezerra. – 2013.
- BÍBLIA SAGRADA. **O Antigo e o Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida – 2 ed. Geográfica editora: Santo André – SP – Brassil, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. -2 Ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRITO, José Henrique S. **Introdução à fundamentação da metafísica dos costumes**, de I. Kant. Cidade do Porto – Portugal: Contraponto, 1994.
- BUTLER, Judit. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilizações Brasileiras, 2016.
- CARVALHO, Ana Paula Comin de Carvalho. **Desigualdades de Gênero, raça e etnia**. Curitiba: Intersaberes, 2013.
- CARVALHO, Fabiana Castro. O mito da amélia sob a ótica da análise crítica do discurso. UFES. 2015.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**. Brasiliense, 1984.
- CORTELLA, Mario S. **Educação, ensino religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- DIAS, Leticia Otero. O feminismo decolonial de María Lugones. **ENEPEX**, 2014.
- DINIZ, Debora; Castro, Rosana. O comércio de medicamentos de gênero na mídia impressa brasileira: misoprosol e mulheres. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 27, n.1, p.94-102, jan. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade do saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

FORGUIERE, Y. C. Contribuições da fenomenologia para o estudo da vivência. **Rev. Bras. Pesq. Psicol.**, v.2, n-1, 1990, p. 7-20.

GOMES, Leidiane Leandro. **A mulher e a conquista de um espaço: trajetória de formação da mulher e o mercado de trabalho**. Universidade Candido Mendes – Pós Graduação. Instituto a Vez do Mestre - Rio de Janeiro: agosto, 2009.

GRANDESSO, Marilene A. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013>> Acessado em 20 de janeiro de 2017.

JOTA, Fernanda. “**O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade**”. Brasília, Outubro de 2007.

LANDER, Eduardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas Latino-americanas**. Aníbal Quijano: Colonialidade do poder, eurocentrismo e America Latina. Colección Sur Sur, **CLACSO**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário/ Frédéric monneyron, Jean-bruno Renard, Patrick Tacussel; tradução de Eduardo Portanova Barros**. – Porto Alegre: Sulina, 2014 – 2 Ed. (Coleção Imaginário Cotidiano)287 p.

LIMA, Lucas Correia de. A opressão da bela, recatada e do lar. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 21, n. 4685, 29 abr. 2016. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/48582>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

LINHARES, Juliana. Bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**. Edição especial nº2474. São Paulo, p. 28, 20 abril. 2016.

LINS, Regina Navarro, 1948 - **O livro do amor, volume 1**. Regina Navarro Lins – 3 Ed. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

LISBOA, Teresa Kleba. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. In: Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

LUGONES, María. “Playfanes, “World” - travelling, and Loving Perception”. *Hypatia*, 2:3-19, 1987.

_____. “**Subjetividad esclava, colonialidade de género, marginalidade y opresiones múltiples**”. *Pensando oss feminismos em Bolivia: Serie Foros 2*. 1ª ed. La Paz, Conexión Fondo de Emancipación, 2012, pp. 129-140.

_____. **Rumo a um feminismo descolonial**. *Estudos feministas*, Florianópolis: set/dez. 2014. 935-952.

_____. **Colonialidade e Gênero**. *Tábula Rasa*. Bogotá – Colombia nº 9. Jul/dez. 2008. 73-101.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, Ivanilde Alves; GATI, Hajnalka Halasz. A mulher na história da educação brasileira: entraves e avanços de uma época. **IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”**. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2012.

NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Camila Klen de. **Breve introdução ao giro decolonial: poder, saber e ser**. II Seminário Científico da FACIG – Novembro de 2016.

OLIVEIRA, Kamila Pagel de. **A trajetória da mulher na política brasileira: as conquistas e as persistências de barreira**. Fundação João Pinheiro – FAPEMIG: Belo Horizonte, Brasília, 2013.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, N.52, V.26, 2006. p.238-259.

RAMOS, Oliete de Souza. **Emancipação da mulher – a luta pelos direitos**. 2011. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2847529>> Acessado em 17 de novembro de 2016.

RIGONI, Ana Carolina. Religião e educação do corpo feminino. **Revista Digital** – Buenos Aires – Año 14 – n 133 – Junio de 2009. Acessado em 15 de dezembro de 2017.

ROCHA, Letícia Ap. Ferreira Lopes. Feminismo descolonial e religião em diálogo. **Mandrágora**, v.23, n. 2, 2017, p. 119-138.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade. 3ª. Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SCHLESENER, Anita Helena, 1949- **Hegemonia e cultura: Gramsci/ Anita Helena Schlesenser.** – 3. Ed. – Curitiba: ED. UFPR, 2007. 116p. – (Pesquisa; n. 6).

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In: Educação & Realidade, v. 15, v. 20, n. 2, jul./dez.1990/1995.

SILVA, Luiz Etevaldo. O sentido e o significado sociológico de emancipação. **Revista e-curriculum**, São Paulo, n.11, v. 03, p. 751-756, set./dez. 2013. Acessado em 20 de fevereiro de 2017.

SOW, M.M. A participação feminina na construção de um parlamento democrático. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação.** Centro de formação, treinamento e aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acessado em 02/12/2016.

TAVARES, Sônia Prates Adonski. **A evolução da mulher no contexto social e sua inserção no mundo do trabalho.** Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí – RS, 2012.

TOURAINÉ, Aain. **O mundo das mulheres.** Petrópolis: Vozes, 2007, p. 130-131.

TSE. Disponível em <<http://www.tse.jus.br/>>. Acessado em 19 de fevereiro de 2017.

VAZ, Gislene de Almeida. **A participação da mulher na política brasileira: a lei de cotas.** Monografia apresentada para o curso de Especialização em Processo Legislativo. Câmara dos Deputados. 65fl. 2008.

VIEIRA, Josênia (2005). “**A Identidade da Mulher na Modernidade**”. D. E. L. T. A.,21: Especial, 2005 (207-238).

Texto de Luciana Linhares – BELA, RECADADA E “DO LAR”, publicado na revista abril em 2016.

COMO SERÁ



BELA, RECATADA E “DO LAR”

A quase primeira-dama Marcela Temer, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice **JULIANA LINHARES**

MARCELA TEMER é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país — e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 76 anos, levou Marcela, de 33, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no

chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal destrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do

A “MAR” DO “MI”
Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos

ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 63, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tingelinho e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, daí dá confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refere do sobressalto, mas não se resignou — ainda que ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava recoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito, seu nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *currículum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleleiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleleiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleleiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa

Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público poucas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela passa o tempo em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adole-

“Marcela tem tudo para ser a nossa Grace Kelly.”

MARCO ANTONIO DE BIAGGI, cabeleleiro

cente em seu primeiro encontro com Temer. Amigo do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” — o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônimo Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tu do meu / Em brasa / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte. ■

APÊNDICE I – MODELO DO QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA- CCSST
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS- CLCH

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

TEMA: MULHERES NA FRONTEIRA: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA.

OBJETIVO: Contribuir para o desenvolvimento da pesquisa com o propósito de “compreender como as mulheres vivem sua sexualidade e o que pensam sobre o comportamento sexual de outras mulheres em Imperatriz-MA”.

PÚBLICO ALVO: mulheres (diversas)

Perfil sócio – econômico

Sexo: feminino

Idade: () entre 25 e 30 () acima de 30

Nível de escolaridade: () nível fundamental () nível médio () nível superior

Ocupação (trabalho): () do lar () empresa () setor público

Denominação religiosa: () católico () protestante () outros

E-mail:

Celular:

“Mulher emancipada para o sexo”

Uma mulher moderna que na busca por igualdade se impõe na sociedade, que não está preocupada com rotulações. Uma mulher não tão novinha, de personalidade, independente, resolvida, que assume o seu desejo e o impõe, que define sexo como algo prazeroso reflexo dos seus desejos. Que não espera acontecer faz acontecer, recusando-se a continuar submissa como no passado.

- Na hora do sexo quem deve tomar a iniciativa?
() homem () mulher () ambos () depende
- Quem deve pagar a conta, seja do restaurante ou até mesmo do motel?
() homem () mulher () ambos () depende

- Segundo a sua concepção, a mulher deve casar virgem?
 sim não depende
- Na família, a quem se deve a autoridade?
 homem mulher ambos depende
- Quanto à mulher se relacionar com mais de um parceiro ao mesmo tempo, o que você acha?
 pode não pode depende

Obrigado por sua participação, ela é de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa!

APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA- CCSST
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS- CLCH**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TEMA: MULHERES NA FRONTEIRA: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA.

OBJETIVO: Contribuir para o desenvolvimento da pesquisa com o propósito de “compreender como as mulheres vivem sua sexualidade e o que pensam sobre o comportamento sexual de outras mulheres em Imperatriz-MA”.

Eu, _____, residente na cidade de Imperatriz-MA, AUTORIZO o uso da minha fala por meio de áudio ou pela transcrição da minha fala para a questão ao qual foi proposta que é a pesquisa de Trabalho de conclusão de Curso ou Artigo Científico da Acadêmica Giselia Alves dos Santos da Universidade Federal do Maranhão-UFMA campus Imperatriz-MA.

APÊNDICE III – ENTREVISTAS

ENTREVISTA ELAS POR ELAS

ENTREVISTA 1_ 07/04/2018

GISELIA ALVES: estou aqui com a minha primeira entrevistada, nesta segunda etapa resolvi sentar com algumas mulheres que selecionei por meio das respostas da primeira etapa dos questionários pra saber como elas pensam sobre as outras mulheres que tomam a iniciativa para o sexo.

GISELIA ALVES: Podemos começar?

DANI: Podemos sim, só não sei se conseguirei atender as suas expectativas. (hahaha)

GISELIA ALVES: Mas assim, atendendo minhas expectativas ou não o que importa é o resultado. Me fale um pouco de você, seu nome, idade, profissão etc.

DANI: Prefiro que me chamem de Dani, tenho 29 anos, farmacêutica e trabalho com representação comercial de medicamentos e produtos linha corporal. Desde minha infância tive o sonho de casar, não nego, que sempre pensei em ter boa vida com o casamento, casar com alguém bem sucedido, ilusão que foi embora com o meu primeiro relacionamento “sério”. Saí desse relacionamento falido com duas filhas, aprendi a nunca querer um homem igual a ele, gente boa, mas não pra casar.

GISELIA ALVES: Então Dani, ainda tem o sonho de encontrar o homem da sua vida?

DANI: Encontrar o homem da minha vida? Que homem é esse? Que se tiver ainda não nasceu. Faz muito tempo que sei que contos de fada e final feliz é só na tv. Não costumo me iludir, já passei por poucas e boas nessa vida que só eu sei. Mas, se aparecer será bem vindo também. (hahaha)

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher autônoma? Me defina autonomia no seu ponto de vista.

DANI: assim, sempre fui muito independente, trabalho desde que achei que quem deveria suar pra comprar aquilo que eu queria era eu, então eu acho que autonomia está muito ligado a independência da pessoa.

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher feminina?

DANI: Muito feminina, sempre gostei de vestir roupas que chamasse atenção, que revelasse as curvas do meu corpo, de usar maquiagem no dia a dia para trabalhar. Acho que ser feminina é isso, é mostrar suas características de mulher. Entendeu? Inclusive, ultimamente tenho sofrido muito por isso.

GISELIA ALVES: Por que?

DANI: Porque eu gosto de vestir roupa bem colada que mostre os contornos do meu corpo e postar fotos nas redes sociais, que já fui muito criticada lá, sabe, as pessoas não entendem que o corpo é meu e eu gosto disso. Outra questão foi no trabalho, eu viajo muito a trabalho e costumo ficar sempre no mesmo hotel, chegou ao ponto de o dono do hotel dizer pro atendente que não tinha mais quartos vagos, só o apartamento dele e se eu aceitava ficar no dele. É impressionante! As pessoas quando não pensam que eu sou um traveco pensam que sou prostituta, mulher bonita não pode ter profissão e se cuidar ao mesmo tempo? Só pra você ter uma ideia, tive que arrumar um namorado pra ser apresentável para as pessoas, sem nutrir nenhum sentimento mais profundo por ele.

GISELIA ALVES: Êita, mas vamos continuar. Você iria, ou já foi pra cama com um homem no primeiro encontro?

DANI: Eu já fui e iria ainda, desde que não se espalhasse, digamos que para vizinhança, porque tenho duas filhas e não ia gostar de ser taxada como uma qualquer que sai por aí fazendo sexo com o primeiro que encontra. Mais também, porque eu acho que isso deve ficar em ambiente privado, ou seja, em quatro paredes.

GISELIA ALVES: Você ligaria no dia seguinte pra dizer algo a respeito do encontro da noite anterior, ou espera que ele tenha essa atitude?

DANI: Sou igual aquela música “ligar eu não ligo, mas se ligar eu atendo”, primeiro porque homem não gosta de mulher fácil, e ficar ligando vai parecer que eu tô muito afim dele. Mas eu fico naquela expectativa de pelo menos um zap dele. Aí se ele liga e diz que foi bom, aí eu desabafo.

GISELIA ALVES: Em algum encontro você já pagou a conta, seja do restaurante ou até mesmo do motel?

DANI: Não. Nunca me passou pela cabeça essa questão. Por que eu teria que pagar pra sair com um homem? Acho que me sentiria sem valor.

GISELIA ALVES: O que você acha da virgindade nos dias de hoje?

DANI: A virgindade é muito subjetiva, e que envolve toda uma questão religiosa e até mesmo cultural. Vai de cada uma, e eu respeito quem é adepta de se manter assim.

GISELIA ALVES: O que você acha da mulher que se insinua para o homem que ela tá afim, que toma a iniciativa para o sexo? Se você pudesse resumir em uma palavra, que nome você daria a essa mulher que tem esse tipo de comportamento?

DANI: Ela é audaciosa. Por que as pessoas vão cair nela só de vadia, puta e um monte de adjetivos que eu já ouvi por as vezes querer ter um comportamento desse tipo.

GISELIA ALVES: Nesse momento da sua vida, o que é prioridade pra você enquanto mulher?

DANI: Pra ser sincera com você, sexo é bom, é gostoso, mas, a minha ascensão profissional e financeira é o mais importante, tenho duas filhas e quero dar o melhor pra elas.

GISELIA ALVES: Agradeço por você ter tirado um tempinho pra fazer parte da minha pesquisa.

DANI: Por nada!

ENTREVISTA 2_ 10/05/2018

GISELIA ALVES: Aí, assim, vamos começar pelo seguinte: Boa tarde! Seu nome, idade, profissão e fale um pouco de você.

LILIAN COUTINHO: Então, meu nome é Lilian dos Santos Ferreira Coutinho, mas conhecida como Lilian Coutinho, hoje tenho 39 anos, sou formada pedagoga atuo no centro de Referência e Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica e familiar, mas muito recente, porque eu estava na educação como professora, como coordenadora, como vice-diretora e hoje eu atuo na secretaria da mulher no CRAM. Não sou uma mulher muito apegada a religião embora eu tenha sido educada na doutrina católica, eu não tenho muito apego a nenhuma religião. E também, não sou casada, nunca fui casada na verdade, teve até um tempo que eu pensei em me casar logo que eu engravidei da minha filha, por exemplo. Também não tenho nenhum relacionamento, assim, as vezes eu fico com alguém legal mais nada além do que isso. É, então, tem um discurso que diz que mulher tá sempre procurando homem, o homem da sua vida, isso é uma construção que fazem na nossa cabeça, tem inclusive esses romances, essas novelas, esses filmes. É tanto que nesses filmes românticos quem tá lá assistindo somos nós mulheres porque é feita a construção desse príncipe e desse casamento perfeito que você só é completa se tiver essa pessoa do seu lado.

GISELIA ALVES: mas, tu tens um tipo ideal de homem, já procurou ou tem idealizado o tipo ideal de homem que combina com o teu perfil?

LILIAN COUTINHO: Eu já idealizei alguns homens no sentido só da fisionomia quando eu era mais jovem.

GISELIA ALVES: na aparência física.

LILIAN COUTINHO:É, na aparência física. Tinha que ser alto, branco. Então, né, num tinha essa questão do pensamento. Hoje, é, se fosse pra eu me relacionar com alguém teria que ser com alguém com o pensamento muito parecido com o que eu acredito, porque eu participo de movimentos sociais, eu participo da política, eu tento participar de uma visão mais à esquerda, né.

GISELIA ALVES: Então a aparência física hoje não seria o ponto principal para você encontrar em um homem?

LILIAN COUTINHO: isso, só que depois eu fiquei observando também até essa questão do pensamento. Não existe essa pessoa ideal, mesmo observando algumas pessoas que poderia a partir do pensamento combinar comigo, mas isso aí é uma ilusão, não existe.

GISELIA ALVES: Assim, no te conhecimento do que é autonomia, você se considera uma mulher autônoma? O que é autonomia pra ti?

LILIAN COUTINHO: Então, pra mim, autonomia é um pouco de liberdade, uma liberdade que pra muitas mulheres ela não existe. No meu caso, eu sou muito livre, por isso não sou muito apegada a essas questões de ter alguém e quando eu tenho eu fico sufocada é como se ela prendesse uma parte de mim, então é muito complicado manter um relacionamento fixo.

GISELIA ALVES: Então você se considera uma mulher autônoma?

LILIAN COUTINHO: Isso. Eu saio da minha casa para trabalhar não tenho ninguém pra dá satisfação a não ser a minha filha, né. Então assim, eu vejo que autonomia é uma questão tanto financeira quanto emocional também.

GISEIA ALVES: É, se considera uma mulher feminina?

LILIAN COUTINHO: No meu caso acredito que sim, eu aprendi recentemente essa questão do cisgênero, transgênero. Sou cisgênero, gosto de ser mulher, é, embora alguns gostos meus, por exemplo, eu gosto muito de política que é um espaço eu foi colocado como um universo mais masculino é tanto que nos movimentos estudantis são mais homens, nas questões políticas são mais homens e eu estou lá inserida. Mas isso não tira de mim esse “ser feminino”. Eu gosto de batom, gosto de salto, gosto dessas coisas assim que foi colocado também, que é uma construção tudo isso, uma construção social e cultural.

GISELIA ALVES: Vamos apimentar mais o assunto e vamos, é, você iria pra cama ou já foi com um homem no primeiro encontro?

LILIAN COUTINHO: Já sim, com certeza. Primeira, surgiu a química aí você fica curiosa pra saber se é gostoso ou se não é, então aí você vai no primeiro encontro. Essa construção de não ir no primeiro encontro era de quando eu tinha quinze, vinte anos, que aí tinha que era pecado, que não pode só pode quando a mulher casa.

GISELIA ALVES: E assim, digamos que tu sai com um rapaz, a noite foi boa, tu conheceu um rapaz, saiu com ele, foi bacana, transaram até. E no outro dia, tem aquele sentimento, aquela sensação que “eu tenho que ligar”, ou “eu ligo”, ou “espero uma ligação dele”?

LILIAN COUTINHO: Bom, assim, o exercício é sempre de esperar, né! Porque a gente foi educada pra que, o homem é o caçador, aí a gente espera ele ter essa atitude. Mas, confesso que já teve momento que eu mandei. Como agora tem esse negócio de redes sociais, eu mandei aquelas carinhas, beijinhos, bom dia, pra ver se ele respondia, mas, geralmente eu espero ele. Geralmente.

GISELIA ALVES: Em algum encontro, digamos assim, você já pagou a conta, seja do jantarzinho ou até mesmo do motel? Você já tomou a iniciativa de chamar ele para um encontro?

LILIAN COUTINHO: Já.

GISELIA ALVES: E de pagar a conta?

LILIAN COUTINHO: E também de pagar. Só que aí é incrível, porque ele se sente mal. Eu já tive com uma pessoa que ele gostava de ficar comigo, só que ele se sentia mal por eu pagar a conta, ou até mesmo, pra ele não se sentir tão mal, pra gente dividir a conta, mas, mesmo assim, há um certa barreira, resistência pra eles.

GISELIA ALVES: Então, como você olharia a moça que tem o pensamento de casar virgem nos dias de hoje?

LILIAN COUTINHO: Olha, isso é uma questão muito particular, mas se fosse, se caso essa moça me perguntasse eu não aconselharia não, até mesmo porque essa construção de virgindade é só para nós mulheres mesmo, a pura. Então tem muito essas questões de gênero, esses papéis de gênero que isso é imposto. É uma imposição para nós mulheres, e que nada que é imposto é natural. É como se o desejo ficasse só para o homem. É tanto que a maioria de nós mulheres tem o, as vezes, nunca alcança o orgasmo na relação sexual, por que a ideia é que o homem, ele sim pode sentir o desejo e tal, mas a mulher tem que ficar sempre privada a esses desejos, ou, a realização deles. Então a virgindade é uma dessas construções também, e ela é perversa na verdade. Por que aí, se você fica com um cara que não é legal na cama, aí vai ter que ficar a vida inteira com esse cara. Que a construção é essa, casar pra ficar a vida inteira com ele. Virgem aí depois só o seu marido. Eu acho que a gente poderia explorar mais essa questão do sexo, sexual.

GISELIA ALVES: Então no caso, como seria teu pensamento a respeito dessa mulher que se insinua pro homem quando ela tá afim? Em vez do homem chegar pra mulher e dizer que tá afim dela, o que você da mulher que tem esse tipo de comportamento, que toma a iniciativa, dela chegar pro homem e dizer “ eu gostei de ti e tô muito afim”?

LILIAN COUTINHO: eu já fiz isso, né! (hahaha)

LILIAN COUTINHO: surgiu a química e eu percebi que o cara tava afim de mim e num tomava iniciativa eu tomei. E da mesma forma que eu comentei sobre a questão de pagar a conta. Ele se assusta, também nessa questão. Já fiz a proposta, “ e aí topa?”, e o resultado não foi muito bom, assustou, brochou e ainda sumiu depois.

GISELIA ALVES: qual o nome que você daria, digamos que, fosse pra resumir esse tipo de mulher que tem esse comportamento, em uma palavra ou uma frase pra essa mulher?

LILIAN COUTINHO: Pra esse comportamento? Feminista. Uma mulher feminista, independente, que entende o mundo hoje como algo muito mais dinâmico, que precisa ser modificado de fato. Acredito que, a igualdade de gênero é muito forte quando você se apropria disso, e aí, vai desconstruindo esses pensamentos mais conservador. Um olhar com menos pudor, acho que feminista é o nome que eu daria.

GISELIA ALVES: Então, tu se considera feminista? mas, como tu respondeu antes, você tem características ditas femininas. Hoje a gente ouve muito que ser feminista é aquela mulher que não é tão feminina. Como tu me diria, como casaria essas coisas?

LILIAN COUTINHO: Eu vejo muito preconceito, né! As pessoas elas sabem pouco sobre o feminismo, o que é o feminino e o que é o femismo. Que aí, o feminismo é a nossa luta por igualdade de direitos, o femismo que é querer ser superior ao homem o oposto de machismo e o feminino são características que não impedem de sermos feministas ou não. Por que tem mulheres que não se identificam com as questões femininas de querer usar um batom, quer andar mais de uma forma mais masculina. Que o que é ser masculino e feminino é uma construção cultural e social que vai definindo aqueles papéis onde o espaço público é do homem e o espaço privado de casa é da mulher. Que a mulher tem que cuidar, ser mãe e o homem é que tem que ser o macho forte que não pode chorar. Então eu acho que tô nessa concepção mais feminina, mas isso não significa que tem outras mulheres que vão se identificar mais com a forma mais masculina de ser, conheço várias, gostam de usar um boné uma calça e não gostar de saia, vestido etc., e não deixam de ser mulher.

GISELIA ALVES: Então depois de todas essas respostas você não é uma mulher conservadora isso quando falo de sexualidade?

LILIAN COUTINHO: eu vejo que sou uma mulher em construção, ou desconstrução desse olhar mais conservado, entendeu? Eu não estou pronta, ainda. Falo do pensamento, pois estou fazendo leituras, pois ainda estou me despidendo disso. Eu percebi o quanto isso é prejudicial pra nós mulheres. Nós somos o quinto país em feminicídio só daí você pode observar que tem algo errado. Se quando nos calávamos nos tempos atrás, morríamos, se hoje falamos morremos também, então tem algo errado, que temos que buscar arrumar isso e isso só se faz conhecendo a origem de tudo isso.

GISELIA ALVES: O que tu tens na vida hoje como prioridade?

LILIAN COUTINHO: As minhas prioridades hoje está relacionado a minha vida profissional e acadêmica. Na verdade, uma coisa casa com a outra, porque eu preciso cada vez mais me aperfeiçoar pra poder entender o fenômeno que a gente lida, que a violência doméstica e familiar contra a mulher que precisa de um olhar mais especial. No emocional eu tenho que

está mais próximo da minha filha e da minha família. Enquanto que, relacionamento de casal, não está nos meus planos como prioridade agora, pode até ser que mais pra frente possa encontrar alguém. Na verdade, não ando procurando alguém, mas se encontrar seja pra partilhar meus momentos.

GISELIA ALVES: Obrigada Lilian!

LILIAN COUTINHO: Eu que agradeço. Se mais gente se preocupasse com essas questões, mais informações estariam disponíveis para as mulheres.

ENTREVISTA 3_10/05/2018

GISELIA ALVES: Vamos lá! Essa é minha segunda entrevista do dia, eu estou aqui com a Raquel.

RAQUEL: Tenho que falar meu nome todo?

GISELIA ALVES: O que você achar melhor. O nome completo, ou só o primeiro nome, ou até mesmo um pseudônimo. Seu nome?

RAQUEL: Raquel.

GISELIA ALVES: Idade?

RAQUEL: trinta e cinco.

GISELIA ALVES: Profissão?

RAQUEL: Sou auxiliar administrativo.

GISELIA ALVES: Faz parte de alguma denominação religiosa?

RAQUEL: Hum hum (não)

GISELIA ALVES: É casada, solteira, como é que tá o teu estado civil hoje?

RAQUEL: É complicado. Acho que tá meio enrolado.

GISELIA ALVES: esse meio enrolado é o que?

RAQUEL: A gente tá meio brigado. (hahaha)

GISELIA ALVES: Ele é teu parceiro fixo? mas, ele é teu tipo ideal? ou melhor, tu tens um tipo ideal de homem na tua cabeça?

RAQUEL: Agente sempre tem, né! Assim, eu não saí procurando homem, mas a gente prefere um homem que não goste muito de beber, que não seja mulherengo. Essas coisinhas assim, básicas. (hahaha) que nenhuma mulher gosta. Mais especificamente, não. Ah! Que seja alto, não gosto de homem baixo. (hahaha)

GISELIA ALVES: mais tem a esperança de encontrar esse homem, ou não tem?

RAQUEL: Sinceramente, hoje em dia eu já nem tenho mais a expectativa.

GISELIA ALVES: Certo! Tu se considera uma mulher autônoma?

RAQUEL: Não

GISELIA ALVES: Porquê?

RAQUEL: Sou muito dependente no relacionamento. E eu acho que autonomia tem muito a ver com atitude, eu acho. As vezes eu falho muito em tomar atitude. Eu fico meio eu esperando assim.

GISELIA ALVES: Tu se considera uma mulher feminina? O que é uma mulher feminina pra tu?

RAQUEL: Êita! Uma mulher feminina. (hahaha). Não é tanto a questão de se cuidar que isso é o básico, é mais uma mulher que se acha sex. Que tem uma sexualidade bem aguçada.

GISELIA AVVES: A sexualidade pra ti tem a ver com a aparência?

RAQUEL: Não. Nem sempre. As vezes a mulher nem é tão bonita, mas tem aquele tcham. Quando passa chama a atenção, só com batonzinho e uma roupinha básica. Mas isso não quer dizer que ela é feminina ou não. Quer dizer que ela tem aquela atitude, a sexualidade faz parte dela.

GISELIA ALVES: Você com um relacionamento fixo não tem outros casos, ou aparece um casinho ou outro?

RAQUEL: hum rum (sim)

GISELIA AVES: Digamos que nesse casinho outro, você iria ou já foi pra cama no primeiro encontro?

RAQUEL: já fui. Inclusive com esse foi mais ou menos assim. Não aconteceu o ato mais a gente foi pra casa dele e rolou aqueles amassos básicos. E a gente tá junto até agora em sete meses, eu acho que tá.

GISELIA ALVES: Mas você iria pro motel?

RAQUEL: Sim.

GISELIA ALVES: E pagaria a conta?

RAQUEL: Já aí não.

GISELIA ALVES: porque não?

RAQUEL: Porque eu acho muito estranho, embora diga que isso é machismo, eu acho que tem que ser o homem mesmo. A gente já gasta tanto com a gente, até mesmo pra ir a esse encontro.

GISELIA ALVES: Lembra que te fiz essa pergunta no questionário? Por que? Foi pra cama, desfrutou do mesmo prazer e não pagaria a conta?

RAQUEL: Não.

GISELIA ALVES: E aí, conheceu o rapaz, saiu com ele, foi pro motel e não pagou a conta (hahaha), no dia seguinte tu fica esperando uma ligação dele, ou pelo menos um zap pra dizer como foi a noite anterior? Ou não, “eu já saí, já curti vou mandar aqui uma mensagem pra ele”?

RAQUEL: hum hum, sinceramente não.

GISELIA ALVES: E o que tu pensa da mulher que faria isso? Saiu com o cara na noite anterior, embora não tenha pago a conta, no outro dia ela pensou “não vou esperar que ele me mande mensagem, vou dizer pra ele como oi pra mim a noite de ontem, o que eu senti”, o que

você acha dessa mulher que toma essa iniciativa, desde a saída dela pro motel até a ligação no outro dia?

RAQUEL: “Eu boto é fé”. Então, eu acho que ela tem coragem, atitude, sabe o que quer, e as vezes a gente não tem essa coragem, prefere esperar, com medo do que ele vai pensar. Até mesmo sendo aquela coisa muito boa, não. Eu esperaria, a gente nunca sabe o que o homem quer, eu prefiro ficar neutra.

GISELIA ALVES: Você não tem medo de ter passado pelo homem da sua vida e ter perdido a oportunidade de agarrá-lo?

RAQUEL: Já experimentei, tá bom. (hahaha)

GISELIA ALVES: Assim, se fosse pra tu dizer uma palavra ou uma frase pra definir esse tipo de mulher, que tem esse comportamento, o que você diria?

RAQUEL: autônoma. Uma mulher cheia de atitudes, decidida, que sabe o que quer, assim.

GISELIA ALVES: Tu não se encaixaria no perfil dessa mulher?

RAQUEL: Não. Pois é, nos meus relacionamentos eu sempre esperei, nunca fui de dar o primeiro passo. Eu já sofri tanto que, fico meio que om um pé atrás. Gato escaldado tem medo de água fria (hahaha)

GISELIA ALVES: Tipo “já sofri, tenho medo de sofrer de novo?”

RAQUEL: É. Talvez eu tenha até feito isso. Tô tentando lembrar. Mas, não faria de novo.

GISELIA ALVES: Você não se considera essa mulher de atitude? Iria com um homem pro motel no primeiro encontro, mas não ligaria no dia seguinte pra dizer como foi, certo!?

RAQUEL: Eu me considero de ir no primeiro encontro, sim. De ligar, não. É meio contraditório (hahaha), louca eu (hahaha).

GISELIA ALVES: Você espera que apareça aquele príncipe encantado, o romantismo de antes?

RAQUEL: Sim. Besteira isso, mas é verdade.

GISELIA ALVES: O que você tem como prioridade hoje na tua vida?

RAQUEL: Em relação a que?

GISELIA ALVES: em relação ao contexto todo da sua vida?

RAQUEL: Sinceramente, a minha prioridade é minha vida profissional. Assim, um homem, um namorado, hoje, não é minha prioridade hoje não. Eu ficaria bem sozinha, assim. Um casinho aqui outro acolá, uns “P. A.” por aí. De ter como objetivo, não.

GISELIA ALVES: Então, hoje tu tem uma mente mais aberta...

RAQUEL: Mais, ainda estou presa as convenções (hahaha). Inclusive, eu penso até na roupa na hora de sair, as vezes. E isso é ruim, porque antes a gente pensava na roupa que ia usar no

que a outra poderia pensar, hoje, quando penso na roupa que vou vestir, penso no que poderia acontecer comigo por conta da minha exposição com aquela roupa. Que além de ser uma convenção é o medo junto, medo de sair e ser estuprada, porque eles não olham pra o teu tipo, eles olham pelo fato de tá vestida daquele determinado jeito. Entende?

GISELIA AVES: Hummm! Obrigado Raquel, pelas respostas e por me dá o prazer de tomar essa água de coco com você nesse ambiente agradável da Beira Rio. Espero te ver mais vezes pra bater um papo tão auto astral, falando de uma coisa tão “tabu” quanto esse.

RAQUEL: Que bom que gostou.

ENTREVISTA 4_ 15/05/2018

GISELIA ALVES: Vamos começar pelo teu nome, idade profissão, se tem ou não alguma denominação religiosa, se é casada ou solteira, você vai falar um pouquinho da tua vida.

SUZANA: Meu nome é Suzana Vila Nova Alcântara, tenho 30 aninhos (hahaha), a profissão que eu estou exercendo atualmente é de recepcionista no Centro de Especialidades Odontológicas, recém-formada em Serviço Social, sou evangélica, sou casada, recentemente casada, estou num relacionamento sério e mesmo assim, ainda tenho a esperança de encontrar o homem da minha vida (hahaha).

GISELIA ALVES: Recém-casada e ainda não encontrou o homem da sua vida?

SUZANA: Assim, não tô muito satisfeita com o atual não (hahaha)

GISELIA ALVES: Você tem um perfil de homem ideal na sua cabeça?

SUZANA: Na verdade, eu queria um homem que me desse mais assistência em todos os sentidos.

GISELIA ALVES: Então nesse caso, casada, mãe de família, trabalha fora de casa, se considera uma mulher autônoma? Qual a tua concepção de autonomia?

SUZANA: Não. Autonomia é uma pessoa que trabalha por conta própria, né!? No meu entendimento. Eu presto serviço pro município, então não sou autônoma. Eu não tenho meu próprio negócio.

GISELIA ALVES: E com relação a tua vida privada?

SUZANA: Aí sim, eu me considero uma mulher bastante autônoma com relação as minhas decisões. Porque autonomia pra mim nesse caso, é eu ter o poder de decidir obre minhas escolhas.

GISELIA ALVES: Tu é uma mulher feminina? O que é uma mulher feminina?

SUZANA: Sou bastante feminina. Uma mulher que tem vaidade, eu penso. Eu sou uma mulher que tem bastante vaidade. Eu gosto de me cuidar, cuidar do meu cabelo, da minha pele do meu corpo. Então eu me considero uma mulher feminina.

GISELIA ALVES: Vamos adentrar mais um pouquinho no assunto. Você iria ou já foi pra cama com um homem no primeiro encontro?

SUZANA: Nunca. Nunca fui. Acho uma coisa muito íntima ir pra você se entregar logo de cara pra um homem no primeiro encontro. Sem conhecer? Acho que precisa conhecer a procedência da pessoa.

GISELIA ALVES: E se você gostasse de um homem, e sentiu atraída por ele, você o convidaria pra sair? Pagaria a conta do encontro? E do motel, se por ventura rolasse?

SUZANA: sair, sim. Pagar a conta, nunca. Não gosto da ideia. Por que isso tem que partir do homem. Eu vou pelos princípios bíblicos que o homem, ele tem que ser o provedor. Pagar o motel, nunca. Não acho legal isso. É como se eu tivesse pagando pra alguém ter o meu corpo. Eu não consigo aceitar essa ideia de tá pagando pro cara me comer. Não consigo.

GISELIA ALVES: O que você acha da virgindade?

SUZANA: Minha concepção de virgindade. A gora você me pegou. Eu acho que virgindade é a mulher querer se reservar e esperar o momento certo pra se entregar pra pessoa que ela acha que é o parceiro ideal, o homem da vida dela.

GISELIA ALVES: tu acha que nos dias de hoje caberia a mulher esse pensamento de casar virgem?

SUZANA: Hoje, acho que não mais. Mas, respeito s mulheres que ainda preservam sua virgindade. Acho bonito, a mulher que se resguarda esperando o príncipe encantado.

GISELIA ALVES: aí tudo bem, ela se resguardou esperando aquele homem dos sonhos dela, e se depois de casar com esse homem ela não gostar de fazer sexo com ele? Porque segundo os princípios bíblicos casamento é pra vida toda, não oi assim que a gente aprendeu?

SUZANA: Acho que quando a mulher gosta, com certeza ela vai gostar do sexo dele também. Se ela tem sentimento pelo cara com certeza ela vai gostar do sexo.

GISELIA ALVES: Me diz uma coisa, o que você acha da mulher que toma a iniciativa com relação a conquistar o homem, dela se insinuar pra ele, ou até mesmo fazer a proposta pra ele que quer ir pra cama?

SUZANA: Com relação a proposta de ir pra cama, eu não acho legal, já a de se insinuar dando a entender que tá afim, sem ser vulgar, sim. Um jogo de olhares, eu já fiz isso. Aí, pra finalizar na cama, não. Aí a gente vai sair, conversar, dá uns beijinhos, mais direto ir pra cama, não.

GISELIA ALVES: se fosse pra tu definir a mulher que tem esse tipo de comportamento em uma frase ou em até uma palavra o que você diria?

SUZANA: se for pra responder sem pensar, eu diria que ela é uma mulher fácil. Por que a gente pré julga que é uma mulher fácil. Agora se for parar pra analisar, são muitas coisas envolvidas, há todo um contexto por traz disso.

GISELIA ALVES: Certo! E como você vive a tu sexualidade hoje?

SUZANA: posso ser bem sincera? A minha sexualidade eu tenho deixado um pouco de lado, pelo fato de estar priorizando outras coisas nesse momento da minha vida.

GISELIA ALVES: Quais são essas prioridades?

SUZANA: Dinheiro, me estabilizar profissionalmente pra dar uma qualidade de vida melhor pros meus filhos, pra mim também. Um conforto. É o que todo brasileiro busca hoje em dia, né! E acaba que a sexualidade da gente vai ficando um pouco de lado, mas, de vez em quando a gente encontra um tempinho pra coloca ela em prática (hahaha).

GISELIA ALVES: Obrigada Suzana, foi ótimo conversar com você, e obrigada pela sua contribuição pra minha pesquisa.

SUZANA: Mais já? Agora que tava começando a gostar (hahaha).

ENTREVISTA 5_ 16/05/2018

GISELIA ALVES: Boa noite! Vamos começar pelo seu nome, idade, profissão me fale um pouco de você.

CÁSSILA MAÍSA: Eu me chamo Cássila Maísa dos Santos Mota, tenho 33 anos, farmacêutica, sou casada e evangélica. Sou mãe de dois filhos, que são a razão da minha vida, juntamente com meu esposo, um homem que Deus preparou e me deu de presente.

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher autônoma? O que é autonomia na sua concepção?

CÁSSILA MAÍSA: De cara digo logo que não sou uma mulher autônoma. E o que eu tenho por conceito, na minha concepção uma mulher autônoma, como o nome já diz é aquela que tem autonomia não só em relação a profissão, mas em relação a toda estrutura familiar. É uma mulher que não tem medo dos pensamentos que ela tem ou que estão por vir a algum desejo, alguma atitude que ela vai tomar ou alguma decisão que porventura venha executar. Eu acho que é mais ou menos isso. É autonomia a tudo que ela se envolve. Então assim, não sou uma mulher autônoma.

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher feminina?

CÁSSILA MAÍSA: Sim. Eu me considero uma mulher feminina. Uma mulher feminina é aquela que se encaixa em características, é, de mulher (hahaha). Que tem uma vaidade em se arrumar, se vestir, em relação a maquiagem, a se produzir, a feminilidade vem disso, de realçar o que ela tem, valorizar o que ela tem, seja na vestimenta, seja na maquiagem. Eu acho que é isso.

GISELIA ALVES: Você iria, ou já foi pra cama com um homem no primeiro encontro?

CÁSSILA MAÍSA: Não. Não teria essa coragem. Na realidade, eu acho muita entrega pra pouco conhecimento, ou seja, você precisa conhecer.

GISELIA ALVES: Você conheceu um homem, saíram pra jantar, não foram pro motel, e no outro dia você ligaria pra dizer algo sobre a noite anterior?

CÁSSILA MAÍSA: (hahaha) Eu não ligaria por que eu acho que isso é uma atitude ansiosa e um pouco precipitada. Eu acho também que, eu ficaria com medo que ele pensasse que eu estivesse indo com muita sede ao pote, digamos assim, né! Criando uma expectativa que talvez não seria a mesma dele. Então, não ligaria, por esse motivo.

GISELIA ALVES: Já pagou a conta do encontro alguma vez?

CÁSSILA MAÍSA: Se em algum encontro eu já paguei a conta? Não me recordo, só depois de casada (hahaha). Quando namoramos acho que não, nenhuma vez.

GISELIA ALVES: O que você acha da virgindade? Da mulher que tem o pensamento de casar virgem nos dias de hoje?

CÁSSILA MAÍSA: Acho que a virgindade é uma coisa boa, além de ser uma orientação bíblica, né! Como evangélica, eu priorizo a Bíblia. Acho que nos dias de hoje as pessoas deveriam sim se preservar a virgindade deveria ser como uma escolha de ambas as partes, independente do gênero, e não uma imposição só para as mulheres.

GISELIA ALVES: O que você acha da mulher que se insinua para o homem que ela tá afim, ou que vai para a cama no primeiro encontro?

CÁSSILA MAÍSA: Eu acho que ela é muito corajosa, né! Por que eu acho bem complicado isso. É muito inseguro. É uma mulher de personalidade forte, é a primeira coisa que vem na minha cabeça é isso. Eu teria medo de fazer isso. Primeiro que ela é bastante decidida, mas de certa forma de uma coragem extrema, por que eu não faria isso. Na verdade, a gente não sabe se a pessoa é direita, então eu prefiro conhecer. Em segundo, que é uma atitude um pouco precipitada. Acho que a gente tem que pensar um pouco antes de tomar certas atitudes na vida.

GISELIA ALVES: Quais são as suas prioridades hoje?

CÁSSILA MAÍSA: A minha prioridade em relação a minha vida pessoal é a minha família. Que mesmo que eu vá para o trabalho, e tenha uma vida conjugal, a minha prioridade é minha família. Deus em primeiro lugar e depois a minha família. Minha base.

GISELIA ALVES: Como você vive sua sexualidade?

CÁSSILA MAÍSA: Apesar de ter dez anos de casada, eu acho que a minha vida, não sei se é disso que é a pergunta (hahaha), mais é muito boa, a gente tenta se reinventar, eu vejo como o vinho que com o tempo foi ficando melhor. Então assim, a gente tem uma cumplicidade muito grande, um envolvimento muito grande, a gente se respeita muito, se ama bastante. Eu acho que isso é fundamental pra uma vida sexual ativa, e a minha é muito boa. Eu posso dizer que eu sou uma mulher bem realizada nesse sentido e bem ativa também (hahaha).

GISELIA ALVES: Você foi excelente!

CÁSSILA MAÍSA: Eu fui muito objetiva. Mas, enfim, espero que esteja certo!

GISELIA ALVES: Agradeço por você ter respondido minhas perguntas e por ser esse ser humano incrível.

CÁSSILA MAÍSA: Eu que agradeço. Se tu falar assim, eu vou acabar chorando.

ENTREVISTA 6_ 19/05/2018

GISELIA ALVES: Tu vai começar dizendo o teu nome, idade, profissão, se pertence a alguma denominação religiosa, se é casada ou solteira. Tu vai resumir um pouco a tua vida amorosa.

GIRLENE: Meu nome é Gírlene da Anunciação Leite, tenho 35 anos, sou separada de fato ainda casada no papel, sou secretária em um escritório de advocacia da família, sou bacharel em direito, não estou frequentando nenhuma igreja, mas me considero católica.

GISELIA ALVES: Você tem um tipo ideal de homem, aquele tipo formado pela tu cabeça, tipo assim, “se fosse pra mim ter um homem eu queria que fosse desse jeito”.

GIRLENE: Bem, desde eu jovem, ainda sou jovem (hahaha) uma jovem senhora, mas desde eu jovem que eu idealizava um homem príncipe, como era esse príncipe? não em questão de beleza, de físico ou de cor, não. Eu pensava num homem que fosse educado, companheiro, que fosse gentil que gostasse das mesmas coisas que eu gosto, gostasse da minha família e que fosse bom em outras coisas (hahaha)

GISELIA ALVES: Hoje em dia você ainda busca esse tipo de homem?

GIRLENE: Eu encontrei meu príncipe já, não do jeito que eu pensava, mas, do jeito que eu precisava eu encontrei, já temos uma história, mas ainda não se concretizou do jeito que eu quero.

GISELIA ALVES: Tu leva uma vida independente, tu se considera uma mulher autônoma?

GIRLENE: Eu me considero uma mulher autônoma. A principal causa dessa autonomia que eu sinto que tenho é a questão de ter a minha vida e não me preocupar com nada. Se eu tiver fazendo algo errado mas, se eu sei que aquilo me faz bem, e eu tô querendo fazer aquilo, não vou me importar do jeito que as pessoas pensam, ou do jeito que elas querem que eu viva, eu vou fazer o que é melhor pra mim.

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher feminina? O que é uma mulher feminina?

GIRLENE: A mulher feminina, tem que ter seu lado sensual, tem que ter seu lado feminino em casa pro seu lar pro seu companheiro, namorado. Tem que ousar do seu jeito, pro que você quer com seu jeito de vestir. O seu comportamento, até seu caminhar já mostra se ela é feminina.

GISELIA ALVES: Assim, tu já saiu ou sairia com alguém no primeiro encontro, logo que você conhecesse ele?

GIRLENE: Eu sempre tive medo, muito medo de sair com um homem na primeira vez que eu conheço, jamais. Eu não tenho coragem de entrar num carro com uma pessoa, ir pro motel, ter

relação com um desconhecido. Justamente por esse medo que os homens repassam pras mulheres. Da falta de respeito que muitos homens tem, que já nos toma por inteira, esse medo que generaliza. Mas, se for a pessoa que eu olhei, já conheço a índole dela, faz parte do meu convívio. Eu já fui a primeira vez com alguém assim, eu já conhecia só não tinha intimidade.

GISELIA ALVES: E nessas saídas, já pagou a conta?

GIRLENE: Várias vezes. Jantar, motel e dos fetiches também, dos produtos de sex shop pra apimentar o relacionamento. Com certeza, isso tem que ter (hahaha) a mulher tem que ter iniciativa por que ela não tem que esperar só do homem, porque ela tem que esperar só do homem se o prazer vai ser pros dois? Mesmo que ele tenha dinheiro, ela pode muito bem dizer “hoje eu quero pagar a conta”, “vamos pro motel que hoje eu pago”. Já fiz isso e não tive nenhum problema em eu pagar.

GISELIA ALVES: Se fosse pra definir essa mulher em uma frase ou uma palavra o que você me diria sobre essa mulher?

GIRLENE: Uma mulher de atitude.

GISELIA ALVES: e o que você acha da virgindade nos dias de hoje?

GIRLENE: A virgindade se tornou hoje algo irrelevante para a sociedade. Embora muitas pessoas ainda tenha aquele mito de “ah! Eu vou casar virgem!” eu sonhava em casar virgem, tanto é que, que eu perdi minha virgindade depois dos 18 anos porque eu tinha a vontade de casar virgem, mas, eu não critico quem não é mais ou quem quer se manter assim. Ela tem que saber se é o momento certo ou a pessoa certa pra que depois ela não venha a se arrepender. Porque, tem homens e homens. Aí depois ele sai falando por aí o que fez e não fez com aquela moça, causa até um transtorno na vida dela. Ela pode até ficar com medo de ter outro relacionamento, ou até mesmo medo de ter outra relação sexual com outro parceiro. Traumas existem com relação a isso.

GISELIA ALVES: Você acha que caberia aos dias de hoje?

GIRLENE: Sim, cabe sim. Desde que seja o desejo da pessoa. Respeito muito, acho muito bonito isso.

GISELIA ALVES: Como você vive a sua sexualidade hoje?

GIRLENE: a minha vida sexual, é o seguinte: eu quero fazer sexo todo dia e se possível duas ou três vezes por dia se der. Mas, é muito bom ter uma relação sádica com quem a gente gosta, que a gente ama, que a gente se sintam bem, e a gente sintam que a outra pessoa tá sentindo o mesmo prazer em estar com a gente. E se for assim, eu quero fazer todo dia. No dia que eu não faço amor parece que o dia não tá completo.

GISELIA ALVES: O que você tem como prioridade na sua vida? No contexto geral da tua vida?

GIRLENE: A prioridade é eu ser feliz e fazer o outro feliz. O outro que eu digo, não é só o homem que tá comigo, mas a minha família, fazer as outras pessoas que estão perto de mim felizes.

GISELIA ALVES: Obrigada por fazer parte da minha pesquisa respondendo minhas perguntas.

GIRLENE: por nada!

ENTREVISTA 7_19/05/2018

GISELIA ALVES: Nós vamos por você dizer seu nome, idade, profissão, se tem alguma denominação religiosa, se é casada ou solteira, e resumir um pouquinho da tua vida, teu comportamento como mulher dentro de casa e fora de casa.

PÂMELA: Meu nome é Pâmela Daniele dos Anjos, tenho 36 anos, casada, mãe de dois filhos. Sou pedagoga, mas atuo como confeitadeira hoje. Sou cristã. Resumindo a minha vida? Ham! Sou doida por sexo, taaaarada! Amo minha casa, gosto de me arrumar, me emperiquitar. Hoje eu estou gostando mais de mim, estou me cuidando, estou na academia. Hoje, porque antes eu vivia só pra família, e agora estou vivendo mais um pouco pra mim.

GISELIA ALVES: O esposo que tu tens hoje, é aquele esposo que você idealizou, o parceiro ideal pra você?

PÂMELA: Sim. Só que ele faz pouco sexo oral. Eu queria que ele fizesse mais. E as vezes a gente tem um pouco de discussão porque eu sou um pouco amorosa e ele é menos do que eu. Aí a gente quer sempre um parceiro igual, pelo menos que nessa área de carinho seja recíproco.

GISELIA ALVES: tu se consideras uma mulher autônoma? O que é autonomia na tua concepção?

PÂMELA: Sim. Autonomia é ser uma mulher que não depende totalmente do outro pra viver. Se você for largada, posta no mundo você consegue se virar sem depender totalmente da outra pessoa. Isso é autonomia pra mim.

GISELIA ALVES: Isso não seria independência?

PÂMELA: É, pode ser. Nesse sentido autonomia seria independência. Só que uma independência em que todo mundo precisa de todo mundo. Eu não dependo, mas eu preciso, se precisar. Entendeu!?

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher feminina? O que é uma mulher feminina?

PÂMELA: Sim, muito. Eu acho que é uma mulher que expõe sua feminilidade. Que goste de ser mulher. Que goste de, como é que eu posso dizer, que goste de coisa de mulher. Que mostre que é feminina. A sociedade num impõe um padrão de coisa de mulher? Pois é, que goste dessas coisas de mulher.

GISELIA ALVES: Certo! Tu já saiu alguma vez, ou tu sairia com um homem pra cama no primeiro encontro?

PÂMELA: mais rapaz! Com certeza!

GISELIA ALVES: E se fosse pra você pagar a conta dessa saidinha ou até a do motel, tu pagava?

PÂMELA: Pagava. Se fosse gostoso eu pagava. Se fodesse bom, eu pagava. Na hora! Com meu esposo eu paguei a primeira vez, que ele era desempregado, aí eu paguei que eu era empregada.

GISELIA ALVES: E isso atrapalhou alguma coisa?

PÂMELA: pelo contrário. Eu acho que ele fez foi gostar que tá comigo até hoje, 15 anos.

GISELIA ALVES: Se fosse pra tu resumir em uma frase ou uma palavra essa mulher que tem esse tipo de comportamento, o eu você diria?

PÂMELA: Moderna. Autônoma. Inteligente, pelo menos eu acho.

GISELIA ALVES: tu não acha que sair no primeiro encontro com um homem sem conhecer a realidade que ele vive não seria perigoso? Hoje, analisando aqui a cidade de Imperatriz?

PÂMELA: Eu acho que sair com um homem no primeiro encontro se você já conhece ele eu não acho perigoso. Porque no caso eu já conhecia a pessoa.

GISELIA ALVES: Um exemplo: tu vai pra uma festa, tu conheceu um cara, você gostou dele, sentiu atração por ele, se insinuou, rolou aquele clima, e aí?

PÂMELA: Perigoso é., mas, você corre perigo até saindo na calçada. Corre o risco de ser assaltada pegar um tiro e morrer ali mesmo na calçada.

GISELIA ALVES: Como você vive a tua sexualidade hoje?

PÂMELA: Exposta. Eu não tenho esse negócio de mi mi mir. “meu amigo tu que? Quer? Pois tá aqui!” eu não tenho esse negócio de “papas na língua” não. Minha religião não deixa que eu seja tapada por não aceitar alguém que seja diferente, um amigo que seja gay, uma amiga que seja lésbica ou uma amiga que tenha um relacionamento aberto com várias pessoas. Pra mim é tudo normal.

GISELIA ALVES: Quais são as tuas prioridades hoje?

PÂMELA: As minhas prioridades sempre foi e sempre será a minha família. O bem estar da minha família. Sempre coloco a minha família em primeiro lugar. Hoje eu estou me cuidando mais, estou me colocando também um pouquinho ali emparelhado.

GISELIA ALVES: Obrigada Pâmela!

PÂMELA: por nada!

ENTREVISTA 8_ 19/05/2018

GISELIA ALVES: Vamos lá! Seguindo um roteirinho. Você começa dizendo o teu nome, idade, profissão, religião, casada ou solteira. Me diz um pouquinho da tua vida.

LUIZA: Meu nome é Luiza Frazão. Tenho 62 anos. Sou casada. Tenho 12 filhos em várias situações entre biológicos, filhos adotivos legalmente e filhos adotivos pelo coração, 12 ao total. Tenho 6 netos. E formei já na idade avançada em serviço social, estimulada pelo próprio trabalho que eu fui inserida, me deram oportunidade de ir trabalhar na área social e isso me estimulou para a profissão. Tenho 2 anos de formada e estou aqui batalhando na vida. Minha religião é espírita.

GISELIA ALVES: tem uma vida sexual ativa?

LUIZA: Tenho uma vida sexual ativa. Tentando acalmar o marido, mais o bicho não acalma de jeito nenhum.

GISELIA ALVES: Ele é o tipo de homem que mais se parece com o teu perfil de mulher?

LUIZA: Sim. Desde o início. Nós tivemos uma relação muito cedo de nos encontrar, eu com 15 anos e ele com 18, levamos 7 anos nos conhecendo. Dentro daquela educação completamente tradicional, buscando organizar a família, buscando organizar a formação, tempo do casamento virgem. O homem tinha mais liberdade nessa época de buscar outras experiências que com certeza ele teve. Mas, nós tivemos um relacionamento de 7 anos antes de casar tudo dentro dos padrões conforme aquela educação tradicional.

GISELIA ALVES: hoje, você se considera uma mulher autônoma? Qual o teu conceito de mulher autônoma?

LUIZA: Totalmente. Em todos os sentidos. Essa liberdade eu conquistei desde o início. Eu tenho liberdade na minha vida conjugal, eu faço aquilo que eu quero contanto que eu não prejudique a minha família, o respeito mútuo, mas eu tenho total liberdade de escolher o que eu quero fazer, de ir a onde eu quero ir, de viajar com companheiro ou sem companheiro de usar o que eu quero usar e de conhecer o que eu quero conhecer. Sem ser tolhida em nada.

GISELIA ALVES: Nesse período desde que você conheceu o senhor Frazão, tem algumas inconstâncias pelo fato do seu comportamento. Qual a sua visão hoje do relacionamento de antes até agora?

LUIZA: É totalmente diferente. Eu tive que me reeducar sozinha, me transformar juntamente com a mudança da sociedade e que eu vim conquistando ao longo do tempo, né. Por ter tido uma educação tradicional, tudo dentro dos conformes. E hoje eu tenho uma educação totalmente diferente e que eu dou pros meus filhos é completamente diferente da que eu tive,

da forma como eu fui educada, eu tive que conquistar isso. E durante essa conquista é claro que você cria esse embate. Aí com um jeito você vai mostrando que não é porque eu vou num show que meu marido não vai que eu vou fazer bandalheira. Eu vou num show por que eu quero ir, quero ouvir a música, me divertir, dançar mesmo sem tá com a companhia dele, com companhia de outras pessoas.

GISELIA ALVES: Sendo de uma geração diferente dessa de hoje, mas que se reeducou pra tá nesse meio com pessoas mais jovens, tu acha que teve uma mudança tua de concepção depois que você teve mais informação depois do ensino superior?

LUIZA: Não só no ensino superior. Eu comecei a mudar a minha concepção de ver a vida diferente com os filhos. Da época que foram me mostrando outros conceitos que eu tinha que repassar esses novos conceitos pra essa nova geração que eu estava responsável em criar e educar. E foi aí que eu fui atrás dessas informações. E fui com eles. Se eles iam pra show eu ia também. Se eles iam em reunião de amigo eu tava lá com eles. Que eu queria me inteirar da realidade. O que que eles estavam conversando? O que eles estavam pensando? Qual a forma deles se relacionarem? Como é que eles brincavam entre si? Eu trazia eles pra dentro de casa, não só os mais os amigos dos amigos deles. Pra mim saber como era essa realidade. Eu não queria ficar fora da realidade deles. Eu não queria morrer na vida. Não queria ficar apagada. Eu queria crescer com eles. Aí eu puxei o Frazão atrás. Entendeu?!

GISELIA ALVES: Luiza, tu se considera uma mulher feminina? Qual a tua concepção de mulher feminina?

LUIZA: Sou feminina. Sou vaidosa. Não sou feminista ao extremo. Tem muitas coisas dentro do feminismo que eu não concordo, uma delas é o aborto. Não concordo de maneira alguma com o aborto. Dentro da minha concepção religiosa, dentro da minha concepção humana eu não sou a favor do aborto. Então com isso o feminismo me deixa um pouco de fora dessa corrente bem pesada, extremista. Ser feminina, é a forma como eu me sinto mulher, da forma como eu me expesso nas minhas colocações, na forma como eu me apresento, principalmente no meu sentimento. Na forma como eu me sinto.

GISELIA ALVES: Antes do casamento, tu já saiu ou você sairia com um homem no primeiro encontro?

LUIZA: Não. Na minha adolescência, na forma como eu fui educada, jamais. Nem pegar na mão.

GISELIA ALVES: Na visão que você tem de mundo o que você me diria da mulher que tem esse tipo e comportamento de sair com o cara e ir pro motel no primeiro encontro?

LUIZA: Total mente normal. Porque aí é os direitos iguais que nós viemos conquistando ao longo do tempo. Que antigamente os homens tinham direito a tudo, a serem felizes, ariscar a viver o momento e nós não tínhamos esse direito. Nós ficávamos só no querer e engolindo os nossos desejos, as nossas vontades.

GISELIA ALVES: e o que você diria do pensamento da mulher casar virgem nos dias de hoje?

LUIZA: Totalmente arcaico. Que eu acho que a educação sexual a partir do momento que você tem desejos e se sente pronta pra isso, é humano, é biológico, não é uma condição. “Que você só tem que transar casando”, pra você transar nessas condições. Você tá se violentando, é uma auto violação. É uma violência contra os seus desejos, contra sua realização. Isso é direitos iguais. Porque que o homem tem esse direito de ser feliz, de sentir prazer e a mulher não, tem que se abafar.

GISELIA ALVES: Se fosse pra você resumir muna frase ou numa palavra a mulher que tem esse tipo de comportamento que conheceu um rapaz saiu com ele, inclusive pagou a conta, que hoje é muito comum, ou pelo menos deveria ser, e foi pro motel, o que você diria?

LUIZA: Eu acho que é uma questão de conquista. É uma mulher completamente moderna. É uma mulher atual. É uma mulher que vive o seu momento. É uma mulher que está olhando pra si mesmo, certo! Que está sendo feliz do jeito dela. É uma mulher completamente atual. E pra frente as coisas vão acontecer, sem á o que, com relação a essa emancipação da mulher dentro desse contexto sexual, desse contexto social, profissional. Que hoje a gente pode fazer o que a gente quer. Antigamente a gente era moldada a certas coisas, que no reprimia. E hoje a gente vai atrás do que a gente quer, daquilo que a gente deseja, daquilo que a gente sonha.

GISELIA ALVES: E hoje como é que a Luiza Frazão vive a sexualidade dela?

LUIZA: Plena. Só transo quando eu quero. Não tem imposição. Eu acho que o meu desejo tá superior ao desejo dele, por que ele tem desejo 24 horas, mas, o meu precisa ser respeitado. Nós temos um desejo diferente do desejo masculino, né!. Pra mim o sexo, eu tenho que querer, tá pronta pra isso.

GISELIA ALVES: o que é prioridade na tua vida?

LUIZA: Eu priorizo o meu bem estar. Eu quero ir pra tal situação eu tenho a certeza e satisfação do que eu tô fazendo, seja na minha profissão, na minha vida doméstica, eu só avo louça quando eu tenho vontade de lavar, eu só impo minha casa quando eu tenho vontade de limpar. Já acabou. Tirei de mim a obrigatoriedade de fazer certas coisas, totalmente. E conquistei isso.

GISELIA ALVES: certinho Luiza. Pois, obrigada.

ENTREVISTA 9_ 20/05/2018

GISELIA ALVES: Vamos começar! Você começa dizendo seu nome, idade, profissão, denominação religiosa, se é casa dou solteira. Resume um pouco da sua vida.

ZÉLIA ALVES: Vamos lá! Me chamo Zélia Alves. Tenho 36 anos. Sou acadêmica de Design, embora com o curso trancado. separada a 5 anos. Trabalho no ramo de confecção, sou Pilotista. E tenho duas filhas de 9 e 11 anos. Sou uma pessoa responsável, sem frescura, nem problemática. Sempre quis um homem também assim, respeitador e transparente.

GISELIA ALVES: tá em algum relacionamento ultimamente?

ZÉLIA ALVES: Não. As pessoas complicam muito as coisas. Quando vê que a pessoa tem filho, mais ainda. Fora que quando sabe que a mulher foi casada aí já quer logo ir morar junto, quero nada. E assim, tá bom demais a vida assim sem dor de cabeça, nem preocupação, nem responsabilidade assim, de dá satisfação da minha vida pra ninguém.

GISELIA ALVES: E como é que fica sem sexo?

ZÉLIA ALVES: Não falei de ficar sem sexo, falei de compromisso. Porque sexo aparece, pra isso nem precisa de relacionamento. E tem mais, quando a gente não coloca isso em primeiro plano, isso aí passa com banho gelado (hahaha). E sexo sem sentir nada num presta não, melhor banho gelado. Ah! Café quente também resolve (hahaha).

GISELIA ALVES: Se considera uma mulher autônoma?

ZÉLIA ALVES: Sim. Não dependo financeiramente de ninguém. E em relação a sexo, pra isso tem, só não tem pra compromisso, por isso nem ando procurando, se tiver que aparecer, ele vem. Tem muita gente solteira, eu pensei que era pouca, mas, é muita gente que prefere ficar sozinha e isso é questão de escolha, de autonomia, de se considerar autossuficiente sozinha. Autonomia de tomar posição de chegar, de ser a que decide. Apesar deles não se sentirem bem com uma mulher assim, o homem quer que ela tome iniciativa, seja o macho da relação, porque eles forçam isso da gente. Que ela peça em namoro, que ela peça pra ele vir pra casa dela. Eles invertem os papéis com a forma como eles se posicionam forçando a gente a tomar posições.

GISELIA ALVES: Tu se considera uma mulher feminina?

ZÉLIA ALVES: Muito, muito feminina. Mas, por algumas ações e atos de vez em quando me olho no espelho e vejo uma mulher, mas com a responsabilidade de um macho.

GISELIA ALVES: Mas, tu já saiu ou sairia com um homem no primeiro encontro?

ZÉLIA ALVES: Não. Mas quero e eles também querem. Não fui ainda nesses casos por que não rolou. Mas, eu iria, claro.

GISELIA ALVES: mas quando tu sai e conhece um homem, como você age no outro dia?

ZÉLIA ALVES: Depende do agrado do dia anterior. Mas eles mandam mensagem demais, enche o saco. Muita das vezes até, a gente tem que ser grosseira pra eles entenderem e não mandar mais mensagens.

GISELIA ALVES: Mas, no dia seguinte tu ligaria pra dizer se gostou ou não gostou?

ZÉLIA ALVES: Claro! Como é que ele vai saber se eu gostei se eu não disser. E também, alimenta o ego deles ao saber que “foram bons” no que eles se propuseram (hahaha). Tem homem eu o ego é maior que os braços musculosos dele (hahaha).

GISELIA ALVES: O que você acha da mulher que ainda tem o sonho de se guardar pra um homem e fazer sexo só depois do casamento?

ZÉLIA ALVES: Iludida ela. Não existe esse “homem perfeito” que valha a supressão dos nossos desejos. Por que nós sentimos atração, gostamos de sexo, só que para eles, nós não sentimos nada disso, acha que só eles tem que descarregar a tensão do dia-a-dia. Embora eu seja adepta da religião protestante, não me conformo com a repressão da igreja em dizer que temos que ser pura, enquanto o homem sai transando com quem ver gostosinha pela frente. Casei virgem aos 26 anos, e estou separada a mais de 5 anos, o que adiantou? Me guardei pra alguém que nem valor deu a isso, me poupe. Sempre disse isso pra minha mãe, que é um desgosto que tenho dela, por não ter deixado eu sair, eu curtir minha juventude com o jeito de criar a gente. Você sabe o quanto ela nos podou de viver os nossos relacionamentos. E agora tenho duas filhas, eu amo minhas filhas, mas, talvez eu tivesse uma vida diferente agora.

GISELIA ALVES: Mas, na sua opinião, se fosse pra resumir em uma palavra ou em uma frase a mulher que tem o seguinte tipo de comportamento: ela vai pra uma festa, conhece um homem, se insinua pra ele dizendo que está afim dele, e depois vai pro motel com ele, o que você diria?

ZÉLIA ALVES: Ela é autêntica. Própria dos dias de hoje. Acho que moderna até demais. Acho que ela tem um pouco de várias mulheres juntas. Embora eu considere um pouco perigoso pros dias de hoje. Nunca fiz isso, a igreja me condenaria.

GISELIA ALVES: quais são suas prioridades nos dias de hoje?

ZÉLIA ALVES: com relação a que? A sexo?

GISELIA ALVES: Com relação a tudo.

ZÉLIA ALVES: minha vida é uma rotina. Todo dia faço praticamente as mesmas coisas, porque tenho o objetivo de dar o melhor pras minhas filhas e com certeza não repetir o erro da minha mãe de viver por elas, de viver a vida delas. Explico desde agora como são as coisas,

pra que eu venha ter confiança nelas depois e que elas saibam o que fazer em determinadas situações. Elas são minhas prioridades.

GISELIA ALVES: obrigado Zélia. Confesso que estou surpresa. Espera respostas mais conservadoras de você.

ZÉLIA ALVES: As coisas mudam.

GISELIA ALVES: obrigado!

ENTREVISTA 10_ 20/05/2018

GISELIA ALVES: Nós vamos começar assim, você vai dizer seu nome, idade, profissão se tem alguma denominação religiosa, se é casada ou solteira. Tu vai resumir um pouco da tua ida pra mim.

CRISTIANE: Então, eu me chamo Cristiane da Conceição Braga, tenho 31 anos. Sou casada e tenho dois filhos. Funcionária pública e artesã. Trabalho na Atenção Primária em Saúde. Eu também sou evangélica da Igreja Batista da Mangueira.

GISELIA ALVES: Teu esposo hoje, é o homem que tu idealizava na tua cabeça como sendo o perfil ideal pra você?

CRISTIANE: Sim. Exatamente do jeito que eu imaginei ou até melhor. Eu buscava em um homem companheirismo quase 100% é isso, e a formação de uma família também. Nosso relacionamento é muito bom, é muito bom, tudo na base da conversa. Eu não vou te dizer que a gente não briga, a gente tem algumas discordâncias, mas não é nada que venha a atrapalhar o nosso relacionamento não.

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher autônoma?

CRISTIANE: Me considero sim. Autonomia pra mim não é depender financeiramente dele, entendeu?! Ter minha profissão, meu trabalho, pra mim é isso. E outra coisa, eu tenho liberdade pra fazer o que eu quero, ele não me proíbe de nada. Acho que é isso.

GISELIA ALVES: Você se considera uma mulher feminina? O que é na tua concepção uma mulher feminina?

CRISTIANE: Sim, me considero uma mulher feminina sim. A mulher feminina é aquela que se cuida, que é vaidosa.

GISELIA ALVES: Você já foi ou iria pra cama com um homem no primeiro encontro?

CRISTIANE: Nunca fui, porém, hoje em dia acho que eu não iria não. Se fosse nos tempos da faculdade acho até que essas respostas seriam diferentes. Eu não tinha juízo, era louquinha, louquinha (hahaha). Coma cabeça que eu tenho hoje eu não iria. Tô mais madura, penso na minha família, não vou pela cabeça dos outros. Eu que tomo minhas próprias decisões. De imediato, assim, eu não iria. Talvez se eu conhecesse aí depois a gente prosseguiria.

GISELIA ALVES: Em algum encontro tu já pagou a conta, seja da saidinha ou até mesmo do motel?

CRISTIANE: Motel não, mas dividir a conta do jantar sim. Só do meu marido, de namorado não. Mas, já dividi sim.

GISELIA ALVES: Me diz uma coisa, o que você acha da mulher que conhece um homem, se insinua pra ele dizendo que tá afim numa festa e depois sai com ele pro motel, se fosse pra você definir em uma frase ou uma palavra o que você me diria?

CRISTIANE: Eu diria que ela quer curtição. Não quer compromisso, nem nada da vida. É difícil, acho que não sei responder direito não. Porque hoje eu tenho uma cabeça diferente amiga.

GISELIA ALVES: o que você acha da mulher que deseja casar virgem nos dias de hoje?

CRISTIANE: Amiga, eu acho legal. Só que hoje é muito difícil encontrar mulheres virgem e que também querem casar. Quando se acha uma eu até admiro.

GISELIA ALVES: Como você vive sua sexualidade hoje? O que mudou de antes quando você era solteira pra agora depois de casada?

CRISTIANE: Mudou pouca coisa. O que mudou foi a quantidade de vezes (hahaha). Depois que eu tive meu segundo filho diminuiu mais a libido. Mas, tá bom, sexo com amor, cuidado. No meu relacionamento eu sou feliz, porém em outras coisas ainda falta o complemento ainda pra eu ser feliz. Mas eu tenho Deus na minha vida, e eu sei que vou conseguir e vou ser totalmente feliz. No mais, eu sou feliz.

GISELIA ALVES: Como você vê as mudanças de comportamento da mulher nos dias de hoje? Por que você falou que mudou a sua concepção das coisas, então houve mudanças também pra você, o que você me diz?

CRISTIANE: Uma desvalorização total da parte das mulheres. Embora queiram viver a seu modo, que eu não tô aqui pra julgar, vivam de maneira que não exponham as outras. Por eu querendo ou não a sociedade generaliza.

GISELIA ALVES: quais são as tuas prioridades hoje? Qual o objetivo que você busca na sua vida?

CRISTIANE: O objetivo da minha vida é ajudar a minha família. Somente isso. É pra isso que eu trabalho, que eu tô lutando é somente pra ajudar a eles.

GISELIA ALVES: Obrigado por fazer parte do meu trabalho. Você é muito importante pra mim também.

CRISTIANE: Disponha amiga. Beijo.

GISELIA ALVES: Beijo no coração.